

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA

MIRLEI FACHINI VICENTE PEREIRA

Uma Trajetória de Encontros com a Geografia:
Reflexões sobre o Tempo,
as Práticas e as Experiências de Docência e Pesquisa

Uberlândia

2025

MIRLEI FACHINI VICENTE PEREIRA

Uma Trajetória de Encontros com a Geografia:
Reflexões sobre o Tempo,
as Práticas e as Experiências de Docência e Pesquisa

Memorial apresentado ao Instituto de
Geografia, Geociências e Saúde Coletiva
da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para a Promoção
ao cargo de Professor Titular do
Magistério Superior Federal.

Uberlândia

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P436t
2025

Pereira, Mirlei Fachini Vicente, 1981-

Uma trajetória de encontros com a Geografia [recurso eletrônico] : reflexões sobre o tempo, as práticas e as experiências de docência e pesquisa / Mirlei Fachini Vicente Pereira. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2025.5>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva. II. Título.

MIRLEI FACHINI VICENTE PEREIRA

Uma Trajetória de Encontros com a Geografia:
Reflexões sobre o Tempo,
as Práticas e as Experiências de Docência e Pesquisa

Memorial apresentado ao Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a Promoção ao cargo de Professor Titular do Magistério Superior Federal.

Uberlândia, 03 de novembro de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Cleps Junior (UFU)

Profa. Dra. Lisandra Pereira Lamoso – UFGD

Prof. Dr. Dimas Moraes Peixinho - UFJ

Prof. Dr. José Gilberto de Souza - UNESP

Resultado: Aprovado

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as gentes a quem encontrei, ao longo deste tempo e desta trajetória de vida e de Geografia – seja durante a minha formação, nos lugares em que trabalhei, pelos quais passei e que vive... Absolutamente, não consigo, aqui, nomear a cada um, visto que são muitos... (farei isso em parte, ao longo deste Memorial). Também vou agradecer pessoalmente, àqueles a que ainda eu possa fazer isso...

Quero agradecer a minha família, e especialmente a minha Mãe (dona Sandra), por tudo o que fez a mim, ao longo da vida. Obrigado por todo o apoio, sem o qual nada do que aqui descrevo teria sido possível, Mãe. Também muito agradeço a meu irmão (Márcio).

Aos meus professores, e sobretudo a Profa. Samira Peduti Kahil (*in memoriam*), pela convivência, saberes e aprendizados tão generosamente compartilhados, na graduação, pós-graduação e mesmo na vida, tudo isso em mim permanecem até hoje. Também aos “professores” que conheci nos encontros a que a Geografia me proporcionou, incluindo aqueles que por vezes nem soube os nomes, mas portadores de uma experiência social e de uma generosidade ímpares (encontrados nas andanças que fiz por este Brasil, também a partir da Geografia).

Aos alunos e alunas com quem convivi nas salas de aula esses anos todos, nos diferentes lugares em que trabalhei (muitos dos quais hoje professoras e professores), devo muito lhes agradecer, e, também, e de um modo muito especial, aos que foram por mim orientados e aos meus atuais orientandos e orientandas – vocês fizeram e fazem toda a diferença nesta minha jornada de professor. Também aos que oriento no mestrado, doutorado e iniciação científica neste ano de 2025, agradeço pelas ajudas constantes e peço desculpas pelas ausências em função da preparação deste Memorial.

Aos colegas e amigos da UFU, devo agradecimentos mais que especiais, pois muito me ajudaram e ajudam a tornar especial o trabalho. Quero especialmente agradecer a Gláucia, Angela, Alex, Guilherme, João, Sérgio, Vanderlei, Tulio, com quem sempre tanto aprendo, que tanto me ouvem e sempre me auxiliam. Muito obrigado!

Aos amigos da turma de graduação com quem convivi, durante anos, em Rio Claro, e especialmente às com quem mais convivi no PET Geografia da Unesp, Evelyn e Denise, e também aos que compunham o grupo de pesquisa articulado por Samira, e que também tanto me ensinaram e ainda ensinam, Francisco, Jorge, Márcio, Ricardo e Sérgio. Também a todos

colegas que compõem a Reagri/CNPq, que generosamente me acolheram para as atividades e a quem devo muito aprendizado. A vocês todos, muito obrigado!

Devo especiais agradecimentos a Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva – IGESC/UFU e às agências públicas de fomento CNPq, Capes e Fapemig (e, em última instância, ao próprio povo brasileiro que as financia) pelos auxílios e bolsas que permitiram a mim e aos orientandos condições para a realização de pesquisas.

Muito agradeço aos que permitiram a realização exatamente da defesa deste Memorial, Prof. Antônio Marcos Machado de Oliveira, geógrafo, amigo e atual diretor do IGESC/UFU e, sobretudo, aos avaliadores, pela disposição em aceitarem tal tarefa: meu colega na UFU a quem respeito profundamente, Prof. João Cleps Junior, que de pronto acatou meu convite para presidir a Comissão Avaliadora, o que me deixou extremamente honrado, e também aos demais membros que a compõem e que muito me honram, professores, pesquisadores da Geografia brasileira e pessoas a quem muito admiro: Lisandra Pereira Lamoso (UFGD), Dimas Moraes Peixinho (UFJ) e José Gilberto de Souza (Unesp). Muito obrigado a todos vocês!

Aos colegas que compõem a Comissão como suplentes, Profa. Beatriz Ribeiro Soares (IGESC/UFU) que sempre atende tão gentilmente e com absoluta disposição as tantas solicitações de trabalho, e Prof. Oscar Sobarzo (UFS), que também prontamente aceitou este convite. Muito obrigado a vocês!

A Amanda, pela companhia de uma vida, e ao Joaquim, minha principal produção! Vocês são presentes de Deus em minha existência, encontro e fruto mais importantes a que a vida (também através da Geografia) me proporcionou. Agradeço à vocês por todo o amor e por tudo o que a mim significam, e também lhes dedico estas memórias.

“Canto do Povo de um Lugar”

Todo dia o sol levanta

E a gente canta

Ao sol de todo dia

Fim da tarde a terra cora

E a gente chora

Porque finda a tarde

Quando a noite a lua mansa

E a gente dança

Venerando a noite

Todo dia o sol levanta

E a gente canta

Ao sol de todo dia

Caetano Veloso (1975)

RESUMO

Alcançado o tempo necessário e previsto no Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal (especialmente a Lei Federal Nº 12.722, de 28 de Dezembro de 2012), bem como cumpridos os requisitos definidos pela legislação interna da Universidade Federal de Uberlândia (Resolução nº 03/2017-CONDIR/UFU - Progressão e promoção docente) para o acesso à condição de Professor Titular do Magistério Federal, este Memorial apresenta minha uma trajetória como professor do quadro efetivo, no atual Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva da UFU, Campus Uberlândia, nestes pouco mais de 17 anos de atuação (2008-2025), bem como situações e elementos prévios que permitem de algum modo registrar opções e caminhos tomados, que fundamentalmente marcaram (e marcam até hoje) minhas práticas, posturas e experiências em torno de minha formação em Geografia, e assim também minhas atividades de docência, pesquisa, extensão e produção intelectual realizadas neste tempo.

Palavras-chave: Trajetória acadêmica; Docência universitária; Experiências de Pesquisa; Geografia; Universidade Federal de Uberlândia.

ABSTRACT

After reaching the required period established by the Federal Teaching Career and Position Plan (particularly Law No. 12,722 of December 28, 2012/ Brazil), as well as fulfilling the requirements defined by the internal regulations of the Federal University of Uberlândia/Brazil (Resolution No. 03/2017-CONDIR/UFU – Faculty Promotion and Progression), for accession to the rank of Full Professor in the Federal Higher Education system, this *Memorial* presents my professional trajectory as a tenured faculty member in the current Institute of Geography, Geosciences and Public Health at UFU, Uberlândia Campus. It covers a little more than 17 years of academic activity (2008–2025), in addition to highlighting previous situations and elements that, in different ways, shaped the decisions and paths taken throughout my career. These aspects have profoundly influenced (and continue to influence) my practices, academic stances, and experiences related to my training in Geography, as well as my teaching practices, research, extension, and intellectual production during this period.

Keywords: Academic trajectory; University teaching; Research experiences; Geography; Federal University of Uberlândia.

Sumário

Introdução	8
PARTE I	
O Espaço-Tempo prévio: Interesses e Primeiros Encontros com a Geografia	12
1.1 Memórias sobre as Aproximações: O primeiro Encontro com a Geografia	13
1.2 O Espaço-Tempo de Formação: Encontros Essenciais durante a Graduação em Geografia	18
1.3 A Pós-Graduação, junto ao novo Espaço/Tempo para as Primeiras Experiências de Trabalho	25
1.3.1 A Experiência inicial da Docência: Um novo Encontro, uma nova etapa Formativa	27
1.3.2 O Tempo do Doutorado, e a volta à Rio Claro	30
PARTE II	
Novos Encontros: A Geografia e o Trabalho na Universidade Federal de Uberlândia	34
2.1 Os primeiros esforços em Uberlândia: Conclusão da Pesquisa e defesa do Doutorado	35
2.2 As Práticas e Experiências de Docência na UFU	38
2.3 Trajetória (e Encontros) nas atividades de Pesquisa e algumas Produções Intelectuais derivadas	49
2.4 Encontros a partir das Experiências de Orientação.....	62
2.5 Participações em Bancas (Graduação, Mestrado e Doutorado)	70
2.6 As Práticas de Extensão Universitária	72
2.7 Atividades de Gestão	76
2.8 Premiações e Reconhecimentos	78
Considerações finais: Sobre Aprendizados e a Felicidade do(s) Encontro(s) com a Ciência Geográfica	85
Referências	91

Introdução

“(...) as costuras da existência apresentam um nível de complexidade que os dados curriculares não registram”

Ana Clara Torres Ribeiro (2012, p.25)

Este Memorial foi concebido e elaborado de modo a cumprir uma das exigências para a progressão à Professor Titular do Magistério Federal. Alcançado o tempo necessário e previsto no Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal (Lei Nº 12.722, de 28 de Dezembro de 2012), bem como cumpridos os requisitos definidos pela legislação interna da Universidade Federal de Uberlândia para o acesso à condição de Professor Titular, quis fazer um Memorial que pudesse não só apresentar uma trajetória de minhas atividades como professor do quadro efetivo da UFU, nestes pouco mais de 17 anos de atuação, mas que permitisse de algum modo registrar, neste tempo, impressões e também uma reflexão acerca de minhas funções, produção e práticas na instituição.

Memorial (do latim *memorialis*, ou seja, “aquilo que faz lembrar”), significa assim, ao pé da letra, resultados de registros de memória. Memoriais, deste modo, estão sujeitos sobretudo àquilo que guardamos na mente e, assim, a hierarquizações e seleções (involuntárias ou mesmo voluntárias). Do mesmo modo, qualquer que seja a impressão registrada dos feitos realizados em uma narrativa sobre o tempo, ela é sempre apresentada pelo viés do memorialista. Mas, se pretendemos apresentar algo reflexivo, e fugir de uma coisa simplesmente descritiva, não se trata, portanto, de um trabalho lá muito fácil.

O que quis aqui apresentar é um exercício de memória e de reflexão crítica, como memorialista de si mesmo, algo que fuja de um exercício de descrição linear daquilo que registramos em informes, por obrigação e periodicamente, à universidade ou à Capes para as avaliações da pós-graduação. Penso que assim posso, quem sabe, escapar de uma tarefa cansativa, seja a mim mesmo, seja à banca avaliadora e a quem porventura leia este documento. Não sei se alcancei plenamente tal pretensão...

Passados 26 anos do início de uma trajetória pela Ciência Geográfica (ingressei na universidade em 1999), 21 anos do início de minha atividade como docente no ensino superior público, e pouco mais de 17 anos como professor de Geografia Humana na Universidade Federal de Uberlândia (tomei posse no cargo em 31 de julho de 2008, para o então Instituto de

Geografia do *Campus* Uberlândia), a tarefa de recuperar e refletir sobre esta trajetória é um desafio. Não é muito tempo - sobretudo quando se observa que alguns colegas alcançaram tal condição com um período muito mais amplo de atuação (fruto de longa espera pela valorização da carreira, que culminou no potencial acesso ao cargo de Professor Titular, aos docentes todos do Magistério Federal), e com um volume muito maior de diferentes produções e experiências. Também não é muito tempo, quando constato que deverei permanecer na instituição por um período ainda maior do que o já transcorrido. Mas, ainda assim, a tarefa é difícil a quem escreve.

O que aqui apresento, não exatamente de forma cronológica, é o modo como encontrei de memoriar este tempo e de refletir sobre minhas práticas como docente e pesquisador na UFU, mas também de voltar brevemente à aspectos de minha formação em Geografia e de experiências outras de atuação e de formação na pós-graduação, tentando, para este tempo prévio, ser o mais conciso possível, recorrendo apenas àquilo que, de fato, diretamente marcou, influenciou e ainda influencia a minha trajetória pela Ciência Geográfica e minhas práticas na universidade. Tratarei ao longo do texto tais aspectos como “Encontros” a que tive com a Geografia (ou a que a Ciência Geográfica me proporcionou), compreendendo-os como resultados de escolhas e opções feitas, mas por vezes também como absolutos frutos do acaso.

Deste modo, uma primeira parte, que retoma aspectos de interesse e depois de efetiva inserção na formação geográfica e nas primeiras experiências profissionais (são os meus primeiros encontros com a Ciência Geográfica), tem um caráter absolutamente memorial e visa sobretudo contextualizar escolhas e opções de formação e as formas de inserção no trabalho. Uma segunda parte visa exatamente recuperar as práticas e refletir sobre elas de modo crítico, já como docente e pesquisador na UFU (as quais serão referenciadas e apontadas a partir de registros mais precisos, tendo em vista o que se exige para a apresentação do Memorial)¹.

Passado este pouco mais de quarto de século de uma vida voltada à Geografia e à academia, tenho hoje claro que tal trajetória resultou de um conjunto de elementos e circunstâncias, alguns fundamentais à formação em ciência e fruto de convicções que nos

¹ O primeiro passo para alcançarmos a condição de professor Titular no Magistério Superior Federal no país é o tempo de trabalho (no meu caso, originalmente, 16 anos após a defesa do doutorado e ao acesso ao cargo de Professor Adjunto) e, necessariamente, a aprovação em um conjunto de progressões e promoções (a cada dois anos). Assim, o acesso à condição de Prof. Titular, na UFU, ocorre a partir de uma última etapa, em que se avalia o cumprimento de exigências de pontuação em atividades dos últimos 24 meses após alcançar-se a condição de Professor Adjunto IV (atual Classe C IV) – apontadas na Resolução Nº 03/2017-CONDIR/UFU - Progressão e promoção docente, amparada na Portaria Nº 982, de 3 de Outubro de 2013 do MEC). Deste modo, minhas progressões e promoções funcionais anteriores, assim como esta última, foram documentadas, apresentadas e aprovadas pela Comissão Permanente de Avaliação em minha unidade (IGESC/UFU). Neste Memorial, sempre que possível, os conteúdos referentes ao desempenho acadêmico no tempo de atuação na UFU, ou mesmo anteriormente, foram incluídos no texto a partir de *links* eletrônicos, como pode ser conferido para o caso de publicações, orientações concluídas e demais atividades.

orientam a vida, além de escolhas e opções que, creio, foram acertadas. Mas sem dúvida, e como já apontado, também contam elementos outros, alguns absolutamente pragmáticos e protocolares (que aparecem tantas vezes como exigências), bem como de um vasto conjunto de fatores, frutos do acaso e das contingências da vida pessoal. Tudo isso, de um modo ou outro, se deu e resulta de costuras de minha existência neste tempo de vida dedicado à Geografia e, por fim, ao trabalho na UFU. Assim, tais circunstâncias e elementos das possibilidades que foram efetivadas em minha trajetória profissional, e também os que resultaram de circunstâncias próprias da “vida como ela é” (para tomar outra expressão utilizada por Ana Clara Ribeiro), serão aqui expostas e tratadas do modo como a memória me permitiu e da forma como hoje as compreendo.

A Parte I, intitulada “O Espaço-Tempo prévio: interesses e primeiros encontros com a Geografia”, é composto por aquilo que reconheço como um conjunto de primeiros encontros – um gosto e amor tomados pela Geografia e pelo espaço em movimento desde criança, condição que permaneceu na juventude e opção que se seguiu durante o tempo de graduação em Geografia. Também nesta Parte I, relato as primeiras experiências de docência em Viçosa (UFV) e em Rio Claro (UNESP). Esta parte também inclui reflexões sobre alguns Encontros com pessoas fantásticas, que me marcam até hoje a vida, decisivas que foram para orientar posteriormente minha trajetória profissional e a vida pessoal.

Na Parte II, intitulada “Novos Encontros: A Geografia e o Trabalho na Universidade Federal de Uberlândia” construo uma narrativa reflexiva acerca do modo como estabeleci as práticas de docência, as opções e possibilidades efetivadas na pesquisa, orientação e de outros trabalhos a partir deste “Encontro” com a UFU, para, por fim, apresentar algumas Considerações Finais acerca desta trajetória de vida e de trabalho trilhados junto a Geografia.

Mapa 1. A trajetória de trabalho até a UFU (2004-2025)



Elaboração: Amanda Almeida

PARTE I

O Espaço-Tempo prévio: Interesses e primeiros encontros com a Geografia

1.1 Memórias sobre as Aproximações: O Primeiro Encontro com a Geografia

“Primeiro a paixão, depois os estudos”

Edward O. Wilson (2015, p.17)

“É claro que a primeira coisa a fazer era inspecionar minuciosamente a região que iria atravessar. ‘Vai ser algo parecido com aprender Geografia’ [...]. ‘Vamos ver: primeiro os rios principais – não tem nenhum. Montanhas principais: estou na única elevação que poderia ser chamada de montanha, mas acho que ela nem tem nome. Cidades principais...’”

Lewis Carroll (2008, p. 55 [1871])

Até onde alcança a minha memória, foi com 11 anos de idade, em uma escola estadual de Araraquara (a E.E.P.G. Pedro José Netto, que leva o nome do fundador da cidade), no interior do estado de São Paulo, que verbalizei e mesmo escrevi em um caderno que gostaria de ser “geógrafo”. Isso de certo modo assustou a própria professora de Geografia (dona Stela Maris), que havia nos lançado tal questão, e sem se dar conta de que ela fora talvez a principal responsável por meu interesse inicial na disciplina.

Eu morava em Araraquara, cidade em que nasci (em 31 de julho de 1981) e só fui sair aos 17 anos, quando ingressei na Universidade (1999). Não é preciso dizer que a vida de uma criança do e no interior do Brasil, mesmo no estado de São Paulo, nos anos 1980 e início dos 1990, era bastante diferente da vida da maior parte maior parte das crianças de hoje, por uma série de motivos.

Nasci em uma família de classe média baixa, sem a presença de meu pai (que faleceu muito jovem), com uma infância marcada por um conjunto de restrições e que implicava em uma vida de relações também restrita, sobretudo geograficamente. O pequeno quintal de casa, a rua pacata (calçada com paralelepípedos de granito e rodeada por casas velhas), depois a exploração de quintais e terrenos alheios... era este o meu limite de contato com o mundo, para, depois, lá a partir dos nove ou dez anos de idade, explorar quase que por completo o espaço de uma cidade relativamente pequena, mas que crescia em função da atividade industrial e

comercial. Creio que o meu contato e interesse pela Geografia nasce justamente desta condição e de certo gosto e curiosidade pelo mundo.

A diversão em muito se resumia a percorrer, a pé ou de bicicleta, com meu irmão e amigos (ora os da escola, ora os da rua), espaços distantes de casa, muitas vezes na área rural, além de andanças que rendiam apanhar frutas, o nado e pescarias em lagoas e córregos urbanos ou no campo próximo (até então de certo modo limpos e com peixes que abasteciam aquários improvisados).

Os poucos deslocamentos que fazíamos em família se restringiam a vistas à já agitada Campinas-SP (que aos poucos tomava contornos metropolitanos), onde meu avô materno morava e por um bom tempo manteve um pequeno sítio (na vizinha Monte Mor). As viagens eram as vezes longas e demoradas, quando feitas no trem que saía do bonito prédio do final do XIX, que é a estação de Araraquara (transporte à época já sucateado e que amargava muitos atrasos), ou então por ônibus, opção que mais utilizávamos.

Lembro destas viagens que fazíamos entre meados dos anos 1980 e meados dos 1990, e do interesse que a paisagem me despertava – viajava na janela, queria ver a paisagem do alto do ônibus, como se dava o contorno das cidades, como e para onde elas cresciam, o que se cultivava nos campos, etc. quase tudo já era cana ou laranja na região de Araraquara... Em Campinas, o tamanho da cidade e a presença de grandes fábricas me chamavam a atenção, e, no sítio de meu avô, o solo mudava – esbranquiçava e já não nos tingia o pé de vermelho, como nos cerrados que restavam em Araraquara. Lembro de notar, ao longo do caminho, como mudavam os horizontes do solo nos cortes de estrada, e de me surpreender com o que mudava na paisagem (no tempo entre uma férias e outra), e de como me entusiasmava com o que observava depois das curvas na estrada ou na linha do trem.

Também me lembro, ainda quando criança, do quanto gostava de ver a paisagem (na Rodovia Washington Luís, sentido interior-capital) quando alcançávamos a cornija da cuesta, antes de chegar à Rio Claro, olhando para o que restava da mata (hoje quase nada dela resta na paisagem...). Eu não sabia que aquilo se chamava “cuesta” e que esta forma definia a borda do Planalto Ocidental Paulista... muito menos imaginava que, pouco tempo depois, estudaria Geografia, lá por perto.

É em função deste contato primeiro com uma “natureza” (já muito modificada), mas ainda muito mais presente e acessível às crianças do interior de São Paulo no final do século XX, que fui me interessando, cada vez mais, por aspectos, eu diria hoje, “ambientais” do mundo (incluindo o espaço construído), e que o interesse pela Geografia foi em mim se sedimentando.

Circunstâncias da vida que levei quando criança, da família em que nasci e das condições que tive na Araraquara do final do século XX.

Tal interesse se reafirmou e cresceu nas aulas que frequentava nos colégios de Araraquara - o que me despertava a curiosidade era sobretudo o modo como os professores de Geografia me apresentavam um conhecimento, de certo modo ainda muito enciclopédico e decorativo (muitas vezes absolutamente aleatório), próximo àquela ideia de Geografia como “lição de coisas” apontada por Milton Santos (2004b), herança empobrecida das elaborações tradicionais francesas. Hoje, penso que isso resultava também das condições que tive na escola – escola pública, que já vivenciava a precarização; o contato inicial com a Geografia escolar (a partir do 5º ano) num contexto de início dos anos 1990 (relativamente pouco tempo após a afirmação de uma abordagem crítica da Geografia científica no Brasil), e quase sempre ministrada por professores já na casa dos 50 ou 60 anos (ou seja, provavelmente formados nos moldes de uma Geografia tradicional, durante a ditadura militar).

Lembro-me de que fui muito mal na primeira prova de Geografia, quando a disciplina começou a ser ministrada de forma específica, com a Profa. Stela Maris (e nas aulas que eu mais gostava). No entanto, estas condições da Geografia que eu então passei a conhecer na escola, ainda assim, em muito me atraíam. Gostava dos temas e assuntos que os professores de Geografia nos traziam, seja a partir de livros, das situações observadas no cotidiano ou a partir de seus relatos de viagens. Foi assim com a professora Stela até o 8º ano, que, orgulhosa e revelando detalhes de viagens, nos dizia que conhecia quase todas as capitais brasileiras, sobre as quais nos contava coisas interessantes (fico pensando quantos professores de Geografia podem, hoje, conhecer, por interesse profissional ou turismo, as capitais todas do país...).

No ensino médio, também foi assim com um professor que por muito tempo nos ensinou Geografia – Oscar Paganni², esse relatando não só aspectos do Brasil, como também da Europa. Mais do que os livros de Douglas Santos, Diamantino Pereira, entre outros, que ora ou outra nos apresentavam, eram os relatos apaixonados sobre a realidade de diferentes lugares o que mais me chamava a atenção nas aulas destes mestres. Tinha então a impressão que professores de Geografia poderiam conhecer e bem guardar uma sabedoria de todo o país e, quem sabe, também do mundo, e foi este o meu interesse inicial pela disciplina.

² Além da professora Stela Maris, aprendi Geografia, na Escola Estadual Pedro José Netto (mesmo colégio em que minha avó materna, minha mãe e meu pai estudaram), também com uma professora chamada Rosires. No ensino médio, e estudando na Escola Estadual Bento de Abreu (onde meus pais também estudaram), além de Oscar Paganni, tive aulas de Geografia com outras duas professoras, por menor período de tempo, das quais não me recordo os nomes. Devo a eles todos, mas especialmente à profa. Stela e ao prof. Oscar, este interesse inicial pela Geografia, e, hoje, de algum modo me pesa nunca mais tê-los encontrado para poder lhes dizer que cursei e sigo na Geografia.

Hoje penso que tais encontros vão marcando e definindo nossos destinos e as opções que tomamos na vida, as vezes pelo mais absoluto acaso. O interesse pela Geografia me foi também uma redenção – eu sempre estudei em escolas públicas, que à época já não ofereciam a melhor preparação para vestibulares muito concorridos. Geografia, também à época, era em muito um curso voltado sobretudo à docência (eu não imaginava, por exemplo, a existência de possibilidades outras de trabalho com o bacharelado), e minha opção se deu mesmo em função da docência. A concorrência por Geografia nos vestibulares já não era tão alta, ainda que muito maior do que a dos dias atuais. Os testes de aptidão (longas listas ainda impressas) a que fazia indicavam, todos – “Geografia”.

A escolha que fiz (diga-se de passagem, também a única), foi me inscrever em 1998 (ano em que conclui o ensino médio) para o vestibular da Unesp, indicando o curso de Geografia de Rio Claro como primeira opção (a de Presidente Prudente foi a segunda). Eu conhecia a cidade de São Paulo apenas de passagem, das quatro ou cinco vezes que havia ido à praia – o tamanho da metrópole (para um jovem caipira do interior) um pouco me assustava, e os custos para a vida em uma cidade pequena e bem mais próxima de Araraquara, caso de Rio Claro (onde também nunca antes estivera) seriam mais viáveis à família.

Com o estudo que tive em escolas públicas (sobretudo nos últimos anos já marcado por um processo de precarização) somado, nos últimos meses de 1998, a estudos diários, e quase religiosamente realizados na biblioteca Mário de Andrade (Biblioteca Municipal de Araraquara) para a leitura de jornais físicos que me permitiam o acesso a alguma informação sobre o país e o mundo, bem como a conteúdos específicos a que julgava saber quase nada (apontados por bibliotecárias sempre disponíveis, que me traziam enciclopédias enormes), fui aprovado no vestibular e ingressei no curso de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, a Unesp, no início de 1999, aos 17 anos.



Fig. 1. Aos quatro anos, em Araraquara-SP (Arquivo pessoal).

Fig. 2. À direita, Escola Estadual Pedro José Neto, onde estudei de 1987 a 1995, e tive os primeiros contatos com a Geografia Escolar (Foto DEA/SP).



Fig. 3. À esquerda, casa da família (a primeira a esquerda), centro de Araraquara, onde morei entre os dois e 17 anos (foto do autor, 2000).

Figura 4. À direita, vista do centro de Araraquara (foto do autor, 2000).



Fig. 5. Abaixo, o museu municipal. Terminado o primeiro ano da faculdade, tirei as primeiras fotografias de paisagens da cidade (foto do autor, jan/2000).



Fig. 6. Igreja matriz da cidade (foto do autor, 2000).

1.2 O Espaço-Tempo de Formação:

Encontros Essenciais durante a Graduação em Geografia

“É melhor fazer a nação por intermédio do seu território, porque nele tudo o que é vida está representado”

Milton Santos (2000, p.87)

"Não há projeto realista sobre o futuro político - falando em termos da vida social - que se possa fazer sem a geografia, sem a análise do espaço"

María Laura Silveira (2006, p.87)

Todo o gosto que pude tomar pela Geografia no ensino escolar, que em muito rendera minha opção por Geografia no vestibular, logo deu lugar a um ainda maior apreço pela Geografia acadêmica. Só na universidade pude reconhecer especificidades da Geografia como Ciência, e, assim, um novo mundo a mim se apresentava. A paixão inicial que conheci por aquela Geografia escolar que tive e que me apresentava tantas coisas e conhecimentos que já me interessavam desde criança, rapidamente daria lugar de fato a um amor e absoluta curiosidade à Ciência Geográfica que eu então, aos poucos, passei a conhecer na universidade.

Hoje reconheço que cheguei a Rio Claro para cursar Geografia sem ter tido noções básicas da mesma ao longo do ensino escolar (ainda que as intenções dos professores fossem as melhores), especialmente no que concerne às suas posturas de método ou a qualquer referência à história e papel da disciplina no conjunto das ciências. Também não conhecia teorias específicas, sequer o nome de algum geógrafo ou geógrafa expressivos. A impressão que tenho hoje é que a escolha foi, assim, de um lado um pouco desprezível, em função simplesmente do que mais me atraía no contexto da escola, de outro, muito o resultado daquilo que me fora possível, pelas circunstâncias da vida que eu tinha.

Também hoje tenho clara noção de que a formação que pude receber na Unesp de Rio Claro foi significativa e sólida, ainda que com certas lacunas no que diretamente passa a me interessar já do primeiro ano de graduação – uma Geografia sob a perspectiva Crítica. Tratava-se de um dos centros mais tradicionais do país (um curso criado em 1963, ainda na estrutura das faculdades isoladas de São Paulo, incorporadas em 1976 pela então recém-criada Unesp). O curso era integral, com cerca de 3.500 horas/aula, na maior parte da semana oferecidas tanto

pela manhã quanto a tarde, com várias disciplinas anuais, uma infinidade de trabalhos de campo, etc. tudo muito diferente do que eu pude vivenciar nas experiências posteriores como docente, até os dias atuais.

Tive professores em geral mais velhos, que detinham muito conhecimento e quase sempre eram muito acessíveis aos alunos – coisa que o tempo de uma cidade pequena oferecia, o que nos oportunizava contatos e permitia viver intensamente o ambiente universitário.

A quantidade e qualidade do acervo de Geografia da biblioteca da Unesp de Rio Claro foi também, sem dúvida, algo que absolutamente me formou, num tempo em que ainda não tínhamos acesso facilitado à internet e que os periódicos de Geografia eram, quase todos, exclusivamente físicos (fui fazer uma primeira conta de e-mail só no segundo ano da universidade). Pela biblioteca da Unesp de Rio Claro era possível saber o que se passava na Geografia realizada mundo a fora (ainda que com minhas limitações no inglês), dado a quantidade de periódicos físicos que recebia de todo o Brasil, da Europa (lembro com frequência as consultas às revistas de Portugal, França, Itália, Espanha...), de países diversos da América Latina e dos EUA. Frequentávamos, e muito, a biblioteca, com consultas aos arquivos em fichas de papel, cuidadosamente organizadas e guardadas em compridos gaveteiros de aço (já a época dando lugar à busca computadorizada, em sistema MS-DOS), bem como os laboratórios (muito menos equipados que os de hoje). Fazíamos muitas reuniões de estudo, tínhamos um Centro Acadêmico atuante (seja para os eventos, seja para as festas que realizávamos com frequência no antigo espaço da cantina, na Rua Dez), e um também atuante Programa de Educação Tutorial (PET Geografia). Tudo isso me proporcionou encontros significativos e em muito me formou.

Além disso, penso ter sido beneficiado pela existência, no IGCE, de um Programa de Pós-Graduação, também consolidado e bem avaliado. Desde o segundo ano da graduação, e conforme fui tomando gosto pela pesquisa, passei a assistir com assiduidade defesas de mestrado e doutorado no PPGEIO do IGCE, além de fazer amizades com colegas pós-graduandos (prática esta que não mais observo dentre os graduandos, pelo menos na UFU, ainda mais agora, em função do formato remoto). Assistir a estas defesas de mestrado e doutorado também me formava e me oportunizava ouvir, pelas arguições, professores de outras instituições do país, instigando-me a iniciar atividades de pesquisa. Pude, inclusive, acompanhar as defesas de doutorado de alguns dos meus professores, além de concursos de livre docência de vários deles.

Numerosos eram os trabalhos de campo. Foi pelo curso de Geografia que conheci boa parte do Estado de São Paulo e, pela primeira vez, saí das terras paulistas, conhecendo parte

dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Paraná. Lembro-me do quanto fizemos trabalhos de campo em Geografia Física, com aprendizados que marcam até hoje a minha formação. Com práticas excelentes realizadas sobretudo pelos professores Iandara Mendes Alves (Geomorfologia), Adler Guilherme Viadanna (Geografia do Brasil), Helmut Tropmair (Biogeografia e Geografia do Estado de São Paulo), Maria Isabel Castreghini de Freitas (Sensoriamento); Nádia Regina do Nascimento (Pedologia) e, pela Geologia, com o prof. Mário Assine e, em Antropologia, com a profa. Bernadete Caprioglio de Castro.

A Geografia de Rio Claro, no fim dos anos 1990 e início dos 2000, continha um misto de diferentes posturas epistemológicas e orientações de método: um certo saudosismo da forte experiência Neopositivista que marcou a instituição entre o final dos anos 1960 e se arrastou até os anos 1980 (sobretudo pelas elaborações do prof. Antônio Christofoletti), com certa obsessão de dois ou três docentes que guardavam este viés quantitativo de análise; de alguns outros pela elaboração teórica dos Geossistemas (por vezes lida de forma também quantitativa); mas também pelas abordagens que poderiam ser classificadas, ainda, sob uma perspectiva de “Geografia tradicional”, essencialmente empírica e muito aos moldes da Geografia lablacheana (sobretudo por alguns professores formados na USP); além de alguns docentes também orientados por uma perspectiva de Geografia Humanista (muito em torno, sobretudo, dos estudos realizados em Rio Claro pela profa. Livia de Oliveira). E, por fim, alguns professores, bastante engajados numa perspectiva crítica, ainda que em menor número (especialmente Samira Peduti Kahil e Silvana Maria Pintaudi). Penso hoje que conhecer estas diferentes posturas e, de algum modo, exercitá-las durante as disciplinas e práticas da graduação, permitiu com que eu pudesse conhecer a Ciência Geográfica de um modo amplo e a partir de diferentes orientações de método.

Foram os professores de Geografia Humana e também os do campo das Humanidades (tínhamos, no currículo de Geografia, disciplinas como História Econômica Geral, História Econômica do Brasil, Antropologia, Filosofia da Ciência, Economia e Sociologia) os que mais me marcaram, e meu interesse inicial com a questão ambiental e a natureza, aos poucos, foi tomando novos rumos. Acabei me “encontrando”, já no primeiro ano de graduação, na leitura que a Geografia pode oferecer aos fenômenos sociais, ou, quem sabe e melhor dizendo, do modo como nós geógrafos podemos ler a sociedade através de sua maior obra, o Espaço Geográfico. Assim, em muito marcaram minha formação os professores Bernadete de Castro Oliveira (Antropologia), Liliana Garcia (História Geral e História do Brasil), Pompeu Figueiredo de Carvalho (Planejamento Urbano), Áuro Mendes (Geografia Econômica e

Geografia Industrial), Silvana Maria Pintaui (Abastecimento Urbano) e Samira Peduti Kahil (Desenvolvimento Rural).

É sobretudo a Samira Peduti Kahil, que foi minha professora só no último ano de graduação, mas com quem (por um destes encontros tecidos pelos acasos da vida) convivi intensamente em diferentes atividades desde o segundo ano do curso, a quem devo muito do que apreendi na graduação e também a herança da perspectiva teórico-epistemológica que compartilho até hoje³. Foi Samira quem me apresentou, com um novo olhar e absoluto entusiasmo, a vasta elaboração epistemológica e teórico-conceitual do Prof. Milton Santos, que em muito marca a minha trajetória na Geografia. Penso, hoje, que dos encontros que tive com a Geografia, o mais fundamental em termos acadêmicos foi justamente conhecer Samira, logo no início do curso de graduação, e o privilégio de tecer junto a ela minhas primeiras atividades de pesquisa.

A epistemologia oferecida por Milton Santos, que então há pouco tempo havia sido sistematizada em sua obra maior (“A natureza do espaço”, Hucitec, 1996), foi a que sem dúvida mais me interessou e absolutamente marcou minha formação. Por conta própria, já havia lido textos do prof. Milton ao longo de meu primeiro ano de graduação. Citando algumas passagens do autor em uma seleção para o PET-Geografia (no final de 1999), fui aprovado para ingressar como bolsista no grupo, que então era coordenado por Samira. Lembro-me de que li “A Natureza do Espaço” pela primeira vez (e sem conseguir apreender muito...) nas férias, ao fim do primeiro ano de graduação, já por recomendação de Samira.

O tempo da graduação, e meu gosto pela pesquisa, também permitiram com que eu conhecesse espaços e geógrafas/geógrafos outros no país, como foi com os Encontros Nacionais da Associação dos Geógrafos Brasileiros ocorridos em Florianópolis (no ano 2000) e também na Paraíba (em 2002). Deste modo, devo, também à AGB, muito da formação que pude encontrar no tempo de graduação. Foi também pela participação em eventos que, de algum modo, procurei suprir certas lacunas de formação, buscando referências que permitissem maior contato com as práticas de pesquisa a partir de um viés crítico. O ENG de Florianópolis, intitulado “Os outros 500 na formação do Brasil”, foi um dos encontros que sem dúvida marcaram a minha formação. Pela primeira vez eu participava de um evento de maior porte, mas, sobretudo, porque foi também a primeira vez que pude acompanhar presencialmente uma

³ Pude sintetizar em um texto-homenagem, uma breve reflexão sobre as contribuições da Profa. Samira e também um pouco da experiência a que ela me proporcionou no caminho da vida acadêmica em: Pereira, M. F. V. Política, Liberdade e Humanismo - marcas de um pensamento. *Estudos Geográficos (UNESP)*, v. 10, p. 66-72, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/6961/5000>. Acesso em 15 ago. 2025.

conferência ministrada pelo professor Milton Santos. Junto à Mônica Arroyo e María Laura Silveira, o professor Milton apresentou neste ENG sua proposta de regionalização para o Brasil, a partir da configuração do meio técnico-científico-informacional no país, pesquisa que elaborava para a publicação, no ano seguinte, do livro “O Brasil: território e sociedade no início do século XXI” (Ed. Record, 2001), em coautoria com María Laura Silveira. Também foi neste evento que, em conjunto com numerosos pesquisadores ligados ao Laboplan/USP, Milton Santos apresentara um texto-manifesto, intitulado “O papel ativo da Geografia” (Santos, *et. al.* 2000), que em muito marca os partidos de método e as opções epistemológicas que me acompanham até hoje⁴.

A noção de espaço banal e de território usado, da forma como elaborados por Milton Santos, ofereciam um suporte de método que até então não havia encontrado nas aulas da graduação. Tanto a apresentação quanto o Manifesto de Milton Santos divulgado no evento me abriram novos horizontes e me permitiram um novo encontro com a pesquisa geográfica, fizeram ainda mais interessar-me pelas posturas de método e pela proposta epistemológica oferecidas pelo professor, que, destinando à Geografia e, mais do que isso, ao próprio espaço (ou ao “território usado”), uma função central à compreensão da dinâmica social, me permitiu estabelecer um novo olhar para a disciplina. Assim, foi pela obra de Milton Santos que pude reconhecer a condição do espaço como uma dimensão inerente à sociedade, o que destina à Geografia um lugar sem dúvida central no conjunto das ciências⁵.

Lembro-me que, também no ENG de Florianópolis (2000), pude ainda frequentar um Espaço de Diálogo oferecido por María Laura Silveira e Mônica Arroyo, além de um curso sobre urbanização (tema a que a formação em Rio Claro era deficiente), com o Prof. José Borzacchiello da Silva (UFC).

No Encontro Nacional da AGB realizado em João Pessoa, no ano de 2002, já no final de minha graduação (e em viagem que realizamos de ônibus, percorrendo espaços do Nordeste que até então eu não conhecia), pude apresentar um primeiro trabalho acadêmico em um grande

⁴ Tais ideias de certo modo em muito já compareciam em obras anteriores de Milton Santos, como é o caso, entre outras, de “Por uma Geografia Nova” (Hucitec, 1978); “Espaço e Sociedade” (Vozes, 1979) ou mesmo “A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção” (Hucitec, 1996), a que pude aprofundar os estudos apenas posteriormente.

⁵ Avaliando hoje as minhas circunstâncias do “encontro” com a obra de Milton Santos, reconheço mais um feliz acaso. Como já aponte, a sua obra maior (“A Natureza do Espaço”, 1996), havia sido sistematizada e publicada pouco tempo antes do meu ingresso no curso de Geografia (em 1999) e Samira então a estudava e debatia junto aos orientandos de forma sistemática. Pouco depois, o professor ainda publicara “Por uma outra globalização” (2000), e, ainda, e já a bem pouco tempo antes de sua partida, “O Brasil: território e sociedade no início do século XXI” (2001, junto a María Laura Silveira), texto que visou uma análise empírica a partir das propostas teórico-conceituais elaboradas pelo professor. Estes livros, contemporâneos ao tempo de meus estudos na graduação, e a que eu tive acesso e os estudei de modo imediato, em muito me formaram e orientam minhas práticas até hoje.

evento da área (já os resultados de uma iniciação científica orientada por Samira), além de participar de um curso de Geografia Política (que a formação em Rio Claro também sempre fora incipiente), oferecido pela Profa. Alexandrina Luz Conceição (UFS).

Estes eventos, somados a outras incursões em atividades acadêmicas realizadas para além da Unesp (lembro-me, entre outros, de participar com Samira, em 2000, do debate público realizado na FFLCH/USP sobre o texto Manifesto publicado pelo Prof. Milton Santos e pesquisadores do Laboplan; e, também, na Unicamp, do I Encontro Regional de Ensino de Geografia), que nos oportunizaram o contato com pesquisas de jovens professores e pesquisadores (inclusive alguns dos que então recentemente compuseram o quadro inicial do curso de Geografia criado na Unicamp).

Estas experiências, somadas às que pudemos participar em Rio Claro (e inclusive, colaborar com a organização), como fora o caso de Semanas Acadêmicas⁶ e diferentes edições do “Território Aberto: Ciência & Cultura” (estes organizados pelo PET, também sob a tutoria de Samira), foram absolutamente fundamentais à minha formação⁷. Em Campinas, no ano de 2002, e por sugestão de Samira, pude acompanhar por uma semana o curso “Teorias da Ação” ministrado pela Profa. Ana Clara Torres Ribeiro (IPPUR/UFRJ)⁸, mais uma das atividades complementares à graduação que, sem dúvida, marcaram em muito a minha formação e trajetória na Geografia.

Meu ingresso no PET Geografia da Unesp (início do ano 2000) e a aproximação que eu estabelecia a partir de então com a professora Samira, me permitiram ler e reler a obra de Milton Santos diversas vezes, debate-la com colegas em grupos de estudo e depois aprofundar os conhecimentos, sobretudo quando realizei uma Iniciação Científica (com bolsa da Fapesp, em 2001), para estudar a instalação de um grande sistema de engenharia, uma pista de testes para

⁶ Fui membro da Gestão do Centro Acadêmico “29 de maio” no ano de 2000, junto a colegas como Sandra de Castro Pereira (hoje professora na Unifal), Reinaldo Tronto (hoje no IF-SP), dentre outros. Lembro-me até hoje da edição da Semana Acadêmica (no ano 2000) que organizamos para debater “Categorias e Conceitos em Geografia” (as preocupações epistemológicas e de método já nos acompanhavam desde o segundo ano de curso), para o qual convidamos professores como Samira Kahil (Unesp), Lúcia Gerardi (Unesp), Maria Tereza Luchiani (Unicamp), Márcio Cataia (Unicamp), Heinz Dieter Heidemann (USP), Maria Laura Silveira (USP), dentre outros. Hoje, tenho claro que a experiência de tal evento me rendeu profundo interesse pela Teoria da Geografia, o que até hoje me acompanha.

⁷ Fui bolsista do Programa de Educação Tutorial (já sob gestão do MEC-SiSu), entre 2000 e 2001, coordenado pela professora Samira Peduti Kahil. O PET Geografia realizava um evento anual denominado “Território Aberto: Ciência & Cultura”. Em diferentes edições do evento e em outras atividades do PET, convidamos e trouxemos à Rio Claro para palestras e debates professores como Maria Adélia de Souza (USP/Unicamp), Amélia Luisa Damiani (USP), Carlos Walter Porto-Gonçalves (UFRJ), Iná Elias de Castro (UFRJ), Adriana Bernardes (Unicamp), Ricardo Castillo (Unicamp), Lídia Antongiovanni (USP); Ricardo Mendes (USP), Maria Laura Silveira (USP), dentre outros, o que de certo modo nos supria algumas deficiências de formação e também alentava um debate crítico a partir da própria ciência Geográfica.

⁸ A partir de gravação e transcrições realizadas, entre outros, por Fábio Tozi (hoje docente na UFMG), o curso pode converter-se em livro (Ribeiro, 2014), ao qual volto com frequência.

novas aeronaves (com 5 km de extensão, a maior da América) e uma nova fábrica de aviões da Embraer, na pequena Gavião Peixoto, município recém emancipado de Araraquara. Esta pesquisa também serviu como estudo que apresentei como trabalho de conclusão de curso do bacharelado⁹ e, pelas exigências de método e perspicácia de Samira, minha proposta inicial de um estudo “localizado” deu lugar à uma análise que envolvia tanto o território nacional quanto o próprio fenômeno de globalização¹⁰.

Foi este contato e experiência iniciais de pesquisa, com orientação da Profa. Samira e voltado a compreender o espaço geográfico a partir da epistemologia elaborada por Milton Santos, que me levou, já desde o terceiro ano da graduação, a iniciar os preparos para um possível ingresso no mestrado – já tinha absoluto gosto por pesquisa científica, acreditando na potência da ciência geográfica para revelar as dinâmicas sociais, e também em mente intenções de preparar-me possivelmente para a vida acadêmica e a docência universitária.

Cabe, aqui, um “parêntesis” final, mas absolutamente importante, fruto de mais um destes acasos da vida que, em muito, conduziria minha trajetória pessoal e, de certo modo, também profissional. A Geografia de Rio Claro, para além da formação e de um diploma universitário, também me rendeu o Encontro mais importante em termos pessoais – foi na graduação em Rio Claro que conheci uma “colega de turma especial”, que se tornaria mãe de meu filho e que é minha companheira até hoje, Amanda Regina Gonçalves (ainda volto a este encontro e acaso “geográficos” ao longo deste memorial).

⁹ Os resultados da iniciação científica realizada com bolsa da Fapesp em 2002, bem como do TCC defendido em 2003, permitiram a elaboração de um primeiro artigo em periódico acadêmico: Pereira, M. F. V. Redes e Territorialidade da Indústria Aeronáutica no Brasil: A Embraer e suas estratégias de uso do território. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.1, p. 39-54, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/841>, acesso em 24 ago. 2025.

¹⁰ Este tipo de exigência, sempre tão presente na orientação de Samira, resultante de uma perspectiva de método que ao mesmo tempo envolve uma análise totalizadora e uma Geografia voltada à compreensão de processos na escala do território nacional, permanecem, de certo modo, como uma herança em minha trajetória, e, ainda hoje, se faz presente em boa parte dos meus exercícios de orientação na pós-graduação da UFU.

1.3 A Pós-Graduação, junto ao novo Espaço-Tempo para as Primeiras Experiências de Trabalho

“Eu viajo para entender a minha Geografia”

Victor Hugo

Concluí a graduação em Licenciatura no final do ano de 2002, já aprovado na seleção do mestrado, no PPGEIO/IGCE Unesp, ainda que tenha continuado como discente de graduação para a integralização do bacharelado (algumas poucas disciplinas que faltavam e o TCC) no ano de 2003.

Dando continuidade às pesquisas de iniciação científica e TCC, o tema da dissertação de mestrado fora novamente voltado à compreensão do uso do território brasileiro pela Embraer, avaliando especialmente as redes de produção da empresa. Nossa opção, agora, com absoluto apoio e entusiasmo de Samira (fomos, junto a amiga Denise Prates Xavier, seus primeiros orientandos no Programa de Pós-Graduação), era compreender o processo que permitiu a empresa (originalmente uma estatal), estabelecer um conjunto de parcerias e estratégias produtivas que conferiam à indústria aeronáutica nacional um caráter globalizado. Assim, o histórico esforço para a constituição de uma grande estatal, seguido de certo sucateamento e desmantelamento que serviram de “justificativa” ao processo de privatização nos anos 1990 (com o país imerso na globalização neoliberal), contemporâneo à um processo, ainda em curso, de reestruturação produtiva do setor aeronáutico, bem como ao estabelecimento de uma rede global de produção, nossas principais preocupações de pesquisa (Pereira, 2005)¹¹. Foi o primeiro trabalho de mestrado defendido no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp sob a orientação de Samira Peduti Kahil, com banca composta pelos professores Auro Mendes (Unesp) e Ricardo Castillo (Unicamp)¹².

¹¹ Pereira, M. F. V. *Redes e Verticalidades como estratégias de uso do território por grandes empresas: o exemplo da Embraer S/A*. Dissertação (mestrado em Geografia). IGCE, Unesp, Rio Claro, 2005. 123 f. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/95633>. Acesso em 29 mai. 2025.

¹² De minha dissertação de mestrado, resultam um conjunto de novas publicações, que aqui destaco, especialmente as publicadas em periódicos:

PEREIRA, M. F. V. Agentes e normas na transformação do espaço urbano: a Embraer em Gavião Peixoto - SP, Brasil. *Scripta Nova* (Barcelona), Barcelona, v. XI, n.134, p. 1, 2005. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-35.htm>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V. Trajetórias da Indústria Aeronáutica no Território Brasileiro - Embraer S/A: do Projeto Geopolítico Militar à Produção Globalizada. *Caminhos de Geografia*, v. 7, p. 102-112, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCG82015479>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. Especialização territorial produtiva e produtividade espacial: A Embraer em São José dos Campos-SP. *Geosul* (UFSC), Florianópolis, v. 41, p. 47-66, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13167>. Acesso em 15 jun. 2025.

Trata-se de um trabalho o qual reconheço como próprio do campo da Geografia Econômica, ainda que tenha procurado exercitá-lo pela elaboração de um viés muito particular e orientado pelas produções de uma Geografia genuinamente brasileira, a partir das contribuições de Milton Santos (e muito diferente, portanto, da Geografia Econômica que tinha aprendido na graduação, em muito ligada a elaborações conceituais oriundas da Europa e dos EUA).

Cabe aqui uma breve memória das aulas do mestrado, tendo realizado as disciplinas no ano de 2003. Puder cursar disciplinas oferecidas em sua maioria por docentes que haviam sido meus professores na graduação (o que me rendeu, em boa parte, rever e aprofundar os conhecimentos que já tinha). Tive aulas de Metodologia da Geografia (prof. Antônio Carlos Godoy de Camargo), Geografia do Turismo (Profa. Mirna Lígia Vieira)¹³, mas também com novos docentes, em uma disciplina concentrada voltada à Teoria da Região (com a profa. Meri Lourdes Bezzi – UFSM), que ampliou meus conhecimentos sobre a epistemologia do conceito¹⁴; e uma disciplina que discutia especialmente o chamado “Desenvolvimento Local”, a partir sobretudo de elaborações francesas, então recentes (com o Prof. Elson Luciano Pires, IGCE/Unesp, com quem não havia tido aulas na graduação), disciplina esta pela qual pude em parte tomar mecanismos teóricos para a análise do processo de reestruturação produtiva que avaliava no mestrado.

Passado o curto tempo de um ano para a conclusão das disciplinas no mestrado, encorajei-me (a coragem típica dos jovens, a quem quase sempre sobra energia e também falta um pouco de noção das coisas...) a tentar um concurso (ainda sem o mestrado, condição permitida à época) para docente substituto para o curso de Geografia na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Entre o final de janeiro e início de fevereiro de 2004, me inscrevi e prestei a prova de seleção para Professor Auxiliar Substituto, Área de Geografia Humana. Eram duas vagas, e fui aprovado em primeiro lugar. Aqui, e pela primeira vez, penso eu, essa coragem de

PEREIRA, M. F. V.; KAHIL, S. P. O uso do território por grandes empresas e a dinâmica dos lugares: A Embraer em Gavião Peixoto. *Caminhos de Geografia*, v. 4, n.15, p. 28-40, 2005. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15385>. Acesso em: 15 jun. 2025.

¹³ Com as disciplinas cursadas, e com seus trabalhos finais quase sempre apresentados em forma de artigo, encorajei-me à algumas primeiras publicações. A partir da referida disciplina, e aproveitando das viagens que realizava com Amanda à Brotas, resultou o texto: Pereira, M. F. V.; Gonçalves, A. R. *O ecoturismo em Brotas-SP: ação pública e privada na produção da localidade turística*. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.2, p. 159-168, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/851>. Acesso em 15 de jun. 2025.

¹⁴ Os resultados do aprendizado neste curso, bem como de meu interesse pela epistemologia da categoria de região, renderam a publicação do texto: Pereira, M. F. V. Região - Pluralidade e Permanência: Desafios e tendências da categoria região em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.3, p. 339-353, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1065>. Acesso em 15 jun. 2025.

jovem fez enorme diferença em minha vida, definindo o início de minha trajetória profissional. Em março de 2004, com 22 anos, eu assumia a função no então Departamento de Artes e Humanidades da UFV, para ministrar disciplinas ao curso de Geografia, que havia sido instalado três anos antes¹⁵.

1.3.1 A Experiência inicial da Docência:

Um novo Encontro, uma nova etapa Formativa

Na distante Viçosa (com o ônibus, eram 930 km de Araraquara, exigindo conexões em Campinas ou São Paulo e cerca de 14 horas de viagem), eu iniciaria a minha trajetória como professor universitário. Eu não conhecia a Zona da Mata Mineira, sequer tinha ideia do tempo de deslocamento quando me inscrevi no concurso (condições de quando ainda não se havia Google Maps...). A região em muito diferia do Sul de Minas e do Triângulo Mineiro (estas mesmas a que eu conhecia muito pouco). A cidade era pequena (cerca de 60 mil habitantes), incrustada em um dos espaços “mais mineiros” das Minas Gerais.

As possibilidades de trabalhar em uma universidade federal me atraíam – especialmente em Viçosa (em que pese a sua distância). Fundada na década de 1920, e fruto de esforços de um viçosense (Artur Bernandes, do tempo em que fora presidente do país), a UFV era uma instituição tradicional nas áreas de ciências agrárias, e recentemente havia implantado um curso de Geografia. O enorme *campus* universitário, com um prédio histórico da década de 1920 contrastando lado a lado com prédio moderno que lembra as construções de Niemayer, me chamou a atenção já nos dias do concurso, ainda que o Departamento de Artes e Humanidades estivesse alocado no prédio de uma antiga estação de trem, também bonito, mas pequeno e improvisado. Tudo me parecia imenso no campus da UFV, e tudo muito diferente do que eu conhecia da universidade em Rio Claro.

As disciplinas que assumi na UFV, nos dois anos de contrato, foram Teoria da Geografia (que inseria no curso elementos de Epistemologia da Geografia), Organização do Espaço (nome que fora dado à uma disciplina voltada à Teoria da Região e Regionalização), Geografia Política e Geografia da América Latina.

¹⁵ Entre a aprovação no concurso e assumir as aulas, o tempo foi curto, menos de um mês para os exames admissionais, arrumar um lugar para morar (fiquei por um mês no modesto Hotel Príncipe, no centro de Viçosa) e, no primeiro dia de aula, ao adentrar o bonito Campus da UFV, ao final da Av. P. H. Holfes, fui confundido como calouro de agronomia (talvez pela camisa xadrez que usava), o que quase me rende um trote por parte dos alunos veteranos da instituição.

Pude fazer novas amizades e conhecer colegas geógrafos que atuavam como docentes na Universidade, com formações em diferentes centros (especialmente oriundos da UFRJ, UFJF e também da UFU), o que, em curto período, me fez conhecer perspectivas novas e em muito diferentes da formação teórica/acadêmica em Geografia a que eu tinha recebido em Rio Claro.

Fora um tempo intenso, e mesmo árduo, de muito trabalho, tanto em termos profissionais e de estudos, quanto pessoais. A distância de minha família em Araraquara, e de Amanda em Rio Claro (que também cursava o mestrado), implicava em ausências significativas – no início, voltava quase uma vez ao mês, depois, acabava ficando por vezes vários meses sem retornar à Araraquara (especialmente quando Amanda esteve, por um semestre, realizando um estágio na Espanha, em 2004).

A preparação das aulas (desafio imenso para um jovem professor em início de carreira) era dividida também com a elaboração da dissertação de mestrado, com os retornos à Rio Claro para receber orientações presenciais de Samira, e com o preparo da qualificação do trabalho. Hoje tenho muito claro que esta condição – atuar como docente desde muito cedo, em uma universidade federal quase centenária, e distante da família, fora também elemento central em minha formação, permitindo (e mesmo exigindo) a aquisição de novos conhecimentos e o aprofundamento de conhecimentos que já detinha e que, de certo modo, precisaram ser aprimorados e reelaborados para o exercício da docência.

Depois de um ano na UFV, defendi o mestrado em Rio Claro (março de 2005), voltei à Viçosa (absolutamente mais confiante) para retomar às aulas, agora com contrato estendido por mais um ano (até fevereiro de 2006) e, já com a intenção de elaborar, até o meio do ano de 2005, um novo projeto para o doutorado.

Em função dos esforços voltados ao mestrado, foi apenas após a defesa, e no tempo em que ainda permaneci em Viçosa, que pude desenvolver uma breve pesquisa e escrever um único texto sobre a cidade (visando sobretudo suprir lacunas aos alunos que então começavam a desenvolver pesquisas, visto que os estudos geográficos sobre o município eram escassos). Foi esta a chance que tive de avaliar as especificidades do processo de urbanização e o caráter de uma cidade “especializada” na função universitária, reconhecendo um tempo rápido da pesquisa de ponta (especialmente nas ciências agrárias) e um tempo lento das demais atividades que compõem o lugar (condição que era própria daquela porção do interior de Minas Gerais)

(Pereira, 2005)¹⁶. Fora um modo também de avaliar o município a partir da leitura geográfica que detinha, e, mais uma vez, com inspiração na obra de Milton Santos.

Também como resultado de uma atividade de orientação informal no Departamento de Artes e Humanidades da UFV, pude, neste tempo em Viçosa, elaborar um trabalho junto a um discente (Carneiro; Pereira, 2005)¹⁷, acerca da situação da concentração fundiária e permanência da fome e da pobreza no Brasil. E, ainda, a convite de colegas do Departamento, preparar um texto sobre análise regional, a partir dos acúmulos da reflexão que realizei durante o tempo em que ministrava a disciplina Organização do Espaço na UFV¹⁸. Penso hoje que tais exercícios espontâneos e desinteressados de pesquisa, gerando tais publicações, foram também fundamentais à minha futura aprovação no concurso, que pouco tempo depois fiz na UFU.

Este “tempo lento” do lugar, que eu encontrava na Zona da Mata, era outra coisa que me atraía em Minas Gerais. Foi também a partir de Viçosa que pude conhecer de modo mais direto, um pouco da cultura e da história de Minas Gerais a que tinha aprendido apenas nos livros. Depois de concluído o mestrado, pude desfrutar de forma mais regular e até sistemática – planejando em 2005 viagens à Ouro Preto e Mariana (onde estive por duas vezes), e também a lugares e paisagens fantásticas de Minas, como o Mosteiro do Caraça (em Catas Altas) o Parque Estadual de Ibitipoca (na bonita Conceição do Ibitipoca, município de Lima Duarte), por várias vezes a passeio, mas também acompanhando professores em trabalhos de campo com alunos de Geografia da UFV. Também fora o tempo propício para conhecer as históricas São João Del Rey e Tiradentes (a que volto até hoje, sempre que posso), além da Serra do Brigadeiro e um conjunto outro de pequenos lugares nos arredores de Viçosa, a que a beleza das paisagens, a hospitalidade e mineiridade das gentes de um Brasil ainda em muito marcado pelas heranças rurais de um campo tradicional e não plenamente orientado por nexos capitalistas, eram absolutamente notáveis. Foram estas experiências, outros frutos do acaso e dos encontros proporcionados pela Geografia em Viçosa, que me despertaram interesses por Minas (cultura e arquitetura históricas) e o mundo rural do interior do Brasil (da forma como ainda restava na

¹⁶ Pereira, M. F. V. As contradições de uma “cidade científica”: Processo de urbanização e especialização territorial em Viçosa (MG). *Caminhos de Geografia*, v. 6, n. 16, p. 197–206, 2005. Disponível em: [10.14393/RCG61615459](https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3516). Acesso em 24 ago. 2025.

¹⁷ Carneiro, P. A. S.; Pereira, M. F. V. Território da desigualdade: pobreza, fome e concentração fundiária no Brasil contemporâneo. *Geografia (Rio Claro)*, Rio Claro, v. 30, n.2, p. 255-270, 2005.

¹⁸ O texto fora publicado anos depois, em 2009: Pereira, M. F. V. Potencialidades da análise regional no estudo das tendências de modernização e fragmentação do território. *Revista de Ciências Humanas (Viçosa)*, v. 9, p. 13-22, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3516>. Acesso em 15 jun. 2025.

Zona da Mata e era então aos poucos dissolvido). Tudo isso ainda me acompanha até hoje e, de certo modo, influenciaria minhas escolhas futuras¹⁹.

Em outubro de 2005 presto o doutorado, novamente em Rio Claro, minha intenção era retornar e ficar mais próximo de Amanda e da família em Araraquara, sendo aprovado, em primeiro lugar, para a turma de 2006, e, para minha felicidade, também com orientação de Samira (o que sem dúvida contou para minha opção de retorno à Unesp).

1.3.2 O Tempo do Doutorado, e a volta à Rio Claro...

Reconhecendo (só hoje) as dificuldades de tempo para definir um tema de pesquisa para a seleção do doutorado, da forma como pude preparei um projeto que visava avaliar o processo de privatização das rodovias no estado de São Paulo, tema que me atraía, pois permitiria ampliar perspectivas de estudo em torno da noção de uso corporativo do território, ensaiadas no mestrado²⁰. No entanto, e depois de o projeto apresentado no processo seletivo, ainda encorajei-me a prestar um concurso, desta vez para professor efetivo, para o curso de Geografia na Universidade Federal do Acre.

Em Viçosa, eu construí muitas novas amizades, com colegas que também atuavam como docentes (sobretudo nos cursos existentes no Departamento de Artes e Humanidades - Geografia, História, Dança e Comunicação Social), alguns deles acabaram ingressando em cursos de mestrado na UFV (Lúcio do Carmo e Marcelo Latuf, este último, hoje docente na Unifal). À época, a UFV detinha um conjunto de projetos de pesquisa no Acre, em diferentes departamentos. O fluxo de docentes da UFV para as pesquisas no Acre era frequente, bem como também frequentes as possibilidades de emprego na Amazônia.

¹⁹ Foi apenas depois de formado, e já trabalhando em Viçosa, que pude com alguma calma ler a obra de Antônio Cândido (Os parceiros do Rio Bonito, 2003 [1964]), além de uma incursão em outros nomes, como Darcy Ribeiro (2006 [1995]) e também Maria Isaura Pereira de Queiroz (1972), que pouco mais tarde me despertam o interesse para estudar o mundo rural brasileiro e as relações campo-cidade, a partir das condições postas no Brasil contemporâneo. Penso que isso me fora também um “encontro” fundamental, que marcaria minha formação, a nova opção de estudo no doutorado e interesses de pesquisa, que até hoje me acompanham.

²⁰ Penso mesmo que o elemento definidor deste tema para o projeto fora o tempo em que permanecia nas estradas, em viagens de ônibus, de Viçosa para Rio Claro. Este era também o tempo em que eu lia e estudava, durante os deslocamentos ou nas esperas pelas rodoviárias de Campinas ou São Paulo. Os argumentos e os dados empregados para a elaboração deste projeto (a que não desenvolvi) me permitiram a posterior publicação do texto: Pereira, M. F. V. A gestão neoliberal do território: normas e viabilidade territorial nas concessões do sistema rodoviário paulista. *Geografia*. Rio Claro, v. 32, n. 1, p. 153-162, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1434>. Acesso em 03 ago. 2025.

Viajo para Rio Branco em setembro de 2005 para realizar uma prova do concurso de Geografia Humana e Regional na UFAC (fora minha primeira viagem de avião, que tomei em Belo Horizonte e me custou dois meses de salário), pensando que esta seria uma possibilidade de empregar-me efetivamente na rede federal de ensino, mas fui aprovado em segundo lugar. Mais uma vez, estes acasos da vida influenciam minha trajetória e, voltando à Rio Claro, no ano seguinte para o doutorado, proponho à Samira uma mudança significativa no projeto de pesquisa.

Em Rio Branco, encontrei uma cidade totalmente em obras e a impressão que tive é que aquele espaço perdido em meio a Amazônia se tornava “moderno” da noite para o dia. Descobri ali uma Amazônia bastante diferente da que eu tive acesso apenas nos livros, o que me desafiava a compreender as dinâmicas de transformação do território que então alcançavam aquela porção do país. O desafio de estudar a Amazônia parecia quase inalcançável, pois exigiria conhecimentos de uma região por mim desconhecida e muito distante daquela de minha origem, além do empenho de recursos financeiros que eu não dispunha. Quando iniciei as atividades do doutorado e logo de início fui contemplado com uma bolsa de estudos, a oportunidade de enfrentar aquele desafio estava dada, e, assim, fui convencer Samira de que poderíamos desenvolver um outro projeto. Como sempre, minha orientadora apoiou-me de imediato, muito mais pela minha empolgação do que pelo esboço de projeto que eu lhe apresentei.

A pretensão inicial era a de entender como se dava o processo de modernização do território, pois a ideia que eu tinha desta região, mesmo como geógrafo, era muito diversa daquela que tive nesta primeira viagem. O desafio era construir uma situação de análise que oferecesse subsídios à compreensão da dinâmica de transformação do território nesta parte da Amazônia, e logo quando fora realizado um levantamento prévio de alguns dados, preferimos (por sugestão de Samira), também incluir no estudo o estado de Rondônia, já que os processos de modernização territorial, especialmente no campo, pareciam atingir Rondônia de modo ainda mais incisivo.

De volta à Rio Claro, inicio o curso de doutorado em março de 2006, completo os créditos para as disciplinas e, também no mesmo ano, planejo um primeiro trabalho de campo para a pesquisa no Acre (aproveitando a ocasião do ENG/AGB, que fora realizado em Rio Branco).

No mesmo ano, no início do segundo semestre, fui convidado a atuar como “Professor Bolsista” (a convite do Departamento de Geografia do IGCE/Unesp, para meu espanto, e, de certo modo, também espanto de Samira). Professor Bolsista fora o modo como a Unesp, já sob restrições financeiras, encontrou para custear o trabalho de substituição temporária dos

docentes em licença ou aposentados, que já não eram imediatamente repostos nos Departamentos. Tal função podia ser desempenhada por bolsistas de doutorado que recebiam um complemento (quase simbólico), para ministrar disciplinas na graduação. Assumi as disciplinas “Território e Indústria” e “Teorias e Métodos da Geografia” – que até então eram oferecidas pelos professores Auro Mendes (afastado das aulas para atuar como chefe de departamento) e Antônio Godoi de Camargo (recém aposentado). Depois, e por três semestres seguidos (de 2007 a 2008), a disciplina “Técnicas de Pesquisa em Geografia Humana” (em vista da aposentadoria do Prof. Odeibler Guidugli).

Mais uma vez, tenho hoje absoluta certeza que, não fossem as experiências na UFV e também a oportunidade que tive por mais um ano e meio em ministrar as aulas na Unesp, dificilmente teria condições de ser aprovado no concurso para professor efetivo na UFU. Digase de passagem, a opção por Uberlândia e pela UFU fora, de certo modo, mais um destes acasos da vida.

Minas Gerais me atraía desde a oportunidade que tive de trabalhar em Viçosa. Mesmo na UFV, cheguei a prestar um concurso para Geografia Regional, ainda em 2006, e a condição de possuir apenas o mestrado me rendeu uma aprovação em segundo lugar. Foi no começo de 2008 que surge o concurso da UFU, atraindo a atenção de Amanda, que muito quis prestar um concurso da Área de Ensino de Geografia, visto que já havia concluído o Doutorado (realizado de modo direto) na Unesp. Um concurso de Geografia Humana havia sido aberto concomitantemente, num tempo em que as exigências ainda eram apenas a de Mestrado (último dos concursos da UFU com este caráter). Confiro os pontos do concurso e, ainda sem concluir o doutorado e de modo absolutamente despretensioso, me inscrevo para a prova. Prestamos as provas. Amanda foi aprovada em segundo lugar na UFU e, logo depois, foi convocada para assumir um cargo, também em Ensino de Geografia, por concurso que ela havia pouco antes prestado em Cuiabá, na UFMT. Eu acabo aprovado no concurso para Geografia Humana na UFU, em primeiro lugar, e rapidamente fui convocado para assumir o cargo²¹.

²¹ Com mais de 40 inscritos, o concurso fora realizado pela seguinte banca: professores Rosselvelt José Santos (UFU), Álvaro Luiz Heidrich (UFRGS) e Ricardo Castillo (Unicamp).



Fig. 7. Trote no dia da matrícula, com minha mãe, no IGCE/Unesp, fev./1999. (Arquivo pessoal).



Fig. 8. Com colegas da graduação, em trabalho de campo, Analândia/SP (2000). (Arquivo pessoal).



Fig. 9. Formatura de graduação, com Amanda (jan/2003). (Arquivo pessoal).



Fig. 10. Em trabalho de campo com alunos de Geografia da UFV, Conceição do Ibitipoca/MG, em 2005. (Arquivo pessoal).



Fig. 11. Na defesa de mestrado em março/2005, prédio do PPGEQ, IGCE/Unesp (Arquivo pessoal).



Fig. 12. Andanças pelo mundo rural na Zona da Mata Mineira, arredores de Viçosa, em 2005 (Arquivo pessoal).

PARTE II

Novos Encontros:

**A Geografia e o Trabalho na
Universidade Federal de Uberlândia**

2.1 Os primeiros esforços em Uberlândia:

Conclusão da Pesquisa e defesa do Doutorado

Em 31 de julho de 2008, dois dias depois de completar 27 anos, fui empossado no cargo de Professor Assistente, Área de Geografia Humana, no Instituto de Geografia da UFU, pelo então Reitor, Prof. Dr. Arquimedes Diógenes Ciloni (também um araraquarense). Isso ocorrera três dias depois de Amanda assumir o trabalho na UFMT. Estamos muito felizes pelas conquistas, ainda que apreensivos pela distância entre Cuiabá e Uberlândia.

O primeiro ano e meio de trabalho em Uberlândia fora também intenso, um tempo de adaptação à uma região das Minas Gerais bastante diferente da que eu conhecia, marcada por uma cidade maior e imersa em um espaço agrícola moderno (condições estas muito diferentes de Viçosa e da Zona da Mata). O trabalho intenso na preparação das disciplinas a que assumia, mais uma vez, tivera de ser dividido com o trabalho de conclusão de pesquisa, agora a de doutoramento.

As idas à Rio Claro para as orientações do doutorado, a realização do exame de qualificação (no segundo semestre de 2008, tendo na banca os professores Maria Adélia de Souza-USP e Márcio Cataia-Unicamp), a realização de mais um trabalho de campo em Rondônia e no Acre (por quase trinta dias, no início de 2009) e, por fim, a preparação do texto final que devia ser entregue em agosto de 2009, foram tarefas imediatas as quais eu tive de cumprir. Assim, meus primeiros esforços em Uberlândia voltaram-se à conclusão de minha tese de doutorado, tentando (do modo como pude) que o trabalho recém assumido na Universidade não compromettesse a qualidade da pesquisa, e, sobretudo, também que a pesquisa não compromettesse meus compromissos com a docência recém assumidos na instituição.

Se os desafios de estudo de uma região vasta e distante, de Rio Claro e de Uberlândia, eram evidentes, os desafios de método também se impunham, visto que alcançar a complexidade do território é algo extremamente difícil e aquela compreensão almejada da dinâmica do quadro regional do Sudoeste amazônico, que então conhecia uma nova vaga de modernização, teve de ser enfrentado. Hoje, relendo a tese (Pereira, 2009)²², penso que o trabalho pode ser reconhecido como um esforço típico de análise regional (a que quase ninguém

²² PEREIRA, M. F. V. *O processo recente de atualização do território no sudoeste da Amazônia: lógicas exógenas e dialéticas endógenas em Rondônia e Acre*. 2009. 329 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/104318>. Acesso em 06 jul. 2025.

mais se debruça), mas levando em conta a preocupação de reconhecer ao mesmo tempo como a região, a formação socioespacial e o mundo se articulam, se realizam e mutuamente se condicionam (uma Geografia Regional Renovada, como eu denomino).

Mais uma vez, a contribuição teórica de Milton Santos foi valiosa para a construção da tese, que em muito também se inspirou nos trabalhos de Maria Laura Silveira, especialmente a própria tese da autora (Silveira, 1997), bem como nas elaborações de Ana Clara Torres Ribeiro (no que se refere aos estudos da dinâmica social no espaço urbano). Ao final do trabalho, acho que pude ao menos alcançar um pouco a meta de demonstrar como o território se modernizava, ou então, se “atualizava” (termo que empregamos na tese).

Debruçar-se sobre a compreensão dos dilemas oriundos do processo recente de atualização do território, naquela porção da Amazônia, no início do século XXI, permitiu-me deparar com a riqueza das experiências sociais acumuladas no campo e nas cidades de Rondônia e do Acre, durante o período de pesquisa (sem dúvida um dos encontros mais marcantes que a Geografia me proporcionou). A região conhecia um mosaico de diferentes usos e temporalidades, com tensões entre o tradicional e o novo, entre o externo e o interno, entre Estado e mercado (Santos, 1985), e nosso intuito foi exatamente capturar as formas-conteúdo e implicações sociais do processo de modernização do território.

No sul de Rondônia, a expressão mais direta da “atualização” do território havia iniciado há uma década e se traduzia sobretudo pela expansão da soja (processo que se estendia pela BR-364, desde o Mato Grosso), mudando a configuração de uma agricultura tradicional, forjada a partir de esforços de colonização dirigida pelo estado brasileiro nesta porção do país (desde os anos 1960, durante a ditadura militar). Assim, o campo em Rondônia se modernizava, atualizando infraestruturas (a própria BR-364, e a hidrovía Porto Velho-Manaus, recém viabilizada para o movimento de exportação da soja), fragmentando o território em alguns municípios e cidades acionados para a moderna produção.

No Acre, esforços de modernização do campo encontravam os limites próprios da ausência de infraestruturas (parte da BR-364 em leito de terra, com esforços sem fim de pavimentação floresta a dentro), bem como pelas opções desafiadoras dos governos do PT, com tentativas de um desenvolvimento orientado pela ideia de “Florestania” (visando preservar o que restou da floresta e apostando em práticas tradicionais de povos originários, de uma agricultura tradicional, dos seringueiros e do legado de Chico Mendes). As cidades, ao mesmo tempo, modernizavam-se e recebiam novas infraestruturas e funções, renovando papéis na divisão do trabalho, ainda que mantendo condições e funções ligadas ao trabalho tradicionalmente voltado a atender as demandas locais e da população mais pobre, o que nos

levou a avaliar as condições contemporâneas, em ambos os estados, do circuito inferior da economia urbana (Santos, 2004a [1975]).

A experiência de construção da pesquisa de doutorado foi algo extremamente recompensador, pois me fez enxergar de outro modo o território brasileiro, e mesmo a própria Ciência Geográfica. Defendi a tese, com aprovação, em novembro de 2009²³, tendo na banca, além de minha orientadora, Samira Peduti Kahil, os professores Ana Clara Torres Ribeiro (UFRJ), André Martin (USP), Fábio Betioli Contel (USP) e Márcio Cataia (Unicamp).

²³ Um conjunto de textos, resultantes da pesquisa de doutoramento, foram por mim publicados, por vezes em coautoria com minha orientadora, dentre os quais, destacamos:

Pereira, M. F. V. A inserção recente da cana-de-açúcar no sudoeste da Amazônia: novos indícios da instabilidade do território em Rondônia e Acre. *Interações (UCDB)*, v. 11, p. 187-193, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122010000200007>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. O movimento hidroviário no sudoeste da Amazônia brasileira - Rondônia e Acre: entre a logística corporativa e os transportes locais. *Biblio 3W* (Barcelona), v. XV, p. 888, 2010. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-888.htm>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. Território e agricultura no sudoeste da Amazônia: campo não moderno e produção para o consumo local. *Mercator*, v. 9, p. 47-64, 2010. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/372>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. A lógica corporativa do uso do território em Rondônia: o agronegócio da soja na região de Vilhena. *Campo - Território*, v. 5, p. 288-311, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT51011991>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Espaço urbano e economia pobre no sudoeste da Amazônia: o circuito inferior na área central de Porto Velho-RO e Rio Branco-AC. *Geografia*, v. 36, p. 469-487, 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/8452>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. A atualização territorial recente no sudoeste da Amazônia: lógicas exógenas e dialéticas endógenas em Rondônia e Acre. In: FERREIRA, D. A. O.; FERREIRA, E. R. (Org.). *Geografia e território: interpretações do espaço brasileiro*. Rio Claro: PPGeo-UNESP, 2010, p. 19-36.

Pereira, M. F. V. Difusão da inovação, consumo e cotidiano no campo moderno – notas sobre o papel das feiras agropecuárias em Rondônia (Brasil). *RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise*, v. 21, p. 04-19, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/raega.v21i0.21229>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. O antagonismo das normas territoriais no sudoeste da Amazônia: território usado e conflito de interesses em Rondônia e Acre. *Geografia*, v. 36, p. 107-117, 2011.

Pereira, M. F. V. Conteúdos e transformações recentes na rede de cidades no sudoeste da Amazônia brasileira (Rondônia e Acre). *Geotextos*, v. 9, p. 123-149, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v9i2.7770>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Trabalho no campo e o território usado no sudoeste da Amazônia: Atualizações técnico-normativas e resistências locais. *Geosp: espaço e tempo*, Número Especial, p. 82, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2013.74936>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. A modernização recente da pecuária bovina em Rondônia: Normas territoriais e a nova produtividade espacial. *Geo UERJ*, v. 1, p. 95-112, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/13534/13392>. Acesso em 06 jul. 2025.

Neste meio tempo, outra conquista absolutamente importante no plano pessoal pode afirmar-se. Amanda consegue redistribuição do cargo, assumido na UFMT, para Uberaba, em um curso de Geografia que fora recém implantado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Os 1.000 km de distância entre Uberlândia e Cuiabá, agora davam lugar aos 100 km que separam Uberlândia e Uberaba (quase nada frente a condição anterior), permitindo uma vida conjunta e mesmo o estabelecimento de um novo lar, em Uberaba.

2.2 As Práticas e Experiências de Docência na UFU

Creio ser importante recuperar, ainda que brevemente, minhas práticas como professor na UFU, visando contextualizar e refletir sobre tal experiência. Quando do meu ingresso ao então Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)²⁴, e tendo sido concursado em uma vaga de Geografia Humana, os temas e área do concurso me habilitaram a atuar em disciplinas as quais recebi com muito entusiasmo – Geografia Econômica e Teoria e Método da Geografia, ainda que tenha por vezes ministrado eventualmente outras disciplinas e componentes curriculares. O que farei a seguir é apontar como encaro e como estabeleci práticas e abordagens para as disciplinas ministradas com maior frequência, e que definiram propriamente meu campo de atuação como docente na instituição²⁵.

Desde 2008 tenho ministrado a disciplina “Geografia Econômica”²⁶, campo este a que também voltei a maior parte de minhas atividades de pesquisa e orientação, a partir do ingresso ao quadro de professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, PPGeo-UFU (ocorrido em 2011). Entre o ano de 2009 e 2024, também ministrei a disciplina “Teoria e

²⁴ A partir da criação de novos cursos de graduação vinculados à Unidade (resultantes da expansão observada durante o Reuni), o Instituto de Geografia da UFU passa, a partir do ano de 2024, a denominar-se Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC).

²⁵ Desde 2008, assumo anualmente duas turmas (matutino e noturno) da disciplina Geografia Econômica. Entre 2009 e 2023, assumi, também duas turmas anuais, da disciplina Teoria e Método da Geografia. Considero-as, assim, como definidoras e marcantes para minha atuação como docente no curso de Geografia da UFU/Uberlândia, até o presente. Recentemente, ministrei a disciplina Geografia do Espaço Mundial (também duas turmas, para o curso de Geografia), em 2024. Neste tempo, também ministrei, no ano de 2008, para uma turma do curso de Ciências Sociais, a disciplina Geografia Humana, além de componentes outros para o curso de Geografia, como o Projeto Integrado de Pesquisa e Prática Pedagógica – PIPE II (nos anos de 2008, 2015 e 2018), PIPE I (em 2012) e PIPE III (em 2023), e por diversas vezes os componentes Trabalho de Graduação I e II (referentes à orientação de monografias).

²⁶ Até 2018, a componente Geografia Econômica era ofertada ao segundo período do curso, e, a partir do currículo atual dos cursos de Geografia da UFU, Campi Uberlândia (iniciado em 2019), passou a ser oferecida no terceiro período (tanto para a Licenciatura quanto para o Bacharelado em Geografia).

Método da Geografia”²⁷ e, recentemente, a disciplina “Geografia do Espaço Mundial” para as turmas de Licenciatura e Bacharelado do curso de Geografia (ano letivo de 2024).

Nas experiências anteriores de docência, ainda não havia ministrado a disciplina de Geografia Econômica. Assim, foi a UFU que permitiu com que retomasse elementos de pesquisa já iniciados no mestrado, podendo agora desenvolver uma prática e uma abordagem para a disciplina na graduação.

Orientado mais uma vez por uma ideia de Geografia que exige a leitura integral do território, e por uma epistemologia que destina à Ciência Geográfica a função de uma interpretação ampla e totalizadora do fenômeno social através do espaço, compreendo que a Geografia Econômica, como campo particular, insere-se na ciência geográfica de modo a permitir justamente uma leitura de como as atividades econômicas/produtivas (o que poderíamos simplesmente ler como “trabalho social”) contam e conformam o espaço geográfico e, ao mesmo tempo, como o espaço geográfico é instância essencial à realização mesma do trabalho. É como eu costumo afirmar junto aos alunos e alunas – “se economia e práticas produtivas não se realizam sem a sociedade, ambas não se realizam sem o espaço”. E se o espaço geográfico resulta mesmo das práticas sociais, a dimensão da produção e do trabalho de forma alguma escapa à Geografia e ao espaço, ganhando continuamente novas condições e especificidades, reveladoras de como a razão econômica historicamente atravessa e em muito orienta as ações e materialidades geográficas.

A abordagem destinada à Geografia Econômica, neste tempo em que a ministro na UFU, retoma sem dúvida elementos que apreendi durante minha graduação, mas sobretudo também aprendizados e opções feitas durante a formação na pós-graduação, as lições tomadas com as experiências de pesquisa e com os estudos que até hoje realizo. Pude (em 2018, na elaboração do novo currículo do curso) rever e reelaborar a ementa da disciplina, mantendo elementos que já a compunham, mas também destinando conteúdos e abordagens novas.

A opção é oferecer, desde o início, uma compreensão aos discentes dos próprios fundamentos da acumulação capitalista que, assim, permitem reconhecer os contornos gerais do modo de produção e a forma como ele se realiza no e pelo espaço geográfico. Tal esforço é realizado a partir da recuperação de elementos que distinguem a leitura da economia política liberal e a leitura da crítica da economia política, elaborada sobretudo por Marx. Assim, e utilizando o jovem Marx dos “Manuscritos econômico-filosóficos”, 1844 (especialmente o Cap.1 Ganho do Capital), recuperamos elementos fundamentais que caracterizam o modo de

²⁷ A disciplina foi oferecida aos discentes no primeiro semestre de curso até o ano de 2018 e, a partir da nova estrutura curricular, ofertada no segundo semestre da graduação.

produção capitalista (capital, exploração do trabalho, mais valor, reprodução ampliada do capital, divisão do trabalho, alienação, desigualdade e escassez).

A escolha deste texto não se dá por acaso. Nele, Marx aponta elementos essencialmente geográficos vinculados à acumulação, como é o caso, por exemplo, da ampliação da extração da renda da terra, dos mecanismos que permitem a ampliação do raio territorial de atuação do capital, ou ainda a busca por mecanismos que permitam a menor remuneração do trabalho (o que envolve, sem dúvida, estratégias territoriais) – Marx (2004 [1844]) os reconheceu como mecanismos que potencializam a acumulação; eu mesmo os reconheço, atualmente, como fundamentais à acumulação ampliada do capital.

Tal abordagem é, a meu ver, uma possibilidade estratégica de “entrada” a tais temas e também de “encontro” com o espaço geográfico e com a Geografia a partir da crítica ao modo de produção, da forma como ele desde então se organiza. A ideia é, com o autor e o texto, pensar tanto os elementos que diferenciam o capitalismo de formações econômicas outras, como reconhecer como os fundamentos da acumulação permanecem e quais nuances se afirmam desde meados do século XIX. Penso que sou, talvez, o último dos docentes da Geografia da UFU a empregar um texto de Marx como leitura obrigatória nas disciplinas da graduação.

O trabalho segue por avaliar como o capitalismo conhece modos de desenvolvimento específicos (trabalhando o fordismo e a acumulação flexível), visando apontar as formas como o espaço fora acionado ao longo do tempo e nestas feições particulares do modo de produção, além de introduzir a noção de reestruturação territorial produtiva, avaliando as implicações e novas formas e estratégias de ação do capital no território. Para tal, e nestes anos todos de trabalho com a disciplina, na maioria das vezes recorri às contribuições dos escritos e elaborações de David Harvey (1992).

A força com que o processo de financeirização / dominância financeira da economia avança nos últimos anos, especialmente após a crise financeira internacional de 2008 (tema a que inclusive dediquei e dedico um conjunto de orientações recentes), me fez ampliar tal debate, que em Harvey da “Condição Pós-Moderna” (1992) é sobretudo apenas sinalizado, incluindo nas aulas um debate principalmente a partir da leitura de François Chesnais (2005), por vezes também de Leda Paulani (2009).

Dois tópicos seguintes da disciplina são voltados às compreensões do processo de Globalização e do modo como se (re)define a Divisão Territorial do Trabalho, em diferentes escalas. A intenção é reconhecer como a divisão internacional do trabalho, que destina funções e define diferentes feições territoriais às formações socioespaciais no capitalismo

contemporâneo (financeiro e globalizado), pode ser alcançada a partir sobretudo do reconhecimento de como economia e produção se repartem e conferem aos territórios nacionais, regiões e lugares, condições específicas de inserção no mundo, num movimento que vai da divisão internacional à divisão territorial (“interna”) do trabalho, permitindo reconhecer formas particulares do processo geral e do modo como elas se realizam em espaços definidos, para, quem sabe, alcançar a dinâmica de uma economia política do território (Santos, 2001), ou seja, pensar como trabalho e produção se repartem e se sobrepõem no território, resultado de forças e tensões políticas e econômicas, que imprimem diferentes racionalidades e dinâmicas de valorização, não sem um conjunto de tensões sociais, justamente em função da forma como se dá o uso do território.

Assim, tais processos e os mecanismos de diferenciação dos lugares em função das atividades econômicas, tem sido por mim explorados nas aulas acionando teorias que foram formuladas em torno da própria noção de divisão territorial do trabalho (Pereira, 2010)²⁸, mas também à ideia de recursos e ativos, definindo diferentes feições territoriais à produção (Benko; Pecqueur, 2001), alcançando, por fim, processos de especialização territorial produtiva, bem como dinâmicas de diversidade (Silveira, 2010).

Recentemente, e a também a partir de uma agenda de pesquisa atual, a centralidade da inovação nos processos produtivos, próprios da condição, seja do reforço da finança mundializada, seja dos mecanismos recentes de digitalização do trabalho e dos processos produtivos, e da emergência de uma economia de plataformas (Srniczek, 2018), me levou a incluir discussões de tais problemáticas na disciplina, o que tenho feito sobretudo a partir de leituras tais como a de Pessanha (2020).

Os limites à acumulação financeira e as novas condições da relação capital/trabalho oferecem um desfecho à disciplina, e foram por nós tratadas junto às turmas a partir de diferentes autores, como é o caso de Ribeiro (2005) e, mais recentemente Fontes (2019) e Brandão (2024), especialmente para reforçar tanto a natureza da precarização atual do trabalho frente ao fenômeno da financeirização, mas, sobretudo, para iluminar outras formas de organização da produção e de trabalho nos territórios.

²⁸ Tenho, nos anos posteriores à pandemia, trabalhado tal conteúdo também a partir de um texto autoral, elaborado para pensar tal condição a partir do caso brasileiro: PEREIRA, M. F. V. A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais em tempos de globalização. *Sociedade & Natureza*, v. 22, p. 347-355, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132010000200009>. Acesso em 06 jul. 2025.

Uma segunda disciplina, a qual me dediquei entre 2009 e 2023, foi “Teoria e Método da Geografia”, cuja ementa (currículo vigente até 2018) incluía essencialmente elementos de método, epistemologia e também a elaboração de projetos de pesquisa. Eu havia ministrado disciplina de conteúdo/ementa similares por duas vezes na UFV (“Introdução à Geografia”), e por um semestre “Teorias e Métodos em Geografia”, além de, por dois semestres, “Técnicas de Pesquisa em Geografia Humana”, na Unesp de Rio Claro (entre 2006 e 2008). Também já detinha publicações no campo da epistemologia dos conceitos. Foi em função disso, além de temas caros à Teoria da Geografia que compunham o programa do próprio concurso, que me renderam assumir tal componente na UFU.

Compreendendo Teoria e Método da Geografia como campo endereçado à uma epistemologia capaz de oferecer um sentido de compreensão mesma do Espaço Geográfico, e, deste modo, não como um conhecimento hermético, tantas vezes assim lido por geógrafos afeitos a rotinas acadêmicas estanques, tornando-o um campo ensimesmado (espécie de uma mônada) e voltado a si mesmo. Leituras estanques da epistemologia acabam por destituir o campo teórico-conceitual e a Teoria de qualquer possibilidade de compreensão válida do espaço real-concreto e à luz do tempo presente, o que, a meu ver, sempre se espera da Geografia.

Tomando, seja a tradição de um autor como Vidal de La Blache, ou, ainda, as lições e a tradição brasileira de autores como Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Aziz Ab’Saber, dentre tantos outros, a quem os exercícios de construção teórica-conceitual e de elaboração epistemológica são sempre seguidos de um esforço analítico endereçado à compreensão da realidade, o tema a que mais me dediquei em Teoria e Método foi sobretudo o da epistemologia dos conceitos. As categorias de análise geográficas – tais como Paisagem, Região, Lugar, Território, desdobradas em conceitos, permitem tensionar seus sentidos universais e históricos a conjunturas e situações particulares (capturando e traduzindo sentidos analíticos e diferentes significados às próprias categorias), lidas não como realidades em si, mas como fios condutores ou chaves de interpretação de fenômenos socioespaciais complexos, fundamentais e muito caros à elaboração mesma da nossa disciplina.

Categorias e conceitos atuam, assim, como ferramentas que permitem alcançar compreensões possíveis à dinâmica social por meio de nosso objeto de análise, o Espaço, e propriamente exercer procedimentos tanto de teorização, quanto de análises empíricas.

Revisitar, portanto, bases históricas e atuais e compreender os mecanismos e os modos como cada uma das categorias de análise (e as diferentes conceituações a elas atribuídas) foram empregadas para revelar o conteúdo e a dimensão social do espaço geográfico, constitui,

cremos, um exercício e, mesmo, uma ferramenta fundamental de método para a Geografia, como campo particular do conhecimento.

Deste modo, e, diga-se de passagem, minha curta trajetória entre a formatura em licenciatura em Geografia na Unesp (em 2002) e o ingresso como docente na UFU (em 2008 (e ainda cursando o doutorado), período este entremeado por minha atuação como docente contratado na UFV (2004-2006) e Unesp (2006-2007), fora sempre marcada por tais preocupações, que ainda hoje muito me acompanham. Este interesse pela Epistemologia pode ser encontrado em algumas publicações que resultaram destas minhas preocupações sobre os sentidos do método e do fazer Geografia, tais como se constata em um conjunto de trabalhos voltados à epistemologia e aplicações metodológicas de conceitos tais como os de região, território, lugar (e também o de rede).

A opção de abordagem da disciplina “Teoria e Método da Geografia” na UFU incluiu, sempre como ponto de partida, a reflexão em torno dos sentidos do próprio fazer ciência, incorporando leituras que permitem uma mirada acerca do conhecimento científico de modo geral, adotando por muito tempo chaves oferecidas por Boaventura de Sousa Santos (2006), bem como retomando raciocínios clássicos, de R. Descartes a M. Weber, para posteriormente avaliarmos como a Geografia se estruturou como conhecimento científico-acadêmico e se inseriu no conjunto das ciências.

Um segundo tópico voltava-se essencialmente a debater as principais posturas de método, passando pelo vasto tempo da abordagem empírica (típica do que reconhecemos como Geografia Tradicional, vigorando do século XIX até meados do século XX), para depois alcançar abordagens inseridas mais recentemente, como a Neopositivista (Geografia Quantitativa), a Geografia Humanista (incorporando sobretudo um viés fenomenológico, muito particular) e também a Geografia Crítica (a partir de uma leitura, também própria dos geógrafos, do Materialismo Histórico), posturas estas que se afirmam a partir de meados do século XX.

Retomando clássicos como La Blache (1982 [1913]), ou ainda extraindo de alguns geógrafos brasileiros as experiências expressivas das formas como novas elaborações e posturas de método foram praticadas - como é o caso do estudo de Antônio Ceron (1976), exemplar significativo para reconhecermos uma Geografia Quantitativa, que inaugura uma perspectiva neopositivista e geométrica do espaço (Silveira, 2006); também de Oswaldo Bueno Amorim Filho (1999) ao fazer uma avaliação da incorporação do método fenomenológico pela chamada Geografia Humanista; ou, ainda, de Milton Santos (2003 [1979]), ao apresentar a inserção da crítica marxista nos estudos geográficos (e demonstrá-la empiricamente como importante ferramenta fundamental para a compreensão totalizadora do espaço), a discussão que eu

propunha na disciplina explorava, assim, tanto as posturas gerais de tais métodos como a forma como cada um deles fora incorporado e adaptado na Geografia, visando também reconhecer as práticas empíricas de realização dos estudos no interior da ciência geográfica.

Um segundo tópico da disciplina volta-se essencialmente a reconhecer a centralidade do espaço geográfico como objeto de análise da Geografia, o que fiz ao longo destes anos sobretudo a partir das elaborações de Milton Santos (1996), bem como um exercício posterior de reflexão epistemológica dos conceitos/categorias de análise.

Lida ora como elo de ligação/coesão entre diferentes elementos do meio (compreensão oferecida desde La Blache), mais tarde também como expressão que permite a percepção e valorização intersubjetiva de fenômenos espaciais (como elaborado pela Geografia Humanista), a paisagem também foi por nós explorada na disciplina a partir de um sentido universal – o de aspecto visível do espaço – exigindo-nos, por uma opção crítica, necessariamente compreendê-la como manifestação fenomênica do espaço, visando sobretudo também ultrapassar sua condição de “forma”, alcançando a dinâmica social e, dialeticamente, a vida que anima propriamente o Espaço Geográfico (Santos, 1988).

Ao lado da paisagem, a região é das mais tradicionais de nossas categorias analíticas e fora talvez a que mais tenha tomado diferentes noções e conceituações ao longo da história da disciplina. Tais categorias (paisagem e região) e os diferentes conceitos delas desdobrados foram por mim trabalhados quase sempre também a partir de Milton Santos (1988) e de Roberto Lobato Corrêa (1997). A partir (obviamente) de seleções, resgatei em textos sobre o conceito de região tais aspectos, reconhecendo a região como resultado, ontem, tanto dos processos naturais de diferenciação do espaço, e, hoje, cada vez mais como fruto da própria dinâmica da divisão territorial do trabalho (como inaugurado nas concepções críticas que se afirmam na Geografia, pós anos 1970), ainda ganhando expressões contemporâneas na virada de século, sobretudo em função dos resultados do processo de globalização, tais como os havia elaborado em textos autorais, em Pereira (2004)²⁹ e também em Pereira (2009), quando recuperamos neste último os conceitos de região e os sentidos da regionalização, visando a compreensão dos processos de modernização e fragmentação do território, mais uma vez, inspirados sobretudo em Milton Santos e em Ana Clara Torres Ribeiro (2004b).

Tal elaboração nos parece um caminho válido para desvendar as tensões entre o espaço organizado pela e para as resistências e, de outro lado, por ações hegemônicas opressoras

²⁹ Pereira, M. F. V. Região - Pluralidade e Permanência: Desafios e tendências da categoria região em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.3, p. 339-353, 2004. Disponível em <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1065>. Acesso em 15 jun. 2025.

(Pereira, 2009, p.20)³⁰. A intenção deste texto (Pereira, 2009), que hoje reconheço como pretensioso (ainda que com os limites próprios da juventude), foi sobretudo o de indicar como normas e infraestruturas territoriais fragmentam o espaço, e assim oferecem possibilidades de leituras atualizadas do fenômeno de região e dos processos de regionalização.

A categoria território e suas diferentes conceituações também é das preocupações que me acompanham desde os tempos da graduação. Posso de certo modo dizer que todos os trabalhos que realizei, desde o mestrado e o doutorado, em publicações diversas e nas orientações de pesquisa (em diferentes graus) envolvem, de um modo ou outro, diretamente a categoria território, justamente por reconhecê-lo, como fez Milton Santos (2002 [1994]) e Bernardes *et. al.* (2001), como sinônimo de espaço geográfico, especialmente quando levamos em conta a sua dimensão social.

Reconhecendo o território como expressão da dimensão política e de poder no espaço (Pereira, 2010)³¹, este é, ao mesmo tempo, um híbrido de materialidades e ações sociais (Santos, 1996), forma-conteúdo de importância absoluta e central na análise geográfica, porque guarda e materializa projetos e intenções de diferentes agentes, em que pese suas desiguais condições de poder (SANTOS, 1996, 2001, 2005 [1994]). Diferentes intenções (latentes ou materializadas) no território são reveladoras de sistemas ações e de sistemas de objetos, já que as ações não se efetivam sem o movimento e esforços de determinados agentes, tampouco sem um conjunto de transformações no próprio conteúdo material do espaço (Santos, 1996, p. 72), assim, uma vez que ações e intenções se materializam no espaço, este guarda um conteúdo novo, que pode figurar tanto como um convite quanto como um limite à novas ações sociais (Santos, 2003 [1979]).

Da tensão afirmada neste “campo de forças”, se estabelecem no território disputas e conflitos entre diferentes projetos, agentes sociais, racionalidades e solidariedades de diferentes ordens, e de tal condição, emergem contradições e também costuras sociais e políticas capazes de revelar possibilidades outras de uso do território. Disto, Santos (2002 [1994], 1996) e Santos e Silveira (2001) reconhecem que é o seu *uso* que autoriza tomarmos o território como objeto de análise social, comportando relações dialéticas.

³⁰ Pereira, M. F. V. Potencialidades da análise regional no estudo das tendências de modernização e fragmentação do território. Revista de Ciências Humanas (Viçosa), v. 9, p. 13-22, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3516>. Acesso em 15 jun. 2025.

³¹ PEREIRA, M. F. V. Território e política: práxis invertidas e desafios da existência. *Sociedade & Natureza*, v. 23, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/11255>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Assim, compreendo junto a estes autores que é levando em consideração o território e seus usos que podemos revelar interesses e poderes de diferentes agentes, diferentes objetos técnicos (banais ou estritamente precisos e seletivos), ações (hegemônicas e contra hegemônicas), cuja análise nos permite iluminar preocupações com o futuro dos lugares e da sociedade. Fora assim que o conceito de território foi trabalhado na disciplina, durante os anos em que a ministrei.

A categoria Lugar, tão central em posturas como a da Geografia Humanista e também renovada nos anos 1990 pela Geografia Crítica, foi por nós trabalhada na disciplina, seja a partir de leituras como a de Milton Santos (2008 [1994], 1996), compreendendo-o no campo da Geografia Crítica como expressão das resistências, seja também a partir de elaborações amplas e interdisciplinares, oferecidas sobretudo por Ana Clara Torres Ribeiro (2004a).

Refletindo brevemente e de modo sintético sobre as práticas e abordagens nas disciplinas ministradas na UFU, posso dizer que, tanto em Geografia Econômica quanto em Teoria e Método da Geografia, tanto a prática da docência quanto o exercício de pesquisa e elaboração intelectual foram realizadas de modo conjunto, ou seja, nutrindo-se mutuamente (ainda que em Geografia Econômica minha produção tenha sido maior).

Minhas opções em torno da compreensão do território e da epistemologia oferecidos sobretudo por Milton Santos (1996), mas também por outros autores (especialmente os trabalhos de Ana Clara Torres Ribeiro e de María Laura Silveira) estão expressos em um conjunto, ainda que não numeroso, de textos publicados, em boa parte desde minha juventude (elaborados, pretensiosamente, desde a casa de meus vinte anos), mas já com convicções epistemológicas firmes, e que se mantém até hoje.

De modo recente, em torno das ideias de organização do espaço e ordenamento e uso do território, que tanto balizam as elaborações e estudos na Geografia contemporânea, pude elaborar, no campo da epistemologia, reflexões tecidas durante estes anos com os alunos a partir da disciplina Teoria e Método da Geografia (Pereira, 2019)³².

No interior da epistemologia oferecida pelo pensamento de Milton Santos, e sem dúvida como uma herança das preocupações epistemológicas que muito também balizaram os trabalhos de minha orientadora, Samira Peduti Kahil, dediquei-me, nos últimos anos, à

³² Pereira, M. F. V. Espaço e território – organização, ordenamento e uso: notas teórico-epistemológicas. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 39, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/58066>. Acesso em 13 ago. 2025.

exercícios de elaboração teórico-conceitual (sempre envoltas às suas possibilidades de leitura e aplicação empíricas), entorno da noção de Psicosfera - uma das elaborações do prof. Milton que muito me instigam.

Em um primeiro texto, publicado em uma coletânea que retomou os esforços de Samira em um dos últimos trabalhos³³, elaborei um capítulo destinado a revisitar o conceito de psicosfera, a partir das contribuições de Milton Santos, Ana Clara Torres Ribeiro e de Samira Peduti Kahil (1997, 2010), visando compreender como as contingências do período atual apropriam-se de mecanismos estruturais, atualizando-os. Visamos especialmente avaliar como a afirmação de uma razão neoliberal (com hegemonia do capital financeiro) aciona estrategicamente as subjetividades do período, somando contornos novos à noção de psicosfera (Pereira, 2021)³⁴.

Em um segundo texto (Pereira, 2023)³⁵, trabalhei conceitualmente a mesma noção, visando reconhecer como uma psicosfera particular é hoje elaborada e acionada pelo agronegócio brasileiro, servindo como ferramenta poderosa às suas intenções hegemônicas, oferecendo portanto, possíveis chaves de interpretação a tal fenômeno.

A redefinição de Áreas de Organização Pedagógica no Instituto de Geografia me impôs optar por uma Área prioritária de atuação (minha opção foi a Geografia Humana e Regional, o que implicou em deixar de ministrar as aulas de Teoria e Método da Geografia). Assim, no ano de 2024, ofereci a disciplina “Organização do Espaço Mundial”. Tal desafio me exigiu (e ainda exige) um conjunto novo de estudos para a preparação e oferta desta componente curricular.

A partir do que fora fixado na ementa, nosso ponto de partida fora revisitar a noção de poder e hegemonia, reconhecendo-os a partir de suas dimensões e expressões espaciais/territoriais, leitura que fiz junto aos discentes a partir, mais uma vez, de Ana Clara

³³ Trata-se da publicação póstuma (Kahil, 2021), resultante da organização, por Samira e com a colaboração do Prof. Márcio Cataia (Unicamp), de dois grandes eventos a que participamos e ajudamos a organizar em Rio Claro (nos anos de 2006 e 2007), visando debater os destinos do país junto a pesquisadores da Geografia e de diferentes áreas. Dentre um conjunto numeroso de pesquisadores convidados, destacamos Ana Clara Torres Ribeiro, Francisco de Oliveira, Julia Adão Bernardes, Maria Adélia Aparecida de Souza, dentre outros.

³⁴ Pereira, M. F. V. Território e psicosfera: O Brasil e os desafios sob o horizonte neoliberal. In: Kahil, S. P. (Org.). *O tamanho do Brasil: Território de quem?* São Paulo: Max Limonad, 2021. p.271-285. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359177918_Territorio_e_Psicosfera_o_Brasil_e_os_desafios_sob_o_horizonte_neoliberal. Acesso em 26 ago. 2025.

³⁵ Tal texto fora encomendado através do gentil e generoso convite de Luciano Duarte (UFGD), que, articulando um conjunto de pesquisadores de diferentes instituições, propôs uma coletânea para recuperar elementos teóricos do conceito: Pereira, M. F. V. A hegemonia do agronegócio brasileiro: Tecnosfera, Psicosfera e o poder da informação. In: Duarte, L. P.; Frank, B. J. R. (org.). *Psicosfera: contribuições teóricas a partir de investigações geográficas*. Porto Alegre: Totalbooks, 2023. Disponível em: <https://totalbooks.com.br/wp-content/uploads/2024/06/PSICOSFERA.pdf>. Acesso em 07 mai. 2025.

Torres Ribeiro (2021), mas também de Carlos W. Porto-Gonçalves (2002). Tais condições foram depois reconhecidas e ampliadas nas práticas dos Estados que, ao longo do surgimento e afirmação, tanto do ente Estado como do próprio modo de produção capitalista e do sistema-mundo, consolidaram hegemonias e imposições de práticas de poder (como é o caso das cidades-estado italianas, dos Países Baixos, Reino Unido e Estados Unidos), tarefa que realizamos a partir da obra de Giovanni Arrighi (1998 [1994]). A própria reconfiguração e reposicionamentos da hegemonia estadunidense no planeta também foram revisitados, a partir da leitura de Ceceña (2004).

Um segundo tópico da disciplina é voltado essencialmente à compreensão dos conflitos e desafios do mundo a partir de panoramas regionais, visando reconhecer suas condições históricas e sobretudo suas expressões contemporâneas. Nesta primeira experiência de oferta da disciplina, trabalhamos a recomposição da geopolítica e da geoeconomia do sistema mundo a partir sobretudo da China e também do BRICS (Jabbour; Dantas; Vandell, 2022).

A precariedade do continente africano, ainda mais ampliada neste tempo de globalização neoliberal, com situações extremas de exploração e despossessão, foram reconhecidas a partir da noção de “brutalismo”, elaborada por Achille Mbembe (2022 [2020]), enquanto a inserção marginal, e via reforço da especialização primária, na América Latina, fora debatida a partir de elementos da Teoria Marxista da Dependência, trabalhadas em um texto de Jaime Osório (2012). A disciplina, também a partir do diálogo e opções definidas junto aos discentes, abordou também aspectos conjunturais, com leituras sobre a guerra atual entre Rússia e Ucrânia.

Em que pese ter sido ser a primeira vez que ministrei a disciplina “Geografia do Espaço Mundial”, tarefa a que sem dúvida pretendemos ainda reelaborar, cremos que a mesma, posicionada no 8º período dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia, pôde contribuir para a necessária compreensão do panorama do mundo e das disputas travadas entre capital e trabalho, lidas a partir do ângulo e ações dos Estados (desde a afirmação do modo de produção capitalista ao mundo contemporâneo).

2.3 Trajetória (e Encontros) nas atividades de Pesquisa e algumas Produções Intelectuais derivadas

Conforme já afirmamos, acreditando em uma Geografia que, necessariamente, deva voltar-se à compreensão do tempo presente e essencialmente oferecer uma leitura da sociedade pelo/através do território, os primeiros projetos de pesquisa que desenvolvi na UFU serviram tanto para exercitar e pôr em prática temas de pesquisa e teorias que me pareciam potentes e interessantes, quanto também para que eu pudesse conhecer a realidade geográfica da região, que até então eu pouco conhecia. Foi o modo que encontrei de conhecer o território do Triângulo Mineiro, bem como de aproximar-me da vida e do cotidiano dos alunos, o que também permitia nutrir as aulas da graduação com algum conhecimento acerca do conteúdo regional. Assim, e orientado pelo princípio de uma pesquisa socialmente comprometida, os primeiros projetos (realizados apenas com a colaboração dos próprios bolsistas de IC), versaram sobretudo sobre fenômenos do urbano e do campo em Uberlândia e no Triângulo Mineiro.

Visando ampliar conhecimentos acerca de noções e teorias que também haviam composto minhas preocupações de pesquisa no doutorado, um primeiro projeto a que concorri em um Edital interno, e visando bolsa de iniciação científica do CNPq para discentes da graduação, foi intitulado “Globalização, Território e Cidade no Triângulo Mineiro: uma avaliação a partir dos circuitos da economia em Uberlândia” (PIBIC – UFU/CNPq, realizado entre 2009-2010, com participação dos discentes Juliana de Freitas e Otávio Coelho). Eu ministrava a disciplina Geografia Econômica e o interesse era justamente o de compreender como a adesão de Uberlândia ao processo de globalização implicou, de um lado, a modernização de estruturas caras ao principal centro regional do Triângulo, com a inserção de agentes globais no espaço urbano, bem como observar os mecanismos de reprodução e permanência das atividades de uma economia pobre e voltada para demandas imediatas da população no lugar, ou seja, aquilo a que Milton Santos (2004 [1975]) denominou como “circuito inferior da economia urbana”.

Desta pesquisa, que envolveu um expressivo levantamento de dados empíricos junto a agentes do comércio popular na área central da cidade, resultou uma primeira publicação sobre o município, em coautoria com meu primeiro orientando na UFU, Otávio de Melo Coelho (Coelho, Pereira, 2011³⁶). Também por esta pesquisa, pude conhecer que muito da dinâmica

³⁶ Coelho, O. M.; Pereira, M. F. V. O circuito inferior da economia na área central de Uberlândia-MG: avaliação e caracterização. *Geografia* (Londrina), v. 20, p. 163-188, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2011v20n1p163>. Acesso em 06 jul. 2025.

urbana e de uma economia típica do circuito superior estavam vinculadas, para além das evidentes e já estudadas funções do segmento atacado-distribuidor, também às atividades agrícolas modernas desempenhadas não só no município como também pela região (agricultura típica do agronegócio globalizado, processamento agroindustrial e modernos serviços associados ao campo).

Uma primeira pesquisa conjunta, com colegas do então Instituto de Geografia, veio a trabalhar mais diretamente com o campo e a agricultura³⁷. Intitulada “Cerrado - do ecossistema aos sistemas agrícolas: impactos sócio-ambientais na mesoregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba”, realizada entre 2009 e 2011 (Edital Universal Fapemig), sob a coordenação de Vânia Rosolen (hoje professora na Unesp/Rio Claro), avaliou aspectos físicos do solo sobre os espaços de expansão da moderna agricultura (especialmente soja), sendo minha responsabilidade na equipe justamente avaliar políticas públicas e a ação de grandes corporações vinculadas ao circuito produtivo de grãos. Um de meus primeiros textos acerca do agronegócio no Triângulo Mineiro foi publicado em 2012 (Pereira, 2012)³⁸, e resulta das reflexões elaboradas durante esta pesquisa.

Depois de defendido o doutorado e tendo os primeiros projetos de pesquisa iniciados, o ano de 2011 marca meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia no Instituto, quando passo a ministrar disciplinas³⁹ e a receber os primeiros orientandos de mestrado (a partir

³⁷ Neste tempo, para além de pesquisas realizadas a partir da UFU, também pude compor equipes de projetos amparados por auxílios do CNPq e Capes, coordenados por colegas de outras instituições (UFPA, UFRJ e UNESP Rio Claro, e sempre voltados à compreensão do campo brasileiro), com quem o diálogo entorno do conhecimento geográfico e da realização de pesquisa sempre foi muito proveitoso.

³⁸ Pereira, M. F. V. Os agentes do agronegócio e o uso do território no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: da moderna agricultura de grãos à expansão recente da cana de açúcar. *Revista do Departamento de Geografia (USP)*, v. 23, p. 55-82, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7154/RDG.2012.0023.0004>. Acesso em 06 jul. 2025.

³⁹ No Programa de Pós-Graduação, elaborei proposta de uma disciplina que pudesse aprofundar estudos juntos aos discentes, exatamente voltada para a Geografia Econômica. Denominei-a “Uso do Território, Economia e Produção: implicações espaciais e políticas”, oferecendo-a pela primeira vez em 2011 e a partir de então com frequência bianual. A intenção com tal disciplina era justamente oferecer aos discentes possibilidades de uma leitura geográfica das atividades produtivas, ou seja, do trabalho e de seus efeitos no território. Mais uma vez, e abordando o tema a partir daquilo que Santos (2001) reconhece como “economia política do território”, a intenção foi pensar em mecanismos próprios da divisão territorial do trabalho e de seus efeitos em diferentes escalas (urbano/regional, nacional/global), visando ampliar e aprofundar conhecimentos dos discentes que porventura estudassem temas diretamente ligados às atividades produtivas. Devo reconhecer que, neste tempo, para além de meus próprios orientandos, foram poucos os alunos que efetivamente se dedicam à pesquisa e temas diretamente voltados ou tendo como foco central as atividades produtivas. Assim, e ao longo do tempo, tenho orientado a discussão da disciplina para aspectos mais gerais e amplos da acumulação, a partir sobretudo de suas dimensões geográficas, visando reconhecer processos essencialmente territoriais e suas contradições, o que nos últimos anos tenho feito a partir da leitura de David Harvey (2016). Para além desta disciplina, por duas vezes ofereci no PPGEU/UFU (em 2021 e 2024), uma disciplina obrigatória que compõem desde 2019 o currículo novo dos cursos de mestrado e doutorado – “Metodologia de Pesquisa em Geografia”, experiência que fora compartilhada com

de 2012), fato que sem dúvida oportunizou ampliar a realização de pesquisas, com o mesmo espírito de aprofundar conhecimentos geográficos sobre a região.

É assim que, em um segundo edital da UFU que concorri para a seleção de projetos com bolsa PIBIC/CNPq, incorporei diretamente o tema da agricultura, mas já com preocupações que visam a compreensão da atuação de agentes econômicos e das funções urbanas (sobretudo um terciário especializado) destinadas à sustentação do agronegócio globalizado. Um primeiro projeto desta natureza por mim coordenado e a que fui contemplado foi intitulado “Dinâmica Territorial da Agricultura Moderna no Triângulo Mineiro: o uso do território pelas grandes empresas do agronegócio” (PIBIC – UFU/CNPq 2010-2011, com nova participação de Otávio de M. Coelho), e visou exatamente reconhecer as empresas que, instaladas no município, detinham direta participação no circuito produtivo de *commodities* tais como soja e milho.

Em 2010, tive um primeiro auxílio financeiro aprovado em edital da Fapemig (Edital Primeiros Projetos 2010/2012), bem como a aprovação de uma bolsa de IC a ele associada (Edital Interno PIBIC - CNPq/UFU, 2011-2012) voltado à avaliar as relações campo-cidade em três municípios do Triângulo Mineiro dos mais expressivos no controle de atividades do agronegócio - Título: “Território e economia na região do agronegócio em Minas Gerais: As cidades e o campo moderno no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (Uberlândia, Uberaba, Patrocínio)” (com a participação dos discentes Glaycon Vinícius de Souza e Laís Ribeiro Silva).

Em Uberlândia, aprofundi com esta pesquisa a compreensão das atividades e o trabalho de coordenação da produção regional por grandes *tradings* do agronegócio, em boa parte localizadas no município. Em Uberaba (para a qual os meus deslocamentos eram semanais), avaliei a função urbana associada ao segmento de genética bovina, conferindo modernização à já histórica atividade de seleção do gado zebuino realizada no município (Pereira, 2012; Pereira; Silva, 2013)⁴⁰. Para a cidade de Patrocínio, principal centro que organiza a produção cafeeira no cerrado mineiro, avaliei as empresas do setor (*tradings* e cooperativa), além de demais

docentes de outras linhas de pesquisa, visando um debate amplo/geral acerca da produção do trabalho acadêmico/científico, devidamente com foco nas especificidades da pesquisa geográfica.

⁴⁰ As publicações resultantes deste projeto de pesquisa para o município de Uberaba foram as seguintes: PEREIRA, M. F. V. As atividades modernas da genética bovina no Brasil: funções e lógicas da especialização em Uberaba-MG. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 32, p. 13-32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/bgg.v32i2.21075>, acesso em 14 ago. 2025.

PEREIRA, M. F. V.; SILVA, L. R. Os nexos urbanos do agronegócio: uma avaliação a partir da genética bovina em Uberaba-MG. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 3, p. 449-473, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.54446/bcg.v3i3.127>, acesso em 14 ago. 2025.

serviços urbanos associados à moderna produção de café na região (Pereira, 2014)⁴¹. Fundamentalmente, o interesse era compreender como as cidades acolhem agentes econômicos e serviços especializados voltados à agricultura científica (Santos, 2000), ou, ainda àquilo que Denise Elias (2006, 2022) reconheceu como agronegócio globalizado.

Em 2011, pude acompanhar Denise Elias (UECE) e Renato Pequeno (UFC), que visitavam Uberlândia para as atividades de campo de um projeto coordenado pela professora. Em um dia de campo, apresentei-lhes aspectos do agronegócio no Triângulo Mineiro e a condição de Uberaba como centro especializado em genética bovina, bem como o município de Delta, cuja expansão das atividades sucroenergéticas o caracteriza como exemplo dos mais significativos de especialização e vulnerabilidade territorial no Triângulo Mineiro. Denise Elias era em meus estudos uma referência central para a compreensão das chamadas “cidades do agronegócio”, e, nesta ocasião, ela me convida para compor, junto a colegas de diferentes instituições, a Reagri - Rede de Estudos sobre Regiões Agrícolas, então recentemente criada e coordenada pela profa. Julia Adão Bernardes (UFRJ). Minha participação junto a este grupo se efetiva em uma reunião realizada no Enanpege de 2012, em Campinas-SP e, desde então, permaneço como pesquisador vinculado à Rede.

Penso que a minha inserção na Reagri fora fundamental para pelo menos duas coisas – a primeira, a oportunidade de conhecer e apreender junto a colegas muito mais experientes um conjunto de temas e proposições metodológicas voltadas à compreensão do campo brasileiro; a segunda, a afirmação de uma linha de pesquisa sobre as dinâmicas territoriais da agropecuária, a que até hoje dedico a maior parte de minhas investigações. Assim, foi a partir das interlocuções estabelecidas com vários colegas da Reagri que pude aprimorar minhas atividades de pesquisa, realizar trabalhos de campo e reuniões de debate em diferentes regiões do país, além de tecer diálogos e investigações para a elaboração de textos e também muito aprofundar conhecimentos a partir de participações em bancas de orientandos dos colegas da Rede.

Também no ano de 2012, e a partir de generoso convite do Prof. João Cleps Junior (IG/UFU), participamos da elaboração de proposta e fomos contemplados pelo edital Capes/Fapitec-SE - Programa de Estímulo à Mobilidade e ao Aumento da Cooperação Acadêmica da Pós-graduação de Sergipe (PROMOB) (2012-2015), com o projeto intitulado “Estado, Questão Agrária e Conflitos Territoriais: um estudo comparativo entre Sergipe, Paraíba e Minas Gerais”, cuja coordenação geral foi realizada por Eraldo da Silva Ramos Filho

⁴¹ PEREIRA, M. F. V. Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do Cerrado mineiro. *Cuadernos de Geografia*, v. 23, p. 239-254, 2014. Disponível em: https://revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/37333/pdf_13, acesso em 14 ago. 2025.

(UFS), e, no núcleo de Uberlândia, por João Cleps Junior. Foi então por intermédio de João, um dos poucos colegas com que pude ao longo destes anos debater o tema do campo e a Geografia Agrária na Geografia da UFU (gentilmente sempre me convidando para as bancas de seus orientandos), que pude conhecer novos colegas fantásticos, como é o caso de Eraldo, mas também Josefa de Lisboa Santos (UFS) (com quem até hoje compartilho, junto a Claudio Ubiratan Gonçalves/UFPE e Adriano Oliveira/UFG o GT “Região, regionalização e políticas territoriais”, nos encontros da Anpege), Ana Rocha dos Santos (UFS), Oscar Alfredo Sobarzo (UFS), além de Marco Antônio Mitidiero Jr. (UFPB) (com quem também pude, neste tempo, compartilhar outras atividades de trabalho), dentre outros.

Este projeto de pesquisa nos exigiu a realização de atividades de campo, tanto no Triângulo Mineiro quanto em Sergipe, permitindo com que eu pudesse conhecer tanto a forma como a Geografia é elaborada e pesquisada por colegas de instituições do Nordeste, quanto a própria realidade agrária do campesinato de parte do Nordeste, além da oferta, por minha parte, de uma disciplina concentrada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB (em 2015). Estes colegas, bem como um numeroso conjunto de discentes da UFS e da UFPB (como é o caso de Vanilza Andrade, a quem supervisionei um estágio de doutorado em Uberlândia, ou ainda Edilma, que hoje realiza doutoramento na UFU), me oportunizaram um conjunto vasto de viagens de campo, participação em bancas e eventos, além de muito aprendizado, que guardo até hoje.

A publicação de capítulos e a organização de uma coletânea (Ramos Filho; Pereira; Santos; Cleps; Andrade, 2015)⁴², registram as produções resultantes do referido projeto, a que pessoalmente me dediquei a compreender ações do Estado que sustentaram o processo de modernização do campo no Triângulo Mineiro (Pereira, 2015)⁴³ e também as ações que asseguraram a expansão das atividades sucroenergéticas na região, na última virada de século (Pereira; Silva, 2015)⁴⁴.

⁴² Ramos Filho, E. da S.; Pereira, M. F. V.; Santos, J. de L.; Cleps, G. D. G.; Andrade, V. da C. (Org.). *Estado, políticas públicas e território*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

⁴³ Pereira, M. F. V. Estado e mercado na definição de uma região agrícola moderna: processos e consequências no Triângulo Mineiro. In: Ramos Filho, E. da S.; Pereira, M. F. V.; Santos, J. de L.; Cleps, G.D. G.; Andrade, V. da C. (Org.). *Estado, políticas públicas e território*. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 67-86.

⁴⁴ Pereira, M. F. V.; Silva, L. R. O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro: ações do Estado na consolidação de uma região agrícola especializada e suas implicações territoriais. In: Ramos Filho, E. da S.; Santos, L. R. S.; Santos, A. R. dos (Org.). *Agrocombustíveis, trabalho e resistências territoriais*. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 55-77.

Pelas experiências acumuladas nestes projetos, também pude acompanhar, seja pelos dados secundários permanentemente avaliados, seja pelo observado diretamente em trabalhos de campo, o modo como a expansão da produção de cana-de-açúcar se afirmou no Triângulo Mineiro. Diga-se de passagem, tal situação era uma condição posta ao Brasil como um todo, visto que o cultivo da cana se expandia com rapidez no conjunto do território a partir do início dos anos 2000, em uma conjuntura interna marcada pelos compromissos internacionais assumidos pelo Brasil para a redução das emissões de gases do efeito estufa, no Protocolo de Quioto (1997); pela afirmação da tecnologia *flex fuel* para a frota nacional de automóveis, a partir de 2003; e mesmo de toda uma conjuntura internacional que apontava possibilidades de o etanol afirmar-se como uma *commodity*, em um mundo que a partir de então intensifica a busca pela transição energética.

Assim, os efeitos territoriais da expansão dos cultivos de cana-de-açúcar tornam-se ainda mais evidentes durante as primeiras décadas do século XXI, sendo o Triângulo Mineiro a região de Minas Gerais mais acionada para o cultivo da gramínea. Esta foi então uma preocupação central de pesquisa, em um projeto por nós aprovado no CNPq (Edital CNPq 43/2013 Ciências Humanas – para o período 2014/2016,), intitulado “O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro: Dinâmicas da região agrícola especializada e vulnerabilidade territorial”, do qual resultou um conjunto de outras orientações (por duas vezes, João Henrique Santana Stacciarini) e publicações⁴⁵. O mesmo projeto também fora contemplado por auxílio financeiro via Edital da Fapemig (01/2014 Demanda Universal, com a participação do discente Ruhan Rodys Beiler como bolsista de IC).

Enquanto vários colegas do Instituto também se voltavam ao tema, permitindo assim ampliarmos interlocuções sempre frutíferas, com numerosos estudos entorno da interferência dos cultivos da cana na dinâmica agrária da região (como tanto pesquisou João Cleps e sua equipe de orientandos), na cultura camponesa de comunidades tradicionais (tema a que o prof. Rosselvet José Santos também muito dedicou-se), ou ainda pelo ângulo dos impactos ambientais (como fez Gelze Serrat Rodrigues, colega a quem sempre me renovou convites para participações em bancas e com quem muito aprendi), minha motivação central fora pensar exatamente as expressões econômicas da atividade e suas implicações territoriais,

⁴⁵ Dentre outras, vide: Pereira, M. F. V.; Beiler, R. R. A vulnerabilidade das “cidades da cana” no Triângulo Mineiro, MG, Brasil: efeitos territoriais do encerramento das atividades de usinas sucroenergéticas. *Terr@ Plural* (UEPG), v. 14, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/13568>. Acesso em 14 ago. 2025.

especialmente ao reconhecermos municípios que rapidamente se especializavam no cultivo, desestabilizando práticas pretéritas e tornando-se vulneráveis e dependentes.

Uma preocupação especial também fora a de reconhecer, em territórios municipais muito especializados, o cotidiano de pequenos núcleos urbanos, que progressivamente se tornaram em muito administrados pelas lógicas corporativas de grupos que controlam as unidades sucroenergéticas. A situação fora por nós reconhecida na região a partir da noção de “cidades da cana” (Pereira, 2015c). Este projeto me permitiu percorrer praticamente todo o Triângulo Mineiro, realizando entrevistas, visitas à várias unidades sucroenergéticas, bem como estabelecer diálogo com agentes públicos municipais e também junto a sindicatos de trabalhadores rurais. As atividades de campo foram realizadas em treze municípios da região, viagens que por vezes realizei sozinho ou na companhia de orientandos, sendo por vezes repetidas para novos levantamentos, com a companhia de colegas pesquisadores da Reagri, como os professores Júlia Adão Bernardes, Marina Castro de Almeida, Samuel Frederico e Luís Angelo Aracri, além de um conjunto de seus orientandos.

O tema do setor sucroenergético e as preocupações que dele derivaram acabam compondo com centralidade minhas atividades de pesquisa por mais de uma década (entre 2014 e 2024), com um conjunto de orientandos de iniciação científica e mestrado que iniciaram pesquisas sobre a região, tendo inclusive, alguns deles, por meu estímulo direto para galgarem saltos mais altos, realizado pesquisas de doutorado avaliando as condições do setor em escala nacional (a partir da análise de situações de grandes grupos no país, e também com preocupações entorno da inserção de agentes estrangeiros e do capital financeiro na atividade). Este tempo longo de pesquisa sobre a dinâmica territorial do setor sucroenergético rendeu a publicação de um conjunto de textos, inclusive uma apresentação de trabalho no Encontro de Geógrafos da América Latina, na Universidade de La Habana, em Cuba (Pereira, 2015c⁴⁶), dentre outros (Pereira, 2018⁴⁷; Pereira; Beiler 2020; Pereira, 2022⁴⁸). Com o mesmo tema, que

⁴⁶ Pereira, M. F. V. As 'cidades da cana' no Triângulo Mineiro (Brasil): Para uma discussão das implicações territoriais do agronegócio e de seus nexos urbanos. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina - EGAL, 2015, La Habana. *Anais do XV EGAL*. La Habana: Universidad La Habana, 2015c.

⁴⁷ Pereira, M. F. V. A feição regional do circuito espacial produtivo sucroenergético no Triângulo Mineiro e suas implicações territoriais. *Campo.Território*, v. 13, p. 162-188, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT132907>. Acesso em 14 ago. 2025.

⁴⁸ Pereira, M. F. V. Agronegócio e urbanização no Triângulo Mineiro: As “cidades da cana” e as especificidades do urbano sob o efeito do setor sucroenergético. *Ateliê geográfico (UG)*, v. 16, p. 185-203, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ag.v16i1.72157>. Acesso em 14 de ago. 2015.

fora pesquisado e debatido também com diferentes colegas da Reagri, pudemos elaborar um conjunto de outros textos, tanto acadêmicos (Santos, et. al.; 2019⁴⁹; Santos, et. al., 2022⁵⁰) quanto voltados à divulgação em veículos da mídia crítica brasileira (Mesquita, et. al., 2021⁵¹; Sampaio; Pereira, 2022⁵²).

Este tempo de dedicação ao estudo do setor sucroenergético de certo modo também se alonga em função de um conjunto outro de circunstâncias, próprias do trabalho, da vida pessoal e mesmo da conjuntura do país. Assumo o PET Geografia em julho de 2016, permanecendo por três anos como tutor, o que me exigia uma carga de trabalho significativa e demandava realizar pesquisa também junto ao grupo (e a partir de temas também definidos pelo Grupo).

Em termos pessoais, depois de muito tempo juntos, eu e Amanda nos casamos (e já com intenções de termos um filho). Entre o casamento (início de 2016) e, pouco mais de um ano depois, a gravidez, meus deslocamentos à Uberaba se tornam muito mais numerosos, e o tempo para elaboração de um projeto novo e mesmo para investigações empíricas a partir de trabalhos de campo se tornam mais difíceis. Joaquim nasce em Uberaba, em março de 2018, e, ainda que pelo melhor dos motivos, o tempo tornou-se ainda mais escasso.

As circunstâncias políticas do país também já não são as mesmas de quando nos deslocamos para o Triângulo Mineiro... O golpe, em 2016, que destitui Dilma Rousseff da presidência da república, de certo modo anunciava os anos difíceis que o país e, particularmente, as universidades federais, enfrentariam. O acesso da ultradireita à presidência, com significativa piora no quadro do financiamento à pesquisa, para além da absoluta desvalorização da ciência e particularmente das Ciências Humanas no país, tornam estes anos os mais difíceis para o trabalho na Universidade. Cortes de orçamento para manutenções

⁴⁹ Santos, H. F. dos; Teodoro, M. A.; Pereira, M. F. V.; Almeida, M. C. de; Frederico, S. Competitividade regional, expansão e implicações territoriais do setor sucroenergético no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. In: Bernardes, J. A.; Castillo; R. (Org.). *Espaço geográfico e competitividade: regionalização do setor sucroenergético no Brasil*. 1ed.Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, v. 1, p. 61-90.

⁵⁰ SANTOS, H. F. dos; SAMPAIO, M. A. P.; MESQUITA, F. C.; PEREIRA, M. F. V. Crise do setor sucroenergético no Brasil e a vulnerabilidade territorial dos municípios brasileiros. *EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales*, v. 48, p. 1-26, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/eure.48.145.02>. Acesso em 19 ago. 2025.

⁵¹ Mesquita, F. C.; Sampaio, M. A. P.; Santos, H. F. dos; Pereira, M. F. V.; Castillo, R. A. A vulnerabilidade do Brasil canavieiro. *Outras Palavras*, 17 ago. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/nacana-retrato-da-reprimizacao-do-brasil/>. Acesso em 24 jun. 2025.

⁵² Sampaio, M. A. P.; Pereira, M. F. V. Trabalho escravo: a barbárie que o agro esconde. *Outras Palavras*, São Paulo, p. 1 - 3, 12 maio 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoepecariado/trabalhoescravo-a-barbarie-que-o-agro-esconde/>. Acesso em 24 jun. 2025.

básicas, e de recursos para a pesquisa, isso tudo de certo modo me desestimula a elaborar uma proposta nova, o que há algum tempo eu já pretendia.

As condições se tornariam ainda piores a partir do início de 2020, quando o mundo fora abatido pela pandemia de Covid-19, com quadro absolutamente mais crítico no Brasil, tanto pelas condições do território (absolutamente desassistido para o enfrentamento de uma pandemia de tal magnitude), quanto pelo modo como o governo e boa parte da sociedade encararam a doença. As preocupações tornam-se outras – o número de mortes se amplia no país (com a doença levando meu sogro)... Estávamos confinados em casa, com Joaquim ainda sem completar dois anos, minha mãe e avó, já idosas e sozinhas em Araraquara. O que mais eu esperava era pelo surgimento de vacinas eficazes. A UFU paralisa de imediato atividades presenciais e fecha os *campi* por seis meses, o que me permitiu permanecer em Uberaba por este tempo.

A universidade por fim organiza práticas para o ensino remoto, a partir de setembro/2020, e em caráter especial (Atividades Acadêmicas Remotas Especiais/UFU, saída inicial encontrada pela instituição para enfrentar a situação da pandemia), o que permitiu alongar minha permanência em Uberaba com a família por este tempo, e também ter a possibilidade de ver mais de perto o crescimento de Joaquim em seus primeiros anos, ainda que com todas as restrições e problemas que o país e o mundo enfrentavam.

Mais uma vez, posso dizer que o encontro com a Geografia “me salvou”, e quem sabe, também a meu filho – entendido o mecanismo da doença (e com nossas vidas restritas ao espaço de um apartamento, com uma criança pequena e duas cachorras...), eu passo a me deslocar praticamente todas as tardes à um bairro rural de Uberaba (Peirópolis), que permanecia quase deserto durante os dias úteis. Assim, Joaquim pode ter um contato com o mundo - correr, brincar, apreender a andar na bicicleta de equilíbrio, as vezes apenas comigo, por vezes também na companhia de Amanda. A tranquilidade da pequena vila (sempre deserta), o contato com o campo, o correr na grama ou entre as árvores que nos rendiam frutos, escolher sempre meia dúzia de pequenas pedras diferentes nos caminhos de terra para levar para casa (era uma das diversões preferidas dele), observar os animais no campo e brincar entre as réplicas dos dinossauros pelos jardins de Peirópolis, tudo isso um pouco nos tranquilizava e permitia a Joaquim apreender experiências com o mundo externo (“mundo rural”, ou “o que restou dele...”, como eu dizia e a ele ensinava). Voltávamos com o carro pelo caminho de 25 km para Uberaba, quase sempre cantando, com ele na maioria das vezes adormecendo e com um pôr do sol que sempre nos era um presente divino.

Assim, nem tudo fora tristeza ou desolação durante a pandemia de Covid. Uma conquista imensa e um sonho por nós nutrido já há tempos se concretizaria também durante a pandemia. O Instituto de Geografia da UFU tinha demandas por um novo docente da Área de Ensino, desde a reformulação do novo currículo, iniciado em 2018. Os concursos (até então realizados apenas de modo presencial) estavam cancelados desde 2020, e a universidade passaria, durante a pandemia, a privilegiar processos de redistribuição docente. É quando um edital fora aberto e, inscrita, Amanda é a única aprovada e, a partir do início de 2021, passa a compor o quadro de docentes da UFU. Minha companheira de vida, tornava-se agora também professora na UFU.

O trabalho remoto se estendeu até o final de 2021 e os semestres regulares, ainda que com as aulas realizadas de forma remota, nos permitiram (mesmo com muitas dificuldades) organizar uma nova vida em Uberlândia, para onde nos mudamos definitivamente, em uma nova casa, no final do ano. Poderíamos agora permanecermos juntos, eu e Amanda trabalhando na mesma instituição, e a família toda habitando a mesma cidade.

Assim, é apenas no final de 2022, e de certa forma com as esperanças renovadas e na espera de algum horizonte de melhora ao trabalho na Universidade, com a eleição de Lula consumada (em um ano político tenso e com tensões se estendendo ao trabalho na Universidade) é que retomo energias para elaborar um novo projeto de pesquisa, ainda que concluindo textos e orientações em torno da análise do setor sucroenergético.

Naqueles últimos quatro anos, observávamos a já consolidada hegemonia do agronegócio ganhar ainda mais força e nova dimensão no país, acionando cada vez mais a grande mídia, elaborando novas narrativas e cada vez mais orientando interesses e capturando recursos públicos. A ideia de um “projeto de nação”, agora ligado e assumindo escancaradamente a um projeto do “agro”, tornara-se uma evidência sob o governo de ultradireita. Os mecanismos de financeirização do campo se tornam mais fortes e complexos, ao mesmo tempo em que uma nova vaga de informação, agora absolutamente orientada por sua face digital (Pereira, 2023), alcançam cada vez mais também a produção agropecuária. Estas duas faces (processo de financeirização e nova condição da informação digital), que penso ser algumas das expressões mais contemporâneas do espaço/tempo presente, me convocavam a pensar uma situação de análise que permitisse tratá-las pela Geografia, e assim inicio a elaboração de um novo projeto (a partir de 2022/2023), ao qual tenho voltado a maior parte de minhas atividades de pesquisa até o presente momento (2025).

É a partir de tal contexto, e mais uma vez avaliando expressões do campo/agropecuária por um viés de Geografia Econômica, que as *startups* do agronegócio (*agtechs*) figuram como

nosso interesse de pesquisa, reconhecendo, à primeira vista, três aspectos absolutamente imbricados e importantes que compõem nossa situação de análise – primeiro, porque a exigente incorporação de inovação tecnológica e informacional no campo se dá, hoje, sobretudo a partir do trabalho e ofertas de empresas como as *agtechs*; segundo, porque o campo que responde por tal modelo de agronegócio no país, ao tornar-se dependente da inovação ofertada por tal tipo de empresa, permite potencialmente às *agtechs* brasileiras alcançarem condições significativas de expansão e valorização (notadamente marcadas pela especulação observada no atual período de dominância financeira); e, ainda, de tal círculo vicioso, podemos extrair um terceiro aspecto, absolutamente importante e preocupante - tais agentes, com seu caráter performático, têm o poder de formular e ditar um modelo de agricultura e de campo, tal como queiram afirmar (Pereira, 2024).

Assim, as *agtechs* são hoje o principal signo da transformação digital no campo e os principais agentes que viabilizam a chamada Agricultura 4.0, e, a nosso ver, suas ofertas marcadas pelo emprego da inovação típica do período (eletrônica e digital), revelam ao mesmo tempo a face mais contemporânea e mesmo uma nova natureza do consumo produtivo do agronegócio (tema a qual sempre me interessou).

A partir de tais condições, é possível reconhecermos uma situação geográfica particular, nos termos propostos por Silveira (1999), permitido articular território, agronegócio e inovação. Território porque as condições de afirmação de uma economia do agronegócio fundamentalmente se dão sobre as condições geográficas/materiais e também político-normativas que marcam o espaço brasileiro, oportunizando condições de afirmação daquilo que Delgado (2012) denomina como “novo pacto de economia política do agronegócio”, condições estas que, ao mesmo tempo, são marcadas por um novo contexto de inovação contemporânea, que no campo é destacadamente expressa pela emergência das *agtechs*, mobilizando a informação digital geolocalizada, *softwares*, aplicativos e plataformas, oferecendo assim “soluções inovadoras” à gargalos técnicos existentes na produção agropecuária, mirando valorização financeira facilitada.

Compreender como tal tipo de empresa emerge e se sustenta em contextos territoriais específicos do país, ou seja, como determinados territórios permitem a afirmação e sustentação de tais agentes, é, em suma, nosso objetivo de análise com o novo projeto, fenômeno este que temos avaliado empiricamente a partir do Triângulo Mineiro.

Para tal, propusemos um primeiro projeto de pesquisa a um edital interno (N.2/2023 DIRPE UFU/CNPq), no qual fomos contemplados, resultando em uma primeira orientação de iniciação científica com o referido tema (Isadora Rodrigues de Oliveira 2023-2024). A mesma

ideia deu origem à uma proposta de pesquisa apresentada à Fapemig (Edital 01/2023 Demanda Universal), no qual também fomos contemplados, permitindo uma nova orientação de IC (Joel Carvalho Neto Fapemig/2023-2025). Com reformulações e ampliação do escopo de pesquisa, o projeto fora apresentado e aprovado no Edital Produtividade em Pesquisa/CNPq (Chamada N.9/2023), com o título “Território, Agronegócio e Inovação: As Agtechs em Uberlândia, Minas Gerais”, e assim deve compor nossa agenda de pesquisa até o ano de 2027⁵³.

Em síntese, e buscando uma reflexão final sobre minhas práticas de pesquisa ao longo desta trajetória pela Geografia, para além de algumas elaborações de natureza teórico-epistemológica já indicadas (especialmente em torno das categorias de análise), as situações empíricas de pesquisa a que me dediquei, foram, em sua maioria, voltadas à avaliação dos aspectos territoriais que derivam do uso do território, visto que essencialmente avaliam expressões territoriais de atividades econômicas/produtivas, redes e circuitos espaciais de produção, dinâmicas territoriais resultantes da ação hegemônica de empresas (e do próprio Estado) e as desigualdades territoriais deles resultantes, e, de modo mais recente, as expressões e implicações territoriais do processo de financeirização da economia e também contextos particulares da relação entre território e inovação, dentre outros, temas caros, a meu ver, à Geografia Econômica.

Tais temas quase sempre estão ao mesmo tempo envoltos e expressam uma leitura de Geografia Regional renovada, buscando compreender quadros e situações particulares no território e como se inserem e se redefinem no contexto da globalização, incluindo processos de reestruturação produtiva, análise de infraestruturas territoriais, fenômenos de especializações territoriais produtivas e vulnerabilidades e instabilidades delas resultantes, etc. (todos

⁵³ Ainda reforçaram a equipe de trabalho, Laís Ribeiro Silva, com estágio de pós-doutoramento realizado sob minha supervisão, com bolsa da Capes (2024-2025) e, recentemente, a aprovação de um subprojeto vinculado – “Território e Inovação: Concentrações de agtechs e funções urbanas voltadas ao agronegócio no interior do Brasil”, com a orientação de Luciano Godoi Gaspar (Edital N.1/2025 DIRPE UFU/CNPq). Dentre algumas publicações já realizadas, destaco as seguintes:

Oliveira, I. R.; Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Novas ofertas e novos agentes para o consumo produtivo do agronegócio. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, v. 15, p. 673-690, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/75091>. Acesso em 15 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Uma cena inovadora para a “indústria-riqueza” do Brasil: as *agtechs* como novos agentes do agronegócio. In: Capel, H.; Oliveira, F. G. de; Algebaile, E.; Zaar, M.; Tunes, R.; Rodrigues, T. (Org.). *A geografia ibero-americana no contexto contemporâneo: um balanço crítico* (Vol. 2). 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024, v. 2, p. 578-605.

Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Território, agronegócio e *startups*: as *agtechs* no ecossistema de inovação de Uberlândia, Minas Gerais. *Geousp*. 29 (2), 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2025.233513.pt>.

essencialmente ligados à Geografia Econômica), podendo reconhecer algumas interseções com a Geografia Urbana, quando avalio as expressões do agronegócio nas cidades, as relações campo-cidade, o terciário urbano especializado, os circuitos da economia urbana e seus nexos com o campo, etc., e, por fim, ainda interseções com a Geografia Agrária, mesmo que de modo menos numeroso (reestruturações fundiárias e seus efeitos, trabalho e resistências no campo, etc.).

Lidas de forma conjunta, penso que as práticas de pesquisa a que desenvolvi podem, grosso modo, revelar que a opção feita foi a de desenvolver um campo de pesquisa em Geografia Econômica, a meu ver peculiar, a partir de estudos sobre atividades majoritariamente ligadas ao campo e ao agronegócio, incluindo a economia urbana relacionada às demandas do campo. Reconheço tal condição como peculiar porque a Geografia Econômica, tal como a aprendi na graduação e como é normalmente praticada no Brasil, é quase sempre voltada à dinâmica da atividade industrial (e em muito pouco à especificamente agroindustrial), visto que campos especializados de pesquisa, se autonomizaram e voltaram-se às atividades essencialmente urbanas. Assim, quase sempre os estudos das dinâmicas econômicas do campo escapam à preocupação dos geógrafos identificados com a pesquisa em Geografia Econômica.

Ainda que me reconheça como um pesquisador (e com as peculiaridades descritas) do campo da Geografia Econômica, também reconheço, por minhas próprias convicções de método e opções epistemológicas, que uma leitura integral e totalizadora do Espaço precede e se impõe sobre a escolha de campos específicos. Em todas as minhas pesquisas, os procedimentos gerais de análise foram sempre orientados por uma epistemologia que parte da análise do próprio espaço como princípio de método para o alcance da compreensão das dinâmicas sociais, bem como da consideração de condicionantes gerais do fenômeno social e do espaço geográfico no atual período. Daí a centralidade com que o tema da globalização, por exemplo, comparece em minhas pesquisas e produções. Reconhecendo que o processo de globalização, fruto da fase contemporânea de internacionalização do capital, em muito rege comportamentos e a configuração atual do território (ainda que se manifestando de formas absolutamente diferentes nos lugares), o mesmo nunca fora desconsiderado em meus estudos.

Do mesmo modo, e ainda como preocupação típica da Geografia Econômica, os condicionantes gerais que balizam o modo de produção capitalista contemporâneo também foram sempre considerados, haja vista a centralidade com que a discussão do processo de financeirização da economia e do território - inspirado sobretudo pelas elaborações de Chesnais (2005), ganharam centralidade nas minhas pesquisas, publicações e orientações realizadas nos últimos dez anos.

Assim, reconheço também que as opções feitas e as condições encontradas nesta trajetória de pesquisador implicam, por vezes, em figurar-me talvez como um geógrafo “não especializado” – o que para mim de certo modo significa uma virtude, ainda que a universidade e as rotinas acadêmicas exijam de nós flertes cada vez maiores com a especialização do saber - processo já tão criticado e tão responsável pela fragmentação do conhecimento, como largamente apontado e criticado há mais de um século por Max Weber (1919), dentre tantos outros autores contemporâneos. No interior da própria Geografia, a excessiva fragmentação do conhecimento é, desde há muito, também uma preocupação revelada pelo campo crítico, implicando mesmo em sérios riscos e ameaças à disciplina (Bernardes et. al. 2000), armadilha esta a que, com consciência, sempre busquei fugir.

Assim, foi pela complexidade do espaço/tempo contemporâneo que busquei definir linhas mestras que orientassem e guiassem minha prática de pesquisa, pelo viés da Geografia (especialmente levando em conta a globalização, o processo de financeirização e o neoliberalismo como condutas contemporâneas no capitalismo), assim como pela opção por temas que, imagino, ganham importância e relevo para a compreensão das dinâmicas tecidas entre território e sociedade no Brasil atual – especialmente a crítica ao agronegócio, pela forma com que comparece na região em que habito, e sobretudo pelo modo como uma economia orientada pela especialização em *commodities* se estabelece no conjunto da América Latina (Svampa, 2013) e no Brasil (Delgado, 2012), reforçando a condição subordinada do país na divisão internacional do trabalho (Pereira, 2010), processos estes que ganharam relevo e se reforçaram desde o tempo em que tomei contato com a Geografia acadêmica.

Penso mesmo que, destes encontros resultantes e das opções tomadas na prática da pesquisa, pude colher bons frutos e contribuir, ainda que de modo muito singelo, à uma interpretação crítica das condições do Brasil contemporâneo, a partir de algumas de suas expressões geográficas mais significativas.

2.4 Encontros a partir das Práticas de Orientação

Contribuir, o pouco que seja, com a formação de licenciados e bacharéis em Geografia, no tempo de duas ou três disciplinas oferecidas às turmas ao longo do curso de graduação, é missão nobre de um professor na Universidade. Esta contribuição é de certo modo ainda mais especial àqueles que (re)encontramos para a orientação, seja a de uma Iniciação Científica ou

do TCC de graduação, seja aos que seguem os estudos no Mestrado e no Doutorado, nos procurando em função de algo que lhes tenha despertado interesse durante as aulas da graduação, as vezes pelo contato com algo que escrevemos ou mesmo por fruto absoluto do acaso. Posso dizer que as atividades de orientação são talvez as que hoje mais ocupam meu tempo de trabalho, e que as faço de modo absolutamente prazeroso, ainda que também envolva esforços enormes.

Ao longo destes 17 anos de UFU, pude orientar mais de 30 alunas e alunos (vários realizando, de modo contínuo, por vezes ICs, TCC, Mestrado e Doutorado), quase sempre pessoas maravilhosas a que novamente a Geografia da UFU me proporcionou encontrar. A intenção sempre foi a de também lhes proporcionar encontros significativos com o conhecimento geográfico, visando explorar a potencialidade da Geografia na leitura de fenômenos sociais importantes e caros à compreensão dos dilemas do país.

Foram 14 as orientações de iniciação científica, a partir de temas variados, em sua maioria voltados à compreensão das dinâmicas do campo e do agronegócio (conforme já apontamos no Memorial), a maior parte delas também com bolsas resultantes de editais internos (PIBIC UFU CNPq ou Fapemig), resultantes de auxílios financeiros dos projetos a que coordenei e em alguns casos também bolsistas PET/MEC Sisu. Os trabalhos de conclusão de curso do Bacharelado, e a partir do currículo de 2018 também da Licenciatura, somam outras 11 orientações, fundamentalmente de temas ligados à Geografia Econômica e em boa parte também avaliando dinâmicas do campo/agricultura. Também orientei quatro monografias de especialização (Ensino de Geografia para as Séries Iniciais), com temas especificamente voltados à Geografia Escolar.

Tendo defendido o doutorado no final de 2009, ingressei como docente no PPGEU-UFU só no ano de 2011, recebendo uma primeira orientação de mestrado no ano de 2012. Desde então e até este ano de 2025, foram por mim orientadas 11 dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado, a partir de atuação nas linhas de pesquisa “Dinâmica dos Espaços Urbano e Rural” (extinta em 2018) e na atual “Dinâmicas Territoriais” (a partir de 2019) a que, no Programa, articula de modo geral as elaborações em Geografia Humana.

Reconhecendo que a definição de temas de pesquisa deva, antes de tudo, ser resultado de escolhas e opções mesmas dos jovens que almejam ampliar conhecimentos e estudos, o que tenho feito nestes anos foi acolher temas de pesquisa de certo modo variados, ainda que sempre voltados ao campo da Geografia Econômica e em muito hoje direcionados à compreensão das dinâmicas territoriais da produção agropecuária. Detenho-me aqui a brevemente apresentar aspectos que, quem sabe, permitam reconhecer fios e costuras capazes de revelar características

gerais de meu próprio percurso de pesquisador e orientador, a partir especialmente das orientações na pós-graduação⁵⁴.

Algumas primeiras orientações versaram sobre temas e de opções absolutamente trazidos pelos próprios orientandos, ainda que tratados sempre a partir de minhas indicações de caminhos e estratégias. A primeira pesquisa de mestrado orientada foi a de André Vieira Freitas (2014)⁵⁵, aluno oriundo da UnB, e voltou-se à compreensão das normas e do ordenamento do território a partir do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (o SNUC). O trabalho contribuiu para reconhecer o sistema de proteção ambiental como elemento normativo e mesmo como um “uso” destinado ao território, que, visto em sua dimensão nacional, implica em importante mecanismo de ordenamento do território brasileiro. Dentre outras publicações resultantes da pesquisa, pudemos, em coautoria com André, publicar um texto em um periódico da Espanha (Freitas; Pereira, 2019)⁵⁶.

O segundo trabalho de mestrado orientado foi o de Luciano Patrice Lepera (2015)⁵⁷, historiador de formação, que voltou depois de anos à UFU para uma nova graduação (em Geografia), com tema de pesquisa em muito entrelaçado à sua própria história de vida e luta, no qual avalia as ações do PCB no território brasileiro, até a instalação da ditadura militar.

Os próximos trabalhos orientados diretamente se articulam à Geografia Econômica e às minhas linhas principais de investigação. A dissertação de Walison Silva Reis (2016)⁵⁸, formado em Geografia pela UEMA, avaliou, em um espaço resultante da especialização em *commodities* minerais e que conhecera extraordinário crescimento econômico (Parauapebas, no Pará), como permanecem as desigualdades sociais e como a população pobre não vinculada à

⁵⁴ A cada um dos trabalhos orientados será indicado, a partir de links para o Repositório Institucional da UFU, onde é possível acessar os textos na íntegra, além de conferir a data de orientação e a composição das bancas avaliadoras.

⁵⁵ Freitas, A. V. *Áreas protegidas, normas e território usado: o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) como instrumento de ordenamento territorial*. Dissertação (Mestrado em Geografia), PPGEO/IG-UFU, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16195>. Acesso em 06 jul. 2025.

⁵⁶ Freitas, A. V.; Pereira, M. F. V. La protección ambiental como norma y uso del territorio: el ejemplo del Sistema Nacional de Unidades de Conservación de la Naturaleza (SNUC) en Brasil. *Revista Catalana de Dret Ambiental*, Tarragona, v. 11, n. 2, 2020. DOI: [10.17345/rcda2823](https://doi.org/10.17345/rcda2823). Disponível em: <https://revistes.urv.cat/index.php/rcda/article/view/2823>. Acesso em: 15 ago. 2025.

⁵⁷ Lepera, L. P. *Espaço e Política: O PCB e suas ações no território brasileiro (1922-1964)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia), PPGEO/IG-UFU. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.480>, acesso em 05 ago. 2025.

⁵⁸ Reis, W. S. *Usos hegemônicos e não hegemônicos do território no sudeste do Pará: a moderna mineração e o circuito inferior da economia urbana em Parauapebas*. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia), PPGEO/IG-UFU. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.603>, acesso em 05 ago. 2025.

moderna mineração encontra, no circuito inferior da economia, mecanismos de sobrevivência no lugar.

As avaliações diretamente em torno das práticas do agronegócio no país tomam maior expressão dentre as minhas orientações no PPGeo/IGESC/UFU a partir de 2015, com trabalhos avaliando seus efeitos regionais em alguns dos espaços mais emblemáticos de avanço da fronteira agrícola, como foi o caso da dissertação de Glaycon Antunes de Souza (2017)⁵⁹, ao qual já havia orientado IC e TCC, avaliando a elaboração da viabilidade de exploração das terras e a consolidação do Matopiba a partir de estratégias atualizadas de planejamento. Alguns resultados deste trabalho foram publicados em periódico, com nossa coautoria (Souza; Pereira, 2017)⁶⁰.

A dissertação de Laís Ribeiro Silva, que também já havia sido minha orientanda na graduação, inaugura um conjunto de estudos sobre o setor sucroenergético brasileiro, que fora avaliado a partir de diferentes temas e escalas. O estudo de Silva (2017)⁶¹ avaliou como o referido setor fora historicamente sustentado a partir de fundos públicos, condição da força com que o agronegócio se estabelece no território nacional e dita comportamentos do Estado, bem como suas especificidades no atual contexto neoliberal e de financeirização. Parte dos resultados foram publicados, em coautoria conosco, em periódicos do Brasil e de Portugal (Silva; Pereira, 2017⁶²; Silva; Pereira; 2019⁶³).

⁵⁹ Souza, G. V. A. de. *A elaboração da viabilidade territorial para o agronegócio na região do MATOPIBA*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGeo/IG-UFU, com bolsa Fapemig. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.325>, acesso em 05 ago. 2025.

⁶⁰ Souza, G. V. A.; Pereira, M. F. V. *MATOPIBA: a Inteligência Territorial Estratégica (ITE) e a regionalização como ferramenta*. REVISTA NERA (UNESP), v. 44, p. 22-45, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/nera.v0i47.6264>, acesso em 14 ago. 2025.

⁶¹ Silva; L. R. *O BNDES e a sustentação do setor sucroenergético no Brasil: implicações territoriais no contexto neoliberal e de financeirização*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGeo/IG-UFU, com bolsa CNPq. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.328>, acesso em 05 ago. 2025.

⁶² Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Os financiamentos do BNDES à logística do setor sucroenergético (2002-2015): concentração e reforço do uso corporativo do território no Brasil. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*. v. 12, p. 335-356, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17127/got/2017.12.015>, acesso em 14 ago. 2025.

⁶³ Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. O BNDES e a sustentação recente do setor sucroenergético brasileiro (2002-2015). *Geosul*, v. 34, p. 276-300, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n71p276>, acesso em 14 ago. 2025.

Um segundo estudo sobre o setor sucroenergético foi o realizado por João Henrique Santana Stacciarini (2019)⁶⁴, desdobrando-se de projeto de pesquisa iniciado em atividades de iniciação científica sob minha orientação, avaliando como municípios muito especializados na produção de cana e derivados, no Triângulo Mineiro, se tornam vulneráveis e marcados pela persistência das desigualdades sociais. Dentre outras produções resultantes da pesquisa, publicamos um texto em coautoria apresentando alguns dos resultados (Stacciarini; Pereira, 2019)⁶⁵.

A dissertação de Matheus Eduardo Souza Teixeira (2020)⁶⁶, aluno a que recebi no PPGEIO e graduado pela UFU Campus Ituiutaba, avaliou como a tradicional atividade da pecuária bovina, realizada no Pontal do Triângulo Mineiro, se reestrutura em função da expansão da produção sucroenergética, pela ação agressiva dos grupos na disputa pela terra. Em coautoria com Matheus, publicamos estudos demonstrando os efeitos da cana sobre a atividade (Teixeira; Pereira, 2021)⁶⁷; bem como avaliando o modo como o território se torna instável frente às constantes “trocas de mão” dos ativos do setor na região (Teixeira; Pereira, 2023)⁶⁸.

Também por uma leitura do agronegócio pelo viés da especialização territorial produtiva, o trabalho de Crislaine Motter (2020)⁶⁹, oriunda da UFFS (Chapecó), é a primeira tese de doutorado a que orientei, e avaliou como o setor de aves e suínos se estabelece e

⁶⁴ Stacciarini, J. H. S. O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro (MG): Crescimento econômico e manutenção das desigualdades sociais em municípios especializados. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU, com bolsa CAPES. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.604>, acesso em 05 ago. 2025.

⁶⁵ Stacciarini, J., H. S.; Pereira, M. F. V. O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro: crescimento econômico e manutenção das desigualdades sociais nas -cidades da cana-. *Ateliê geográfico (UFG)*, v. 12, p. 55-74, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ag.v12i3.46969>, acesso em 14 ago. 2025.

⁶⁶ Teixeira, M. E. S. *Efeitos da expansão do setor sucroenergético sobre a pecuária bovina - uma avaliação na região de Ituiutaba-MG*. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU, com bolsa CAPES. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.137>, acesso em 05 ago. 2025.

⁶⁷ Teixeira, M. E. S.; Pereira, M. F. V. Expansão recente do setor sucroenergético e implicações territoriais na pecuária bovina: Uma avaliação na região de Ituiutaba (MG). *Estudos Geográficos (UNESP)*, v. 19, p. 249-267, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/estgeo.v19i3.16283>, acesso em 14 ago. 2025.

⁶⁸ Teixeira, M. E. S.; Pereira, M. F. V. *A produção sucroenergética na MRG de Ituiutaba, Minas Gerais*. Campo.Território, v. 18, p. 98-119, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT184967388>, acesso em 14 ago. 2025.

⁶⁹ Motter, C. O agronegócio de carnes de aves e suínos e a especialização regional do Oeste Catarinense. 2020. Tese (Doutorado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2020.3017>, acesso em 05 ago. 2025.

especializa a região do Oeste Catarinense, dotando o espaço de um conjunto de vulnerabilidades em função do próprio grau de especialização.

Com estudos sobre o setor sucroenergético, ainda foram elaboradas as teses de Laís Ribeiro Silva (2022)⁷⁰, avaliando as estratégias, sob a égide do capital financeiro, de um dos principais agentes econômicos do setor, o Grupo Cosan (tese agraciada com o Prêmio Capes de Teses 2023 – Área Geografia, reconhecimento que nos deixou extremamente gratos, como ainda trataremos neste Memorial). Um texto síntese dos resultados fora publicado em periódico (Silva; Pereira, 2023)⁷¹. Também a tese defendida por Matheus Eduardo Souza Teixeira (2024)⁷² avaliou o setor sucroenergético pelas práticas corporativas e a instabilidade do capital internacional que acessa o território brasileiro neste início de século, a partir das práticas do grupo BP-Bunge Bioenergia. Um trabalho, derivado da tese, e voltado a avaliar especificamente as expressões da digitalização do processo produtivo pelas ações do referido grupo, fora publicado em coautoria (Teixeira; Pereira, 2025)⁷³.

Ao mesmo tempo, alguns trabalhos orientados avaliaram situações outras, como o acionamento de normas territoriais para a elaboração da competitividade territorial e atração de investimentos, como é o caso da dissertação de Estevan Rodrigues Liska (2018)⁷⁴, que, tendo realizado graduação na Unifal (Alfenas), estudou a agressividade de tais políticas em Extrema, no Sul de Minas Gerais, situação das mais emblemáticas do território mineiro.

⁷⁰ Silva, L. R. Agronegócio globalizado e uso do território no contexto de financeirização: o Grupo Cosan e o setor sucroenergético brasileiro. 2022. Tese (Doutorado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU. Com bolsa Capes. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5313>, acesso em 05 ago. 2025.

⁷¹ Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Uso do território e valorização financeira: O Grupos Cosan no setor sucroenergético brasileiro. *Sociedade & Natureza*, v. 35, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/SN-v35-2023-68172>, acesso em 14 ago. 2025.

⁷² Teixeira, M. E. S. Inserção e instabilidade do capital internacional no setor sucroenergético brasileiro: Uso corporativo e estratégias territoriais do grupo BP Bunge Bioenergia. 2024. Tese (Doutorado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU, com bolsa CAPES. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.108>, acesso em 05 ago. 2025.

⁷³ Teixeira, M. E. S.; Pereira, M. F. V. Expressões do processo de digitalização no setor sucroenergético brasileiro: uma avaliação a partir do grupo BP Bunge Bioenergia. *Revista Da ANPEGE*, 21(45). 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5418/ra2025.v21i45.19494>, acesso em 31 out. 2025.

⁷⁴ Liska, E. R. *Normas, competitividade e uso do território no município de Extrema-Minas Gerais, pós 1990*. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU, com bolsa CAPES. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.213>, acesso em 05 ago. 2025.

Explorando mais uma vez as situações de especialização territorial produtiva, o trabalho de mestrado de Vivianne Alves Martins (2024)⁷⁵, graduada em uma instituição privada de Brasília, avaliou outro caso emblemático da mineração, no município de Congonhas-MG, demonstrando os esforços de elaboração de uma psicosfera de desenvolvimento por agentes do setor, ainda que as desigualdades sociais e a vulnerabilidade sejam evidentes no território.

Como o campo brasileiro não é só composto pelo agronegócio, dois trabalhos nos permitiram também avaliar, junto a duas orientandas de Montes Claros-MG, expressões das relações campo-cidade a partir dos circuitos da economia, lidos pelas ações de um campo e de agentes que praticam uma agricultura pouco capitalizada e resistente. A tese de Suzana Grazielle de Souza (2024)⁷⁶, graduada e mestre pela Unimontes, avaliou junto a assentamentos do Norte de Minas Gerais o estabelecimento de circuitos que permitem, no lugar, a manutenção de um “mercado socialmente necessário”. A dissertação de Josyane Costa Gonçalves (2025)⁷⁷, oriunda da própria UFU, avaliou práticas do circuito inferior da economia urbana ligado à comercialização de gêneros agroalimentares na cidade de Montes Claros e teve a preocupação de demonstrar como tais atividades estabelecem redes quase sempre invisibilizadas e pouco atendidas pelo poder público, mas fundamentais à subsistência de pequenos negócios que conectam campo e cidade na região.

Também como resultado de minhas incursões recentes buscando compreender a dinâmica de financeirização no território brasileiro, a dissertação de mestrado de Henrique Caetano Vian (2024)⁷⁸, a quem eu já havia orientado o TCC na UFU, avaliou, por minha sugestão, no conjunto do país, a atuação de grupos de capital aberto que oferecem ensino superior a distância (proposta que foi bem acatada e com absoluta destreza avaliada por Henrique), digitalizando processos e criando estratégias de uso corporativo do território com

⁷⁵ Martins, V. A. *Minério-Dependência em Congonhas-MG: Especialização produtiva, vulnerabilidade territorial e psicosfera do desenvolvimento*. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGeo/IG-UFU. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5220>, acesso em 05 ago. 2025.

⁷⁶ Souza, S. G. de. *Assentamentos rurais e circuitos curtos de comercialização de alimentos: Experiências e significados territoriais no Norte de Minas Gerais*. 2024. Tese (Doutorado em Geografia). PPGeo/IG/UFU, com bolsa CAPES. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.5014>, acesso em 05 ago. 2025.

⁷⁷ Gonçalves, J. C. *O circuito inferior da economia urbana em Montes Claros-MG: Nexos campo-cidade e as redes tecidas a partir do Mercado Municipal e das Feiras Livres*. 2025. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGeo/IGESC-UFU, com bolsa CAPES. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5124>, acesso em 05 ago. 2025.

⁷⁸ Vian, H. C. *Território e Educação a Distância: Financeirização e digitalização do ensino superior privado no Brasil*. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia). PPGeo/IGESC-UFU, com bolsa FAPEMIG. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.662>, acesso em 05 ago. 2025.

vistas à valorização financeira, revelando ao mesmo tempo como o ensino superior EAD alcança espaços nos mais longínquos rincões do país, ao mesmo tempo em que torna o ensino privado muito mais precário.

Pude ainda, neste tempo, supervisionar dois estágios de pós-doutoramento (12 meses cada) no PPGeo, o de Denise Leonardo Custódio Machado de Oliveira (2021/2020), doutora em Geografia pela Unesp/Rio Claro, avaliando a inserção e o papel do município de Uberlândia na exportação de *commodities* agrícolas; e o de Laís Ribeiro Silva (com bolsa Capes 2024/2025, resultante do Prêmio Capes de Teses 2023), atuando neste tempo junto a equipe que atualmente desenvolve o projeto de pesquisa sobre as *agtechs*.

Ainda encontram-se em andamento (agosto de 2025), além de graduandos elaborando TCC e pesquisadores de IC, quatro orientações na pós-graduação. Duas teses de doutorado – a de Renata Vieira de Melo, avaliando a especialização territorial produtiva na região cafeeira do Sul de Minas Gerais (com bolsa Capes, iniciada em 2022); e a de Laís Benevenuto de Azevedo (com bolsa Capes, iniciada em 2024), visando compreender os mecanismos atualizados de dependência a partir da expansão do agronegócio da soja na Amazônia Brasileira; e também duas dissertações de mestrado – a de Victor Dantas Santana (com bolsa Fapemig, iniciada em 2024), avaliando as expressões da relação China-Brasil a partir do agronegócio, com o estudo da topologia da Cofco Internacional e de suas estratégias de inserção no território brasileiro; e a de Marcos Eduardo Arantes da Silva (bolsa Capes, iniciada em 2025), avaliando expressões da inovação voltada ao agronegócio, a partir de *agtechs* localizadas no município mineiro de Uberaba.

Penso que posso sintetizar, de um modo geral, as contribuições a partir das experiências e encontros oportunizados pelas atividades de orientação do seguinte modo – preocupamo-nos, eu e os orientandos, em compreender sobretudo as algumas dinâmicas territoriais, pelo ângulo da Geografia Econômica (em sua maior parte avaliando o campo brasileiro), com pesquisas voltadas à compreensão das atividades produtivas, agentes e setores que em muito operam e diretamente participam do processo que, nas últimas décadas, resultou em um aprofundamento da dependência e da vulnerabilidade socioterritoriais, fruto da inserção subordinada do país no mundo globalizado, no atual contexto de financeirização. Algumas expressões mais diretas de tal processo e condição do país (como a reprimarização da economia ou sua especialização regressiva, com o crescimento do agronegócio e também da mineração), foram diretamente tratados em várias das dissertações e teses orientadas.

Assim, e pelas orientações realizadas, pudemos avaliar aspectos territoriais, especializações e circuitos espaciais produtivos de setores como o sucroenergético (a partir de diferentes escalas e problemáticas a ele inerentes), o de aves e suínos, o de grãos como soja e milho, e também o do café.

Pela ótica dos agentes, um conjunto de importantes empresas e suas práticas de uso corporativo do território (condição própria dos agentes hegemônicos da economia) foram avaliados a partir do estudo de grupos do setor educacional superior privado e financeirizado (Cogna Educação, YDUQS, Ânima Educação e Ser Educacional), e também os ligados ao agronegócio, como é o caso da Cosan, da BP-Bunge Bioenergia, da BRF (em Santa Catarina), e atualmente, da Cofco Internacional. Experiências e estratégias da produção camponesa em um campo pouco intenso em capital e em muito voltado a demandas internas e próximas, também foram avaliadas, a partir de estudos realizados em Minas Gerais.

A intenção, com estes trabalhos todos, sempre fora a de contribuir com uma leitura das ações sociais, e do modo como se efetivam, a partir do próprio território, contribuição primeira da Geografia que permite pensar os dilemas dos lugares, bem como os desafios políticos da nação.

2.5 Participações em bancas (Graduação, Mestrado e Doutorado)

Ao longo desta trajetória, e, penso, sobretudo a partir do momento em que ingresso no Programa de Pós-Graduação PPGEU/UFU Campus Uberlândia, orientando e coordenando projetos de pesquisa, pude participar de um conjunto de bancas de monografias de graduação, de especialização, mestrado e doutorado, além de exames de qualificação (de mestrado e de doutorado), em diferentes instituições de ensino no país.

As bancas a que participei para a avaliação de trabalhos de conclusão de curso de graduação foram mais de 30, quase todas em Geografia e a maior parte na UFU (mas também em instituições outras, como a UFV, a UFTM, a UFF e a UFRRJ). As monografias de especialização foram 14 (todas na UFU).

Foram mais de 60 os trabalhos de mestrado e de doutorado a que participei como membro titular de avaliação final, a que, somados às participações em bancas de exames de qualificação (mestrado e doutorado), totalizam mais de 120 participações em bancas na pós-graduação *strito sensu*, realizadas nos últimos 16 anos (2010 a 2025). Tais participações

ocorrerem em 18 diferentes programas de pós-graduação, sempre em instituições públicas. Mais do que números, cada uma destas participações me proporcionou também verdadeiros encontros, seja junto aos candidatos, orientadores ou outros membros, e quase sempre ler estes trabalhos e ouvir candidatos e candidatas durante as apresentações, bem como colegas em suas arguições, me resulta em muito aprendizado.

Os temas destes trabalhos foram também quase sempre ligados à Geografia Econômica, em suas dimensões urbana/regional, e com maior frequência às dinâmicas da produção no campo, incluindo impactos socioespaciais do agronegócio, ação de redes e grupos empresariais e seus efeitos territoriais, circuitos espaciais produtivos, especialização territorial produtiva, vulnerabilidades territoriais, etc., ou ainda às relações entre campo-cidade, dinâmica urbano-regional, uso do território por grandes empresas, etc. condição esta a que penso derivar de minhas próprias práticas e temas de trabalho⁷⁹. Também participei em bancas avaliando trabalhos nas áreas de História, Ciências Sociais (nos Programas da própria UFU) e Arquitetura e Urbanismo (no Programa da UFV).

Pude participar, presencial ou (hoje, cada vez mais) remotamente, de defesas de mestrado ou doutorado realizadas em todas as regiões do Brasil – ainda que de modo mais frequente no Sudeste – em Minas, além da própria UFU, também nas seguintes: Universidade Federal de Alfenas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de São João Del Rey, Universidade Federal de Viçosa; em São Paulo, nas estaduais Unicamp e Unesp *Campus* Rio Claro e Unesp *Campus* Presidente Prudente; no Rio, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No Centro-Oeste, foram as seguintes instituições: Universidade Federal de Goiás, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Jataí, Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade Federal de Rondonópolis. No Sul, apenas em Santa Catarina, na Universidade Federal da Fronteira Sul *Campus* Chapecó; e no Norte, na Universidade Federal do Pará. No Nordeste, na Universidade Federal do Ceará e na Universidade Federal de Sergipe.

Um aspecto a destacar é que, nestes anos, ler e avaliar trabalhos realizados em diferentes instituições permitiu-me apreender e reconhecer que temos, na verdade, muitas e distintas Geografias realizadas no país. Um trabalho de mestrado ou doutorado elaborado e defendido em universidades da região Norte ou Nordeste é quase sempre em muito diferente dos trabalhos realizados nas universidades do Centro-Oeste ou do Sul do Brasil. Os trabalhos defendidos no interior do estado de São Paulo são, quase sempre, diferentes daqueles realizados nas universidades do Rio de Janeiro. Muitos outros poderiam ser os exemplos. Cada uma das

⁷⁹ As participações estão descritas em detalhe em meu currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8042853925633530> (registros até setembro de 2025).

regiões deste país sempre porta leituras, contribuições e riquezas em muito particulares. Isso me permitiu um aprendizado e abertura de horizontes imensos, no conjunto da Geografia, ou das “Geografias” brasileiras.

Gostaria, rapidamente, de também apontar uma reflexão sobre as bancas que tenho proposto para a avaliação dos trabalhos de meus orientandos. Neste tempo de atuação como orientador no PPGEU, com 11 dissertações e 04 teses orientadas e já defendidas, sempre privilegiei o debate com pesquisadores diretamente engajados a temas muito caros às propostas mesmas dos trabalhos a serem avaliados, mirando sempre possibilidades de recebermos avaliações criteriosas e críticas capazes de ampliar fundamentalmente a qualidade dos trabalhos (mesmo que por vezes seja preciso reconhecer nossas próprias limitações para tal). Penso que tal postura é a mais honesta, no que diz respeito à própria prática do fazer ciência na pós-graduação, e a mais virtuosa, quanto às próprias aspirações dos alunos (visando construir conhecimentos reflexivos, com qualidade e significado).

É assim que tantas vezes me encorajo (mesmo com a timidez que me é característica) a contactar e convidar pesquisadores a que as vezes nada ou muito pouco conheço pessoalmente, mas que tenho certeza da contribuição acadêmica para o tema. Sempre tive retornos absolutamente generosos destes colegas, com imensas contribuições recebidas.

Nas 15 bancas de defesa final dos mestrados e doutorados que orientei, foram mais de 30 diferentes os avaliadores convidados, oriundos de 15 diferentes instituições de ensino - além da própria UFU (PPGEU Uberlândia e PPGEU Ituiutaba), docentes da UnB, UFAL, UFC, UFCat, UFG, UFJ, UFTM, UFSC, UFSJ, UFRRJ, Unimontes, Unesp Rio Claro, Unesp Presidente Prudente, Unicamp e USP, buscando referências e auxílio para além dos colegas do grupo de pesquisa a que participo e também de diferentes regiões do país.

2.6 As Práticas de Extensão Universitária

Ainda que sejam da maior importância, é preciso aqui reconhecer que minhas atividades destinadas à Extensão Universitária, e também ao trabalho administrativo (Gestão), não foram numerosas, ainda que por vezes realizadas por períodos extensos.

Como extensão universitária, e a reconhecendo essencialmente como trabalho particularmente voltado ao diálogo e trocas diretamente estabelecidas junto à comunidade externa, destaco sobretudo a participação, por duas ocasiões, do Curso “Especialização em

Geografia para as Séries Iniciais”, voltado para professoras e professores do ensino fundamental da rede pública. O Instituto oferecera, por iniciativa de um conjunto de professores e sob a coordenação prof. Sérgio Luíz Miranda, a que a dedicação e preocupação com os rumos da Geografia Escolar brasileira é absolutamente notável e inspiradora, o curso gratuitamente, em duas ocasiões (2010-2011 e 2013-2014), sendo o trabalho voltado para oferta de componente (disciplina) e orientação de monografias. Assim, participei nas duas ocasiões destes cursos, ministrando por duas vezes disciplinas e orientando quatro monografias, desenvolvidas por professoras da rede pública, trabalho este que me rendeu uma das experiências mais significativas e recompensadoras na extensão.

Durante o período em que fui Tutor do Programa de Educação Especial – PET Geografia (Bolsista PET/MEC, entre 07/2016 e 06/2019), e pela própria natureza do Programa, que articula projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, pudemos realizar um conjunto de atividades diretamente voltadas à comunidade externa, como foi o caso, por exemplo, da realização de projetos de ensino junto a escolas públicas do município, a que chamávamos de “PET Geografia vai à Escola”.

Com tal atividade, trabalhamos em uma ocasião (no ano de 2017) junto a professores e alunos, noções de escala e representações cartográficas na Escola Estadual Maria da Conceição Barbosa de Souza, Uberlândia-MG. A atividade envolveu pesquisa e práticas preliminares de atividades de ensino pelos alunos e tutor do PET Geografia, que depois foram socializadas junto a professoras de duas turmas do 6º ano e duas turmas do 7º ano da Escola. Em outra ocasião (em 2018), foram realizadas oficinas na escola Estadual Joaquim Saraiva, com docentes e turmas do 6º ano para a discussão de temas ligados à conservação dos solos e problemas ambientais urbanos, tendo sido realizadas aulas e também experimentos; bem como, em outra ocasião, discussões sobre o território brasileiro e as eleições municipais, atividade que visou dialogar com a comunidade escolar a importância da representatividade política nas diferentes escalas territoriais do poder público, terminando com a confecção de um rico material pelos alunos, reconhecendo problemas do município e pensando como poderiam ser abordados pelo poder público.

Em atividades frequentemente realizadas pelo PET Geografia (junto a demais PETs da UFU) em praças públicas da cidade, podemos discutir e difundir conhecimentos geográficos diretamente junto à comunidade, acerca de temas como o uso, degradação e preservação do domínio de Cerrados (com a distribuição, em uma ocasião, de mais de 250 mudas nativas), dentre outros.

Várias outras atividades de extensão foram ainda realizadas no tempo em que desempenhamos a função de tutor do PET Geografia, a partir dos espaços próprios da UFU. É o caso, por exemplo, do projeto que idealizamos e que até hoje continua sendo realizado e aperfeiçoado pelo atual tutor, Prof. Tulio Barbosa, que seguiu o trabalho de tutoria do Grupo com entusiasmo e dedicação, intitulado – “Experiências e aprendizados no apoio ao acesso à Universidade Pública”, ao qual o grupo denominou simplesmente de “Aulão PET”. Através da seleção de conteúdos e preparação de aulas por parte de discentes dos cursos de licenciatura, oferecemos um dia de aula aberta (comumente denominadas de “Aulão”, e que na cidade era oferecido apenas por colégios ou cursos pré-vestibulares privados), voltado essencialmente a alunos do ensino médio de escolas públicas do município de Uberlândia, que pretendiam ingressar nas universidades através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A proposta partiu de uma iniciativa do PET Geografia, articulando outros cinco Programas PET da UFU (Letras, Educomunicação, Ciências Sociais, Biologia e Matemática). Em sua primeira edição, mais de 180 alunos de escolas públicas do ensino médio participaram do projeto nas dependências da UFU (Campus Santa Mônica) e avaliaram muito positivamente a atividade. Ver a continuidade desta atividade (a partir do compromisso e sensibilidade com a escola pública, outra marca do Prof. Tulio), em muito me é, até hoje, gratificante.

Ainda como tutor do PET, e por minha iniciativa junto ao grupo, criei um evento anual intitulado “Semana PET Geografia/UFU” que (mesmo com as dificuldades em alcançar um público externo) visou debater grandes temas de importância nacional. O primeiro evento fora realizado em 2016 e teve como tema a crise urbana no país⁸⁰, para o qual convidamos nomes como a Profa. Erminia Maricato (FAU/USP), Profa. Arlete Moyses Rodrigues (Unicamp), dentre outros. Aqui, mais uma vez, contou a coragem para contactarmos pesquisadores a quem eu não tinha nenhuma proximidade, como é o caso da Profa. Erminia Maricato, que nos atendeu com absoluta prontidão e entusiasmo, somando a condição de realizarmos trabalhos de campo para conhecer as condições urbanas de Uberlândia, o que foi feito durante quatro dias, avaliando experiências de bairros planejados que remetem à ideia de *smart cities*, a proliferação de condomínios fechados, as ocupações urbanas dos sem-teto e também os projetos de moradia de interesse social, atividades estas que foram realizadas com a imensa ajuda de colegas do IG, como a Profa. Gláucia Carvalho Gomes (a quem a dedicação e solicitude absolutas ao trabalho, em várias de nossas demandas, sempre foi uma marca) e também com o apoio de colegas da AGB (Seção Uberlândia), mais uma vez, Prof. Sérgio Luiz Miranda, e também, ao hoje colega

⁸⁰ O mesmo tema da crise urbana fora objeto de nossa pesquisa conjunta anual no Grupo, pela qual avaliamos suas expressões em Uberlândia, a partir de extenso levantamento de dados empíricos (Almeida, et. al. 2018).

de Instituto, Prof. Alex Cristiano de Souza (cuja atenção e colaboração nos fora fundamentais). Uma segunda edição, em 2018, tratou do tema da produção de energia e seus impactos, convidando nomes como o da Profa. Cátia Antônia da Silva (UERJ), Márcio Cataia (Unicamp), dentre outros. Minha intenção com estes eventos foi inserir dentre os alunos a discussão de temas importantes e também proporcionar a eles contato com professores e referências externas à UFU.

No contexto da pandemia de Covid-19, e durante os meses em que a UFU teve as atividades presenciais totalmente paralisadas, coordenei e ofereci remotamente o curso de extensão intitulado “Território, Sociedade e Neoliberalismo: leituras e implicações” (30 horas/aula). A intenção do curso de extensão foi avaliar de forma aprofundada um conjunto de proposições conceituais acerca do neoliberalismo como fenômeno social, político e econômico, investigando suas origens, desdobramentos e implicações territoriais, debate que fizemos essencialmente a partir da obra recém publicada de Dardot e Laval (2019). O curso foi voltado ao público geral (comunidade interna e externa), ainda que tenha alcançado especialmente a pesquisadores da pós-graduação em Geografia da UFU, visando oportunizar a continuidade das reflexões que vínhamos realizando já antes do período da pandemia da Covid-19 (além de alunos da graduação e pós-graduação da UFU, o curso alcançou alguns docentes de escolas públicas dos estados de MG, GO e MT).

Participei ainda como colaborador ou coordenador em outros projetos, cursos e também eventos de extensão, tais como os que foram coordenados pelo Prof. Antônio Claudio di Mauro (que gentilmente sempre me renovava convites): foi o caso do projeto “Reconstruindo Pontes Democráticas: Desafios da Educação para a Cidadania e o Trabalho - Diálogos com Clara Ant em Uberlândia” (fevereiro de 2023), que visou aproximar a UFU do Gabinete do Presidente da República após a última eleição do presidente Lula (atividade que articulou diferentes unidades acadêmicas, reitoria, representantes de Movimentos Populares e Sindicatos de Trabalhadores), a partir de diálogos e demandas apresentadas à Clara Ant, assessora da presidência⁸¹.

Durante vários meses do ano de 2022, também à convite do Prof. Claudio di Mauro, participei do projeto de extensão: "Seminários para a transformação do Triângulo Mineiro", que consistiu na realização de mesas de debate com a participação de diversos especialistas sobre diferentes temas, visando a produção de diagnósticos, análise e elaboração de propostas para

⁸¹ Na ocasião, pude, com timidez e certa coragem, e com a companhia de Amanda, rapidamente e de modo reservado, apontar a Clara Ant (que com imensa simpatia e acolhimento nos ouviu e deu atenção), preocupações nossas com a forma como o capital financeiro se desdobra e abate um conjunto de atividades no país, bem como a forma precarizada com que o ensino de Geografia comparece na BNCC. Foram essas as nossas indicações à assessora da presidência, no evento.

construção de um projeto popular para o planejamento de um governo democrático, que tenha como objetivo a realização de reformas estruturais necessárias para a retomada da soberania nacional. Os resultados do projeto foram registrados, dentre outros modos, pela realização de mesas-redondas realizadas de forma remota⁸², com materiais posteriormente encaminhados diretamente à presidência da república.

A mais recente atividade de extensão que coordenei na UFU consistiu em um evento aberto ao público, intitulado: “O campo brasileiro na atualidade - articulando pesquisa, ensino e extensão”, ocasião em que recebi na UFU um conjunto de pesquisadores de dez diferentes universidades brasileiras e uma universidade francesa (Universidade de Toulouse), para o Workshop da Rede de Pesquisas sobre Regiões Agrícolas (Reagri), em setembro de 2024. O evento, que contou com mesas-redondas e palestras, alcançou um público composto por mais de 100 participantes, dentre alunos de graduação e pós-graduação de diferentes cursos da UFU, além de docentes de demais instituições de ensino superior e professores da rede pública do município.

2.6 Atividades de Gestão

As tarefas de gestão, como já indicara, nunca foram por mim buscadas, no que se refere a cargos de direção ou coordenação (nestes 17 anos, nunca fui candidato a funções de coordenador ou diretor), condição talvez de uma unidade numerosa, mas, confesso, também por preferências outras de trabalho na academia.

Passados dois anos de meu ingresso na instituição, e um ano após a defesa do doutoramento, assumi, durante o período de 09/2010 a 12/2012, a função de Coordenador do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – Lapur/IG-UFU, Laboratório este que até hoje me encontro vinculado e espaço onde trabalham meus orientandos.

Entre o período de 02/2012 a 01/2015, e tendo antes colaborado por um ano com o Prof. Sílvio Carlos Rodrigues (colega com quem pude em muito aprender tal tarefa), como editor de seção dos textos de Geografia Humana, assumi a função de Editor Gerente da Revista Sociedade & Natureza (periódico mais antigo e respeitado do Instituto, até então avaliação

⁸² Dentre outras contribuições, coordenei uma mesa redonda com o tema “Mineração e seus Impactos Socioambientais no Triângulo Mineiro”. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oITG125q4_A. Acesso em 11 ago. 2025.

Qualis A2), período no qual coordenei, sem atrasos, a publicação dos volumes 24, 25 e 26 do mesmo (total de nove números), sendo responsável pela implantação do sistema de marcação XML junto ao Portal SciELO Brasil, o que demandava a solicitação de recursos por meio de editais de apoio à tarefas de editoração, publicados pelo CNPq (a que sempre nos atendeu), bem como assento no Fórum de Editores de Periódicos da UFU. Fora um tempo de árduo trabalho e também de muito aprendizado.

Ainda no que tange ao trabalho voltado às atividades editoriais e avaliações de texto, atuei durante estes anos como membro de conselhos editoriais e avaliador *ad hoc* de outros periódicos da Área, na própria UFU e também vinculados a outras instituições (mais de uma dezena de periódicos), tendo emitido, após meu ingresso na UFU, mais de uma centena de pareceres a artigos acadêmicos submetidos a estas revistas.

Ainda durante o período de 03/2013 e 01/2015, atuei no Instituto de Geografia como Presidente da Comissão Permanente de Análise dos Pedidos de Transferência e Redistribuição de Servidores para o Instituto de Geografia – UFU (unidade que sempre tivera um numeroso conjunto de pedidos de redistribuição, demandando trabalhos constantes de avaliação).

Ainda considero como atividade administrativa o tempo em que atuei como Tutor do Programa de Educação Tutorial – PET Geografia, MEC/UFU, a partir de seleção realizada em 2016, e trabalhando junto a doze bolsistas de graduação em atividades de ensino, pesquisa e extensão (o que a mim foi uma experiência incrível, tendo em vista ter sido aluno do PET/Geografia da Unesp, no tempo em que Samira fora tutora). Soma-se à tutoria do PET, para além das atividades citadas, um conjunto de trabalhos administrativos que envolvem a gestão de pagamento mensal de bolsas, uso de recursos financeiros, processos seletivos e avaliações permanentes junto à Prograd/UFU.

Não me eximindo do trabalho, atuei, durante quase todo este tempo na UFU e com muito empenho, como membro titular dos colegiados a que diretamente estou ligado: dos 17 anos de trabalho na Unidade, candidatei-me cinco vezes a representante titular em diferentes colegiados, tendo sido eleito em todas elas e atuado por mais de dez anos como representante docente durante este tempo.

Fui eleito e atuei por um mandato como representante docente titular no Colegiado dos cursos de graduação em Geografia (06/2009 a 06/2011). No colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, fui eleito por três mandatos representante docente titular (06/2014 a 06/2016; 05/2021 a 05/2023 e 05/2023 a 05/2025), assumindo também funções como Representante Docente da Linha de Pesquisa 1 – Dinâmicas Territoriais do PPGeo (de 2023 a 2025) o que implicava em organizar tarefas como oferta de disciplinas da Linha, definição de

bancas nos processos seletivos, atribuição de orientações, etc.). Muitos foram os auxílios diretos ao trabalho de preenchimento dos Relatório Capes e, atualmente, à Plataforma Sucupira. Neste ano de 2025, a maior parte dos levantamentos e o preenchimento da Plataforma Sucupira, com vistas à avaliação quadrienal, foram realizados por mim e mais um colega, Prof. João Vitor Meza Bravo (a quem a disposição, seriedade e capacidade de trabalho são notáveis), o que me rendeu trabalho extenuante, mas também muito aprendizado.

Atuei ainda como membro titular do Núcleo Docente Estruturante dos Cursos de Geografia (de 01/2022 a 02/2024), função associada ao cargo de Representante Docente da Área Teorias e Métodos (desempenhada no mesmo período).

Apenas muito recentemente, candidatei-me (pela primeira vez) e fui eleito representante geral dos docentes no Conselho do Instituto (mandato iniciado em 02 de julho de 2025). Em todas estas situações, a intenção fora sempre a de auxiliar e zelar pelo bom andamento dos trabalhos, além de assumir tarefas junto aos demais membros, visando sobretudo dar subsídio ao trabalho dos coordenadores e direção.

2.7 Premiações e Reconhecimentos

Por um conjunto de circunstâncias, a vida e o ambiente acadêmico exigem (de mortais como nós, mas com alguma prudência e capacidade de discernimento), a sabedoria de não esperarmos por grandes reconhecimentos ou premiações.

Sempre aprendi a ler situações que a primeira vista possam parecer pequenas, como verdadeiros reconhecimentos – um elogio ou outro, recebido nas ocasiões de defesa do mestrado ou do doutorado (vindo de professores que considero como grandes intelectuais da ciência geográfica brasileira); uma citação ou outra de trabalhos que elaborei, encontradas em estudos e publicações interessantes, realizados por pesquisadores de muitos diferentes lugares; ouvir de graduandos ou colegas de outras instituições, em eventos ou outras circunstâncias da vida, que nossos textos foram lidos, debatidos em aulas ou que serviram como suporte para outras pesquisas, ou ainda convites para a participação em bancas ou palestras... sempre compreendo isso como sinal de que o trabalho realizado fez e faz sentido.

Pensar que a produção acadêmica, a que as vezes nos debruçamos por muito tempo, possa servir para a reflexão realizada por estudantes ou pesquisadores é algo que me é importante. Quando isso alcança um público maior, e para além do universo da academia, isso

me parece ainda mais relevante, permitindo mais uma vez com que eu leia tais situações como reconhecimentos.

Na mídia especializada em divulgação científica, uma análise por mim realizada sobre as experiências de produção de etanol em espaços do interior da Amazônia (questão bastante pontual, que compôs parte de um dos capítulos de minha tese de doutorado), fora destaque na seção SciElo Notícias, da Revista Pesquisa Fapesp, em 2011⁸³ (com certeza em função do problema da expansão de tal tipo de cultivo sobre espaços da floresta). Encontrar esta pequena nota, por absoluto acaso e lendo a publicação impressa a que o IG/UFU recebia, pode a princípio parecer coisa pequena, mas me animou a continuar a fazer pesquisa. Certa vez, também tive a felicidade de ver uma pequena referência a um trabalho meu, compondo uma questão que discutia o fenômeno do neoliberalismo, no caderno de Geografia do Vestibular da Unesp, do ano de 2014⁸⁴.

Se os trabalhos publicados em revistas científicas rendem por vezes tais repercussões, as intenções de registrarmos em veículos da mídia (e a partir de uma análise geográfica) os dilemas do território nacional, alcançam, por vezes, repercussões inesperadas. Um pequeno texto, que resultou de uma breve análise da insistente permanência do trabalho análogo ao escravo no moderno agronegócio brasileiro, elaborado em coautoria com um colega da Reagri, Mateus de Almeida Prado Sampaio (e muito provavelmente em função da destreza de Mateus para a representação cartográfica dos dados do Ministério do Trabalho), após publicado em um dos veículos de mídia mais críticos do Brasil atual (*Outras Palavras*, em 2021⁸⁵), dias depois, e para nossa surpresa, fora replicado diversas vezes, por iniciativas próprias de vários outros veículos críticos da mídia no país, como o Jornal GGN (dirigido por Luís Nassif)⁸⁶, o Instituto

⁸³ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/cultivo-de-cana-na-amaz%C3%B4nia/>. Acesso em 13 ago. 2025.

⁸⁴ Trata-se de texto que publiquei em coautoria com Samira (e incluído no conteúdo da prova muito provavelmente em função disso): Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. Território e neoliberalismo no Brasil: as parcerias publico-privado e o uso corporativo do território. IX Coloquio Internacional de Geocrítica. *Actas del Colóquio...* Porto Alegre, UFRGS, 2007, Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/9porto/mirlei.htm>. Acesso em 13 ago. 2025. A referência ao texto no vestibular pode ser conferida em: https://www1.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao-comentada/unesp/2014_2/2fase/UNESP2014_2_2fase_prova.pdf.

⁸⁵ Confesso que a preocupação de divulgar em meios de comunicação de maior alcance fora algo a que me atentei apenas depois da pandemia de Covid-19 (e reconheço que tal tipo de disposição é algo absolutamente necessário à Geografia e que pessoalmente necessitamos tê-la muito mais). O texto está disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/trabalhoescravo-a-barbarie-que-o-agro-esconde/>. Acesso em 08 ago. 2025.

⁸⁶ A publicação permanece disponível em: <https://jornalggm.com.br/cidadania/mapas-mostram-o-trabalho-escravo-atual-no-agronegocio/>. Acesso em 08 ago. 2025.

Humanitas da Unisinos⁸⁷, dentre outros⁸⁸. O mesmo texto ainda fora citado em matéria publicada na página institucional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)⁸⁹, bem como incluído em banco de dados (tema: Trabajo Esclavo Moderno y Pueblos de América Latina) de um grupo de trabalho da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM)⁹⁰. Ver um texto simples e direto, evocando diretamente o papel da Geografia para a análise de problemas sociais de tamanha expressão, com algumas de nossas ideias e raciocínios enfatizados cotidianamente em aulas percorrendo tais veículos da mídia, é, para nós, um reconhecimento, revelando que nossas reflexões interessam e fazem sentido à sociedade, e para além dos muros da Universidade.

Tive recentemente um primeiro aluno orientado (no mestrado e no doutorado), Matheus Eduardo Souza Teixeira, aprovado em concurso e assumindo cargo do magistério superior, na Universidade Federal de Jataí (em julho de 2025). Mais uma vez, não se trata de um prêmio meu, e é mérito absoluto mesmo de Matheus, mas pensar que eu possa ter lhe ajudado, ao menos um pouco durante sua formação, isso me traz satisfação imensa.

Sendo as premiações e reconhecimentos elementos destacados para a composição dos Memoriais, penso, mais uma vez, que tais possibilidades (tão raras) resultam de um conjunto de encontros proporcionados pela Geografia em minha trajetória, talvez, e de certo modo, de alguns acasos, mas fundamentalmente também de muito trabalho.

Depois de 12 anos de trabalho de orientação no PPGEQ, recebemos recentemente uma premiação mais que especial. Trata-se do Prêmio Capes de Teses 2023⁹¹, que premia, ao selecionar as melhores teses defendidas anualmente no país, em cada uma das áreas de conhecimento, além dos autores (que recebem bolsa de pós-doutoramento da Capes), também os orientadores, com certificação e prêmio em dinheiro⁹². Este prêmio resulta de um encontro também muito especial, vivido ao longo de vários anos de orientação, com Laís Ribeiro Silva. Laís fora minha orientanda durante a graduação, em três diferentes projetos de pesquisa,

⁸⁷ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618620-trabalho-escravo-a-barbarie-que-o-agro-esconde#>. Acesso em 08 ago. 2025.

⁸⁸ O mesmo ainda fora replicado no DMT em Debate, Disponível em: <https://www.dmtemdebate.com.br/trabalho-escravo-a-barbarie-que-o-agro-esconde/>; pela entidade sindical Fetraconspar, do Paraná (Disponível em: <https://fetraconspar.org.br/index.php/fetraconspar/institucional>).

⁸⁹ Disponível em: <https://mst.org.br/2022/11/30/o-brasil-do-agronazifascismo/>. Acesso em 08 ago. 2025.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.imezinal.unam.mx/trabajoesclavo/autor/1/1965>. Acesso em 08 ago. 2025.

⁹¹ Verificação Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/resultados-dos-editais/31082023_Edital_2049125_Edital_2_2023_site.pdf. Acesso em 13 ago. 2025.

⁹² Não fora muito, e posso dizer que apenas a o reconhecimento pelo trabalho bastaria... Mas o prêmio em dinheiro foi bem aproveitado em família - custeou passagens, durante uma semana, eu, Amanda e Joaquim, desfrutarmos de uma bela praia na costa do Ceará.

estudando as dinâmicas do agronegócio, e, especialmente o setor sucroenergético, também no mestrado e, por fim, no doutorado.

Como tais situações praticamente não se repetem na trajetória de um professor, em muito pensei nos motivos que levaram a tal reconhecimento e posso afirmar que vários foram os fatores importantes. Como já destacado, a dedicação absoluta de Laís ao trabalho foi sem dúvida central e decisiva – bons resultados em ciência resultam disso. Seu envolvimento com o tema, o cuidado absoluto no levantamento e análise de dados empíricos volumosos, além da própria forma de ela encarar a Geografia, como ciência capaz de revelar dinâmicas socioespaciais e fenômenos essenciais à compreensão do país e do mundo no tempo presente (por mim sempre estimulados), são qualidades essenciais da pesquisadora, crescimento este que pude contribuir e acompanhar de perto, em mais de uma década de orientação. Outro fator tem a ver, sem dúvida, com a definição e delineamento do tema e da estratégia de investigação empírica traçados para o doutorado.

O fenômeno avaliado foi, em linhas gerais, a expressão e significados territoriais do processo de financeirização da economia, fundamental para a compreensão da sociedade e das relações de produção no mundo globalizado, estudando-o a partir do setor sucroenergético (produção de cana-de-açúcar e derivados), absolutamente importante ao país, inclusive no que diz respeito à própria formação do território nacional. O Brasil historicamente é o maior produtor de cana-de-açúcar e de açúcar do mundo (mais de um terço do volume mundial de negócios do setor se dá a partir do país), e também é o principal produtor de etanol oriundo de cana. A tese de Laís avaliou detidamente o processo de financeirização do maior grupo do setor sucroenergético do Brasil e do mundo (Cosan S.A.), sem dúvida outra condição que contou para o prêmio, cujos resultados, após a abertura de capital em bolsa de valores (a partir de 2005), exigem constante valorização dos ativos, implicando em expansão territorial significativa da produção, o que em muito se deu via acesso sistemático a fundos públicos, esforços estes que, em último caso, visam sobretudo a remuneração dos investidores (retrato do capitalismo financeirizado e especulativo dos dias atuais). As expressões diretas da expansão territorial das atividades do grupo ocorram de modo acelerado, aproveitando uma conjuntura interna e externa favoráveis ao setor (a área plantada com cana dobra de tamanho no Brasil entre 2000 e meados da segunda década do século), gerando homogeneização da paisagem e do território acionado para a produção, com extrema racionalização e exploração do trabalho e também de recursos naturais.

Um terceiro fator, ainda, diz respeito ao modo como o tema e objeto de análise foram apresentados e tratados na tese. Domínio de método e adoção de uma proposta teórica firme e

crítica, foram fundamentais – uma boa teoria oferece um enredo, coerente e coeso, capaz de tomar da realidade as suas expressões fundamentais, ordená-las e apresentá-las de modo a tornar inteligível os processos sociais, que, no caso da Geografia, são lidos a partir do território - é pelo território que nos é possível compreender os dilemas e desafios fundamentais da nação. Assim, é impossível fazer ciência de qualidade sem uma opção teórica firme.

Tudo isso também em muito resultou de opções certas feitas nas ocasiões de definição do projeto de pesquisa, que contou com avaliações absolutamente generosas das professoras Marisa Silva Amaral-UFU (a quem eu pessoalmente não conhecia) e Marina de Castro Almeida (então na UFTM e atualmente na Unesp), bem como na ocasião do exame de qualificação, que contou com colaborações fundamentais do Prof. José Gilberto de Souza (Unesp) e novamente de Marina, oferecendo-nos indicações preciosas, que foram precisamente acatadas. As contribuições e a própria composição da banca final (item também avaliado para a seleção da tese no prêmio), foram mais uma vez importantes⁹³.

O trabalho árduo e a dedicação de Laís, as opções teóricas corretas para a leitura de fenômenos e a seleção de variáveis e agentes fundamentais à interpretação de uma situação de análise, também estratégica e de relevo para a compreensão das dinâmicas do território no país, além de indicações certas de avaliadores na banca, tudo isso permitiu alcançar tamanho reconhecimento. A tese de Laís ainda fora agraciada, no mesmo ano de 2023, com o Prêmio UFU de Teses – Área Ciências Humanas, Sociais, Letras e Artes, o que me rendeu, mais uma vez, extrema satisfação. Posso dizer que este tem sido meu esforço, sempre que possível sistemático, para a condução das orientações de pesquisa na pós-graduação⁹⁴.

Por fim, destaco ainda que, atualmente, desempenho função de Pesquisador Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2) (vigência março de 2024 a julho de 2027), realizando, com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, projeto de pesquisa e participação em eventos, bem como atuando como parecerista *ad hoc* dos editais de financiamento lançados pela agência. Não se trata obviamente de um prêmio (inclusive, a função exige mesmo muito trabalho), mas reconheço que acessar tal

⁹³ A tese foi defendida em 2022, tendo na banca o Prof. José Gilberto de Souza (Unesp, Rio Claro), Samuel Frederico (Unesp, Rio Claro), Fábio Contel (USP) e Marisa Silva Amaral (UFU).

⁹⁴ De nada adiantaria tais esforços se o trabalho não tivesse sido reconhecido já em uma primeira instância, que é a do próprio PPGEU-UFU. Assim, agradeço aos colegas que têm composto as bancas para tais indicações. Neste ano de 2025, tive a felicidade de ver dois trabalhos orientados (tese de Matheus Eduardo Souza Teixeira, e dissertação de Henrique Caetano Vian), indicados pelo PPGEU ao Prêmio “Maurício de Almeida Abreu (Geografia Humana)” da Anpege, 2024-2025. Os mesmos trabalhos também foram selecionados e indicados ao Prêmio UFU 2025 de Teses e Dissertações (Área Ciências Humanas, Letras e Artes). A tese do PPGEU/UFU indicada pelo Programa para concorrer ao prêmio Capes de Teses 2025 também fora por mim orientada (novamente, a de Matheus Eduardo Souza Teixeira). Estas indicações recentes e outras anteriores, no âmbito do próprio PPGEU, já me conferem imenso reconhecimento ao trabalho realizado na UFU.

condição é, de alguma forma, também algum reconhecimento das atividades de pesquisa que tenho realizado ao longo desta minha trajetória na Geografia.

Gostaria, ainda, de considerar um conjunto de outras situações que, mesmo que aparentemente banais e muito mais cotidianas, puderam ser vivenciadas neste tempo e por este(s) meu(s) encontro(s) com a Geografia, e que figuram a mim como verdadeiros prêmios. As indicarei, a seguir, nas conclusões deste Memorial.



Fig. 13. Com a banca avaliadora, após a defesa do doutorado, nov./2009, no PPGEQ, IGCE/Unesp (arquivo pessoal).



Fig. 14. Com minha orientadora, Profa. Samira, na defesa do doutorado, nov./2009 (Arquivo pessoal).



Fig. 15. Atividade de extensão, em escola estadual em Uberlândia, 2019 (Arquivo pessoal).



Fig. 16. Com alunos em trabalho de campo, Uberlândia, 2023 (Arquivo pessoal).



Fig. 17. Em atividade de campo com o Grupo PET, 2019 (Uberaba/MG) (Arquivo pessoal).



Fig. 18. ESC da Reagri, no Congresso Brasileiro da AGB, USP/São Paulo, 2024 (Arquivo pessoal).

Considerações finais:

**Sobre Aprendizados e a Felicidade do(s) Encontro(s)
com a Ciência Geográfica**

*“Meus passos não eram para chegar porque não havia chegada.
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.
Fui andando...” [...]*
“Por toda a parte sentir o segredo das coisas vivas”
Manuel de Barros (2013 [1947]).

Olhando para trás, depois deste tempo, e pensando agora nesta trajetória de experiências e aprendizados, da forma como aqui pude memorá-la, posso constatar ao menos duas coisas – já a maior parte de minha vida fora marcada pela Geografia e, mais, resultou mesmo de meus encontros com a Geografia ou por ela proporcionados. A experiência de formação (graduação e pós-graduação), as práticas iniciais de trabalho e, por fim, do trabalho de docência, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Uberlândia, se confundem e se entrelaçam, neste último quarto de século, à minha própria história.

Penso que estes meus encontros com a Geografia oportunizaram não só uma formação acadêmica, uma trajetória de trabalho e de conquistas várias, mas, muito mais do que isso – foi por estas escolhas e por estes acasos tecidos pela Geografia, que encontrei tanto um sentido generoso para o trabalho (com a opção pela docência), quanto um sentido para a própria vida, a partir de meu encontro com Amanda, companheira que muito compartilha comigo toda esta trajetória, e, assim, também com meu filho Joaquim (fruto de nosso amor e também deste “encontro geográfico”).

Creio que as escolhas de formação e profissionais que fiz – a opção pela Geografia, seguir estudos na pós-graduação, a busca, ainda muito jovem, pelo trabalho de docência universitária e, por fim, a possibilidade de trabalho e de construção de uma carreira docente concretizadas na UFU, resultaram, todas elas, tanto de circunstâncias da vida, do tempo, de esforços e metas traçados em minha trajetória pessoal, mas em parte também são frutos do

acaso, das possibilidades que surgiram e da forma como pude abraçá-las, tal como indiquei ao longo do Memorial.

Gostaria de destacar aqui dois encontros fundamentais para o aprendizado durante este meu percurso acadêmico – o encontro com Samira, durante a graduação na Unesp e em toda uma trajetória de orientação e convivência, que pude compartilhar com a professora ao longo de mais de uma década. Um outro encontro, também fundamental, foi com a obra do professor Milton Santos, que me ofereceu estímulos generosos e me fez enxergar a Geografia com outros olhos, fruto do acaso e de uma opção que fiz, resultantes de outras tantas circunstâncias e encontros (mais uma vez, pelas mãos de Samira). Penso que isso em muito me marcou, me marca ainda, a vida, a trajetória e o trabalho que realizo até hoje. Foram estes dois encontros em muito definidores deste percurso de trabalho que tenho tecido junto a Geografia.

Há um aforismo atribuído à Confúcio, que prega algo como o seguinte: “Escolha um trabalho que você ama e nunca terá de trabalhar na vida” – isso nos sugere algo interessante, ainda que também comporte contradições e armadilhas. Posso dizer que, no meu caso, pude escolher a Geografia como Ciência para um caminho de formação e a docência universitária como trabalho, não sem um conjunto de imensos esforços. Ainda assim, não tenho dúvida de que isso me é um privilégio – poder dedicar-se ao que se ama, no trabalho, é hoje mais que um privilégio, no Brasil e na maior parte do mundo.

Mas é necessário reconhecer que, em muita coisa, o trabalho na academia também nos cansa e exige esforços pessoais imensos (vide a contínua precarização que se observa na universidade e em geral no funcionalismo público brasileiro), rotinas pesadas e tão arraigadas à instituição, tão atravessada de meritocracias, formalismos vazios de muito significado, são também extenuantes e nos tomam um tempo da vida que não volta. Mas creio que, ainda que muitas de nossas obrigações ocorram de tal forma e nos exijam muito da vida, as escolhas que fiz me conferem satisfações pessoais e me trazem felicidade.

Costumo com frequência dizer isso aos alunos – o trabalho docente não é nada fácil, e em muito me preocupa a precarização que hoje observamos, mais ainda no trabalho realizado nas escolas de ensino fundamental e médio (e, particularmente, no que se refere ao ensino de Geografia⁹⁵). Mas escolher a docência como profissão é também uma saída para a elaboração

⁹⁵ Preocupa-me hoje, dentre tantas outras coisas, o destino da Geografia no âmbito escolar, o que me instiga, da forma que posso, a destinar esforços à formação de professores com propósito e espírito necessários a constantemente revelar a importância do conhecimento geográfico à sociedade, sobretudo às crianças e jovens, cidadãos em formação, nas escolas.

de um sentido outro ao próprio trabalho, nas condições históricas que vivemos. O trabalho assalariado (o que a mim sempre foi uma condição das circunstâncias da vida pessoal), ganhou, com a docência, um outro sentido, e elabora mesmo uma condição outra à trajetória profissional e à vida, quando acreditamos na potência do conhecimento – acreditar na Geografia e em sua potência como Ciência para, primeiro, ensaiarmos uma compreensão do mundo tal como ele é, e, quiçá, a construção de um mundo outro (como ele possa vir a ser, como ensina Milton Santos) nos confere um sentido todo especial ao trabalho – tentar elaborar isso junto aos jovens, com os conhecimentos que detemos e a partir da Ciência que amamos é, com todas as dificuldades e limites que encontramos no meio do caminho, uma imensa recompensa. Assim, aos professores que leem o exercício da docência e da pesquisa como uma condição especial à própria vida, também é exigido, com firmeza, zelarmos cada vez mais pela Universidade, Ensino e Pesquisa socialmente comprometidos⁹⁶.

Sair da sala de aula tarde da noite, cansado e olhando ao lado luzes apagadas e o carro isolado no estacionamento do *campus*, é muitas vezes exaustivo. Mas também ver (ainda que nem a todo tempo) nos olhos de alunas e alunos algo que lhes despertou interesse e descobertas para a análise do espaço geográfico, e a própria potência da Geografia para a compreensão e enfrentamento dos dilemas do mundo, é trabalho absolutamente recompensador, e isso me anima a seguir em frente.

Cumprir tarefas tantas vezes exaustivas para a gestão (ainda que só compondo colegiados), para permitir que a universidade funcione, do melhor modo, da forma a mais justa e democrática possível (mesmo reconhecendo falhas e frustrações), é cansativo, mas algo necessário e caro à nossa função. Quantas são as reuniões difíceis e que parecem intermináveis... correções exaustivas de pilhas de provas, planilhas de processos seletivos, formulários eletrônicos preenchidos a toda hora, pareceres etc. (nos tomando tantas vezes os fins de semana e, de novo, um tempo que não volta)... Isso nos exaure, mas, ao mesmo tempo, penso que cumprir tais tarefas com dedicação e seriedade é obrigação e dever de ofício, que

⁹⁶ Esta preocupação talvez resulte das evidências e circunstâncias em que se deu o meu acesso à Academia. Para destacarmos apenas o tempo de trabalho vivido na UFU, ainda jovem, em 2008, encontrei-me tomado de expectativas, com o notável desenvolvimento e crescimento da Universidade (naquele segundo mandato presidencial de Lula, que corrigia distorções históricas do ensino universitário no país). Oito anos depois, em 2016 (e conhecendo nos anos seguintes situações ainda muito piores), as condições do país não são as mesmas, e a Universidade desde então amarga um conjunto de precarizações. O desafio que vejo pela frente é ampliar a luta para garantirmos uma Universidade, pública, gratuita e laica, com a qualidade a que a população espera, fazendo com que ela seja peça fundamental ao desenvolvimento da sociedade e do país. A forma como os interesses do mercado (e da alta finança), e, em última instância, da razão neoliberal (que hoje já encontra limites) e do recrudescimento do conservadorismo (político e cultural) que abatem o país e o mundo, exigirá de nós, professores, uma dose ainda mais significativa de ação. É com tal espírito que, insistentemente, sigo trabalhando.

também nos recompensam. Me orgulho dos votos e de posições a duras custas defendidas (e tantas vezes perdidos) na universidade. Em nada voltaria atrás. O trabalho árduo foi e é numeroso. Mas os ganhos são muito maiores, tornando as dificuldades pequenas frente ao que pude colher com o trabalho, quando podemos elaborar um sentido outro às funções que acatamos.

Guardo ainda, com imensa felicidade, um conjunto de coisas que são frutos e presentes destes encontros, sobretudo ao reconhecer situações que podem à primeira vista parecer pequenas, mas que a mim são absolutamente importantes. A cada vez que um orientando conclui um trabalho (as vezes o primeiro a formar-se na família), ou com muita satisfação tem uma pesquisa publicada e reconhecida, isso é, para mim, uma felicidade imensa. A satisfação em ver professoras da rede pública municipal de ensino, ao concluírem e defenderem suas monografias (no curso de especialização que pude ministrar aulas e orientar), com todas as dificuldades que tinham para frequentar aulas aos sábados e também em escrever a monografia, foi também para mim uma conquista. Pensar que pude somar, alguma coisa que seja, para uma aula ou melhor interpretação de um fenômeno geográfico aos ex-alunos e alunas, que por vezes reencontro depois de muitos anos, em Uberlândia ou pelos eventos da Geografia no país (eles me chamando ainda de professor, mesmo quando as vezes já não me lembro de seus nomes), ou ainda contribuir, em uma banca de defesa, tornando o trabalho melhor, por vezes com o mínimo que seja, tudo isso é a mim, sempre, também uma alegria. Estas coisas todas me nutrem e conferem um sentido especial ao trabalho, uma satisfação e felicidade imensas.

Posso hoje com certeza afirmar que, vários dos trabalhos de mestrado que orientei são, em muito, melhores que minha própria dissertação de mestrado. O mesmo ocorre com as teses – as pesquisas de alguns doutores e doutoras por mim orientados nestes anos puderam revelar mais e melhor a dinâmica da sociedade e do território brasileiros do que eu mesmo pude revelar em minha tese – com muita felicidade eu sempre lhes disse isso, aos concluirmos o texto e ao encaminharmos à banca avaliadora. Ver pesquisas de meus alunos superando a do próprio mestre é, para mim, uma felicidade imensa. Poder ter o privilégio de experiências como estas é uma grande recompensa e um absoluto sentimento de dever cumprido.

Penso ser ainda importante revelar algo que também muito nutre minhas práticas na Academia. Pude trilhar e conquistar o que relatei, a partir de meus encontros com a Geografia, e pela Geografia, mas, ainda que nada tivesse conquistado, mesmo assim a Geografia me seria importante – a própria Ciência Geográfica é, para mim, um alento. Trata-se, como já afirmei,

de uma das mais potentes possibilidades para a compreensão do mundo (hoje tão confusamente compreendido), para converter atitudes e para a elaboração de um mundo mais humano e belo (pressupondo que sem justiça e igualdade não há beleza e humanidade possíveis).

Assim, poder observar e pensar (e por agora, tantas vezes junto a meu filho) na gênese, seja a de um pequeno seixo, no leito de um rio raso, ou, do alto, imaginar a formação de um vasto vale, se estendendo e ocupando a paisagem, ou ainda o modo como se constitui o trabalho nos campos, como se estruturam pequenas vilas ou grandes metrópoles, como as pessoas nelas traçam a sua existência e, em tudo isso, como o trabalho e a luta das gentes se realiza no e pelo Espaço, isso me alimenta a alma. Ler um grande autor, tomar contato com uma obra nova e interessante ou voltar a um clássico com novas lentes (coisa a que só o tempo proporciona), isso tudo me é, a todo tempo, uma felicidade⁹⁷. O contato com o Espaço, ou com o conhecimento sobre ele produzido, sempre me trouxe e traz satisfações imensas – é para mim a Geografia um dos melhores caminhos para decifrar os segredos das coisas vivas. Isso me inspira, me desperta novos interesses, me exige mais e mais esforços e disciplina, para quem sabe alcançar condições outras e melhores em minhas práticas na Universidade.

Esta trajetória de encontros com a Geografia me faz pensar que sou muito grato à vida e as gentes a quem encontrei ao longo desta trajetória de aprendizado, que fui abençoado por bons acasos, que trabalhei muito e que fiz escolhas corretas. Sigo andando e feliz ao continuar por este caminho, tentando fazer algo melhor, formando bons alunos, orientando novos pesquisadores e vendo-os quem sabe poder fazer mais e melhor do que eu fiz. Olhando para a frente, é esta a meta.

⁹⁷ Há algum tempo, preparando uma palestra para uma aula inaugural de semestre letivo no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Campus Pontal FACIP/UFU (Ituiutaba), e querendo dizer isso aos alunos, encontrei o texto de um filósofo que, a partir das reflexões de Spinoza, aponta justamente tal questão – pode o conhecimento garantir-nos alguma felicidade? (Paula, 2014). Pude citá-lo recentemente aos alunos, na última vez que ofereci a disciplina Metodologia da Geografia, no PPGEIO/IGESC-UFU, no primeiro semestre de 2024. Também em dezembro de 2023, na cerimônia de entrega do Prêmio Capes de Teses 2023, em Brasília, a professora Mercedes Bustamante, então presidente da Capes, citou a obra de um biólogo estadunidense a que eu não conhecia – Edward Wilson (2015), indicando uma coisa evidente e ao mesmo tempo fantástica, pelas palavras do próprio autor - “Primeiro a paixão, depois os estudos”. Considerando as duas situações, penso que meu amor (muito mais que paixão) pela Ciência em geral, e pela Geografia em particular, e o trabalho sereno e paciente em torno da busca pelo conhecimento geográfico, nestes anos todos de Universidade, são, para mim, fontes de imensa felicidade.



Fig. 19. Amanda e Joaquim, maiores presentes desta minha trajetória geográfica, Tiradentes/MG, jan./2020 (foto do autor).

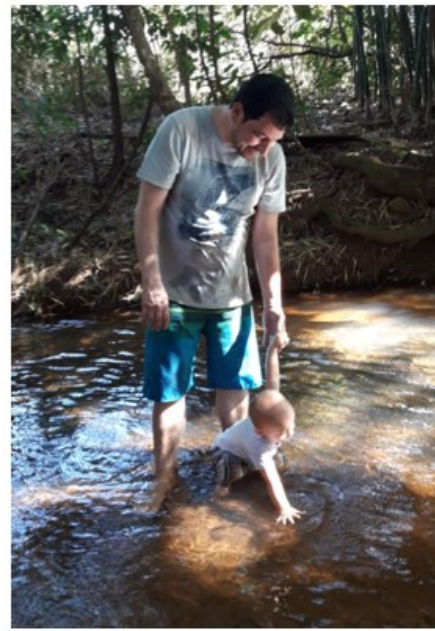


Fig. 20. Com o Joaquim, primeiro banho de rio, Conceição das Alagoas/MG, 2019 (arquivo pessoal).



Fig. 21. Levando o filhote aos eventos da Geografia, São Paulo, 2024 (foto do autor).



Fig. 22. Com Joaquim em Píscac, vale do Urubamba, Peru, 2025 (foto do autor).



Fig. 23. De um *trailer* de café, UFF/Praia Vermelha, Niterói, 2024 (foto do autor).

Referências:

- Almeida, A. S. *et. al.* Implicações espaciais da crise urbana em Uberlândia-MG: dos espaços de valorização imobiliária às ocupações dos Sem-Teto. (2019). *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, 9 (3), 287-312. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OREG-v9-n3-2018-48494>, acesso em 21 ago. 2025.
- Alves, D. C.; Pereira, M. F. V. Migração para o trabalho agrícola no Cerrado Mineiro: uma avaliação a partir do município de São Gotardo. *Revista Geonordeste*, v. 31, p. 87-106, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/15231>, acesso em 21 ago. 2025.
- Amorim Filho, O. B. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 11, n. 21-22, p. 67-87, 1999.
- Arrighi, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto / São Paulo: Ed. Unesp, 1998 [1994].
- Barros, M. de. *Poesias*. São Paulo: Leya, 2013 [1947].
- Benko, G.; Pecqueur, B. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. *Geosul*, Florianópolis, v.16, n.32, p.31-50, 2001.
- Bernardes, A. M. *et. al.* *O papel ativo da geografia: um manifesto*. São Paulo: Laboplan/USP, 2001.
- Brandão, C. Construção social de uma variedade de mercados: capitalização de rendas e capitalismo de plataforma. *Geousp*, v. 28, n. 1, jan./abr. 2024.
- Candido, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003 [1964].
- Carroll, L. *Alice no país do espelho e o que ela encontrou por lá*. Porto Alegre: L&PM, 2008 [1871].
- Carneiro, P. A. S.; Pereira, M. F. V. Território da desigualdade: pobreza, fome e concentração fundiária no Brasil contemporâneo. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n.2, p. 255-270, 2005. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/656/598>. Acesso em 15 jun. 2025.
- Ceceña, A. E. Estados Unidos: reposicionamento hegemônico para o século XXI. In: Santos, T. dos; Martins, C. E.; Sá, F.; Bruckmann, M. (org.). *Globalização: Dimensões e alternativas. Hegemonia e contra-hegemonia* (Vol. 2). São Paulo: Loyola, 2004. p.110-141.
- Ceron, A. O. Distância do mercado e intensidade do uso da terra como fatores da localização da força de trabalho agrícola no estado de São Paulo. *Boletim Paulista De Geografia*, (50), p. 143–158, 1976. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1124>, acesso em 13 ago. 2025.

Chesnais, F. O capital portador de juros: Acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: Chesnais, F. (org). *A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências*. São Paulo: Boitempo, 2005, p.35-67.

Coelho, O. M.; Pereira, M. F. V. O circuito inferior da economia na área central de Uberlândia-MG: avaliação e caracterização. *Geografia* (Londrina), v. 20, p. 163-188, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2011v20n1p163>. Acesso em 06 jul. 2025.

Corrêa, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Dardot, P.; Laval, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

Delgado, G. C. *Do “capital financeiro na agricultura” à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012.

Elias, D. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. *Scripta Nova*, v. X, n. 218 (03), 2006, Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn218-03.htm>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Elias, D. Agronegócio globalizado, uso corporativo do território, pobreza e desigualdades socioespaciais no Brasil. In: Arroyo, M.; Silva, A. M. B. (org.). *Instabilidade dos territórios: por uma leitura crítica da conjuntura a partir de Milton Santos*. São Paulo: FFLCH/USP, 2022. p. 113-135.

Fontes, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. *Marx e o marxismo*, V.5, n.8, jan/jun, 2017.

Freitas, A. V. *Áreas protegidas, normas e território usado: o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) como instrumento de ordenamento territorial*. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2014.393>, acesso em 05 ago. 2025.

Freitas, A. V.; Pereira, M. F. V. La protección ambiental como norma y uso del territorio: el ejemplo del Sistema Nacional de Unidades de Conservación de la Naturaleza (SNUC) en Brasil. *Revista Catalana de Dret Ambiental*, Tarragona, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: [10.17345/rcda2823](https://doi.org/10.17345/rcda2823). Acesso em: 15 ago. 2025.

Gonçalves, C. U.; Santos, J. de L.; Pereira, M. F. V.; Almeida, N. A. R. L. de. Região, regionalização e políticas territoriais: Escalas, experiências e atores. *Revista da ANPEGE*, v. 12, p. 57-76, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6393/3345>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Gonçalves, J. C. *O circuito inferior da economia urbana em Montes Claros-MG: Nexos campo-cidade e as redes tecidas a partir do Mercado Municipal e das Feiras Livres*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5124>, acesso em 05 ago. 2025.

Harvey, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

Harvey, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

Jabbour, E.; Dantas, A.; Vadell, J. Da nova economia do projeto à globalização instituída pela China. *Estudos Internacionais: Revista De relações Internacionais Da PUC Minas*, 9 (4), p.90–105, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2021v9n4p90-105>, acesso em 14 ago. 2025.

Kahil, S. p. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 475-485, 2010.

Kahil, S. P. Psicoesfera: a modernidade perversa. *Revista do Departamento de Geografia*, n. 11, p. 217-220, 1997.

Kahil, S. P. (org.). *O tamanho do Brasil: território de quem?* São Paulo: Max Limonad, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1lhC_YHkPHCtPNZ4V70nPMlvNpwclepsC/view. Acesso em 26 ago. 2025.

La Blache, P. V. de. As características próprias da geografia. In: Christofletti, A. (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982 [cap. de 1913].

Lepera, L. P. *Espaço e Política: O PCB e suas ações no território brasileiro (1922-1964)*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.480>, acesso em 05 ago. 2025.

Liska, E. R. *Normas, competitividade e uso do território no município de Extrema-Minas Gerais, pós 1990*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.213>, acesso em 05 ago. 2025.

Martins, V. A. M. *Minério-Dependência em Congonhas-MG: Especialização produtiva, vulnerabilidade territorial e psicofera do desenvolvimento*. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5220>, acesso em 05 ago. 2025.

Marx, K. Ganho do capital. Cap.1. In: Marx, K. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004, p.39-60. [1844].

Mbembe, A. *Brutalismo*. São Paulo: n-1 Edições, 2ª ed. 2022 [2020].

Mesquita, F. C. ; Sampaio, M. A. P. ; Santos, H. F. dos; Pereira, M. F. V. ; Castillo, R. A. A vulnerabilidade do Brasil canavieiro. *Outras Palavras*, 17 ago. 2020. Disponível em <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/na-cana-retrato-da-reprimizacao-do-brasil/>. Acesso em 24 jun. 2025.

Motter, C. *O agronegócio de carnes de aves e suínos e a especialização regional do Oeste Catarinense*. 2020. Tese (Doutorado em Geografia). PPGEIO/IG-UFU, Uberlândia, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2020.3017>, acesso em 05 ago. 2025.

Oliveira, I. R.; Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Novas ofertas e novos agentes para o consumo produtivo do agronegócio: As agechs em Uberlândia, MG. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, v. 15, p. 673-690, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/75091>. Acesso em 15 ago. 2025.

Osório, J. América Latina: O novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região. Cap. 4. In: Ferreira, C.; Osório, J.; Luce, M. (org). *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo: 2012.

Paula, M. F. de. Pode o conhecimento dar alguma alegria? Uma interpretação da "Melancolia I", de Albrecht Dürer, a partir da "Ética" de Spinoza. *Kriterion*, 55 (130), 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200009>. Acesso em 16 ago. 2025.

Paulani, L. A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil. *Estudos Avançados*, 23 (66), 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000200003>, acesso em 19 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Redes e Territorialidade da Indústria Aeronáutica no Brasil: A Embraer e suas estratégias de uso do território. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.1, p. 39-54, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/841>, acesso em 24 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Região - Pluralidade e Permanência: Desafios e tendências da categoria região em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n.3, p. 339-353, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1065>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V. Agentes e normas na transformação do espaço urbano: a Embraer em Gavião Peixoto - SP, Brasil. *Scripta Nova* (Barcelona), v. XI, n.134, p. 1, 2005. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-35.htm>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V. As contradições de uma “cidade científica”: Processo de urbanização e especialização territorial em Viçosa (MG). *Caminhos de Geografia*, v. 6, n. 16, p. 197–206, 2005. DOI: [10.14393/RCG61615459](https://doi.org/10.14393/RCG61615459). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15459>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V. *Redes e Verticalidades como estratégias de uso do território por grandes empresas: o exemplo da Embraer S/A*. Dissertação (mestrado em Geografia). IGCE, Unesp, Rio Claro, 2005. 123 f. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/95633>. Acesso em 29 mai. 2025.

Pereira, M. F. V. O território sob o "Efeito Modernizador": a face perversa do desenvolvimento. *Interações (UCDB)*, Campo Grande, v. 8, n.13, p. 63-69, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122006000200007>. Acesso em 15 ago 2025.

Pereira, M. F. V. A gestão neoliberal do território: normas e viabilidade territorial nas concessões do sistema rodoviário paulista. *Geografia*. Rio Claro, v. 32, n. 1, p. 153-162, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1434>. Acesso em 03 ago. 2025.

Pereira, M. F. V.. Trajetórias da Indústria Aeronáutica no Território Brasileiro - Embraer S/A: do Projeto Geopolítico Militar à Produção Globalizada. *Caminhos de Geografia*, v. 7, p. 102-112, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCG82015479>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V. *O processo recente de atualização do território no sudoeste da Amazônia: lógicas exógenas e dialéticas endógenas em Rondônia e Acre*. 2009. 329 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/104318>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Potencialidades da análise regional no estudo das tendências de modernização e fragmentação do território. *Revista de Ciências Humanas (Viçosa)*, v. 9, p. 13-22, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3516>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V. Redes, sistemas de transporte e as novas dinâmicas do território no período atual: notas sobre o caso brasileiro. *Sociedade & Natureza*, v. 21, p. 121-129, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000100008>. Acesso em 15 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. A inserção recente da cana-de-açúcar no sudoeste da Amazônia: novos indícios da instabilidade do território em Rondônia e Acre. *Interações (UCDB)*, v. 11, p. 187-193, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122010000200007>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V.. A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais em tempos de globalização. *Sociedade & Natureza*, v. 22, p. 347-355, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132010000200009>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. O movimento hidroviário no sudoeste da Amazônia brasileira - Rondônia e Acre: entre a logística corporativa e os transportes locais. *Biblio 3W* (Barcelona), v. XV, p. 888, 2010. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-888.htm>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Difusão da inovação, consumo e cotidiano no campo moderno – notas sobre o papel das feiras agropecuárias em Rondônia (Brasil). *RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise*, v. 21, p. 04-19, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/raega.v21i0.21229>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Espaço urbano e economia pobre no sudoeste da Amazônia: o circuito inferior na área central de Porto Velho-RO e Rio Branco-AC. *Geografia*, v. 36, p. 469-487, 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/8452>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. O antagonismo das normas territoriais no sudoeste da Amazônia: território usado e conflito de interesses em Rondônia e Acre. *Geografia*, v. 36, p. 107-117, 2011.

Pereira, M. F. V. Território e política: práxis invertidas e desafios da existência. *Sociedade & Natureza*, v. 23, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/11255>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. As atividades modernas da genética bovina no Brasil: funções e lógicas da especialização em Uberaba-MG. *Boletim Goiano de Geografia (Online)*, v. 32, p. 13-32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/bgg.v32i2.21075>, acesso em 14 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Os agentes do agronegócio e o uso do território no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: da moderna agricultura de grãos à expansão recente da cana de açúcar. *Revista do Departamento de Geografia (USP)*, v. 23, p. 55-82, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7154/RDG.2012.0023.0004>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Política, Liberdade e Humanismo - marcas de um pensamento. *Estudos Geográficos (UNESP)*, v. 10, p. 66-72, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/6961/5000>. Acesso em 15 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Conteúdos e transformações recentes na rede de cidades no sudoeste da Amazônia brasileira (Rondônia e Acre). *Geotextos*, v. 9, p. 123-149, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v9i2.7770>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Trabalho no campo e o território usado no sudoeste da Amazônia: Atualizações técnico-normativas e resistências locais. *Geousp: espaço e tempo*, Número Especial, p. 82, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2013.74936>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do Cerrado mineiro. *Cuadernos de Geografia*, v. 23, p. 239-254, 2014. Disponível em: https://revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/37333/pdf_13, acesso em 14 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. A modernização recente da pecuária bovina em Rondônia: Normas territoriais e a nova produtividade espacial. *Geo UERJ*, v. 1, p. 95-112, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/13534/13392>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V. Estado e mercado na definição de uma região agrícola moderna: processos e consequências no Triângulo Mineiro. In: Ramos Filho, E. da S.; Pereira, M. F. V.; Santos, J. de L.; Cleps, G. D. G.; Andrade, V. da C.. (Org.). *Estado, políticas públicas e território*. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 67-86.

Pereira, M. F. V. As 'cidades da cana' no Triângulo Mineiro (Brasil): Para uma discussão das implicações territoriais do agronegócio e de seus nexos urbanos. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina - EGAL, 2015, La Habana. Anais do XV Encuentro de Geógrafos de América Latina - EGAL. La Habana: Universidad La Habana, 2015.

Pereira, M. F. V. A feição regional do circuito espacial produtivo sucroenergético no Triângulo Mineiro e suas implicações territoriais. *Campo.Território*, v. 13, p. 162-188, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT132907>. Acesso em 14 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Espaço e território – organização, ordenamento e uso: notas teórico-epistemológicas. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 39, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/58066>. Acesso em 13 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Território e psicosfera: O Brasil e os desafios sob o horizonte neoliberal. In: Kahil, S. P. (Org.). *O tamanho do Brasil: Território de quem?* São Paulo: Max Limonad, 2021. p.271-285. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359177918_Territorio_e_Psicosfera_o_Brasil_e_os_desafios_sob_o_horizonte_neoliberal. Acesso em 26 ago. 2025.

Pereira, M. F. V. Agronegócio e urbanização no Triângulo Mineiro: As -cidades da cana- e as especificidades do urbano sob o efeito do setor sucroenergético. *Ateliê geográfico (UFG)*, v. 16, p. 185-203, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ag.v16i1.72157>. Acesso em 14 de ago. 2015.

Pereira, M. F. V. A hegemonia do agronegócio brasileiro: Tecnosfera, Psicosfera e o poder da informação. In: Duarte, L. P.; Frank, B. J. R. (org.). *Psicosfera: contribuições teóricas a partir de investigações geográficas*. Porto Alegre: Totalbooks, 2023. Disponível em: <https://totalbooks.com.br/wp-content/uploads/2024/06/PSICOSFERA.pdf>. Acesso em 07 mai. 2025.

Pereira, M. F. V. Uma cena inovadora para a “indústria-riqueza” do Brasil: as *agtechs* como novos agentes do agronegócio. In: Capel, H.; Oliveira, F. G. de; Algebaile, E.; Zaar, M.; Tunes, R.; Rodrigues, T. (Org.). *A geografia ibero-americana no contexto contemporâneo: um balanço crítico* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024, v. 2, p. 578-605.

Pereira, M. F. V.; Beiler, R. R. A vulnerabilidade das “cidades da cana” no Triângulo Mineiro, MG, Brasil: efeitos territoriais do encerramento das atividades de usinas sucroenergéticas. *Terr@ Plural* (UEPG), v. 14, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/13568>. Acesso em 14 ago. 2025.

Pereira, M. F. V.; Gonçalves, A. R. O ecoturismo em Brotas-SP: ação pública e privada na produção da localidade turística. *Geografia* (Rio Claro), Rio Claro, v. 29, n.2, p. 159-168, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/851>. Acesso em 15 de jun. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. O uso do território por grandes empresas e a dinâmica dos lugares: A Embraer em Gavião Peixoto. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 4, n.15, p. 28-40, 2005. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15385>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. Especialização territorial produtiva e produtividade espacial: A Embraer em São José dos Campos-SP. *Geosul* (UFSC), Florianópolis, v. 41, p. 47-66, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13167>. Acesso em 15 jun. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. Território e neoliberalismo no Brasil: as parcerias publico-privado e o uso corporativo do território. IX Coloquio Internacional de Geocrítica. *Actas del Colóquio...* Porto Alegre, UFRGS, 2007, Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/9porto/mirlei.htm>. Acesso em 13 ago. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. A lógica corporativa do uso do território em Rondônia: o agronegócio da soja na região de Vilhena. *Campo - Território*, v. 5, p. 288-311, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT51011991>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. . Território e agricultura no sudoeste da Amazônia: campo não moderno e produção para o consumo local. *Mercator*, v. 9, p. 47-64, 2010. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/372>. Acesso em 06 jul. 2025.

Pereira, M. F. V.; Kahil, S. P. A atualização territorial recente no sudoeste da Amazônia: lógicas exógenas e dialéticas endógenas em Rondônia e Acre. In: Ferreira, D. A. O.; Ferreira, E. R. (Org.). *Geografia e território: interpretações do espaço brasileiro*. Rio Claro: PPGE-UNESP, 2010, p. 19-36.

Pereira, M. F. V.; Silva, L. R. O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro: ações do Estado na consolidação de uma região agrícola especializada e suas implicações territoriais. In: Ramos Filho, E. da S.; Santos, L. R. S.; Santos, A. R. dos (Org.). *Agrocombustíveis, trabalho e resistências territoriais*. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 55-77.

Pereira, M. F. V.; Silva, L. R. Os nexos urbanos do agronegócio: uma avaliação a partir da genética bovina em Uberaba-MG. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 3, p. 449-473, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.54446/bcg.v3i3.127>, acesso em 14 ago. 2025.

Pessanha, R. M. Inovação, financeirização e *startups* como instrumentos e etapas do capitalismo de plataformas. In: Gomes, M. T. S.; Tunes, R. H.; Oliveira, F. G. (org). *Geografia da inovação: território, redes, finança*. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

Porto-Gonçalves, C. W. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: Ceceña, A. E.; Sader, E. (org.). *A guerra infinita: Hegemonia e poder mundial*. Cap. 10, p.289-358. Petrópolis: Vozes / Buenos Aires: Clacso, 2002.

Queiroz, M. I. P. de. Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

Ramos Filho, E. da S.; Pereira, M. F. V.; Santos, J. de L.; Cleps, G. D. G.; Andrade, V. da C. (Org.). *Estado, políticas públicas e território*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

Raffestin, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

Reis, W. S. *Usos hegemônicos e não hegemônicos do território no sudeste do Pará: a moderna mineração e o circuito inferior da economia urbana em Parauapebas*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.603>, acesso em 05 ago. 2025.

Ribeiro, A. C. T. Lugares dos saberes: diálogos abertos. In: Brandão, M. A. (org.). *Milton Santos e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004a, p.39-49.

Ribeiro, A. C. T. Regionalização: fato e ferramenta. In: Limonad, E.; Haesbaert, R.; Moreira, R. (org.). *Brasil século XXI: Por uma regionalização? Processos, Escalas, Agentes*. São Paulo: Max Limonad, 2004b. p.194-212.

Ribeiro, A. C. T. Outros territórios, outros mapas. *OSAL: Observatorio Social de América Latina*. Año 6 no. 16, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16TRibeiro.pdf>, acesso em 13 ago. 2025.

Ribeiro, A. C. T. *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

Ribeiro, A. C. T. *Teorias da Ação*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

Ribeiro, A. C. T. A voracidade do poder: dimensões do território usado. In: KAHIL, S. P. (org.). *O tamanho do Brasil: território de quem?* São Paulo: Max Limonad, 2021, p. 57-67. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1IhC_YHkPHCtPNZ4V70nPMlvNpwclepsC/view. Acesso em 26 ago. 2025.

Ribeiro, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006 [1995].

Sampaio, M. de A. P.; Pereira, M. F. V. Trabalho escravo: a barbárie que o agro esconde. *Outras Palavras*. 12 de maio de 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/trabalhoescravo-a-barbarie-que-o-agro-esconde/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

Santos, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2006 [1988].

Santos, H. F. dos; Sampaio, M. A. P.; Mesquita, F. C.; Pereira, M. F. V. Crise do setor sucroenergético no Brasil e a vulnerabilidade territorial dos municípios brasileiros. *EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales*, v. 48, p. 1-26, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/eure.48.145.02>. Acesso em 19 ago. 2025.

Santos, H. F. dos; Teodoro, M. A.; Pereira, M. F. V.; Almeida, M. C. de; Frederico, S. Competitividade regional, expansão e implicações territoriais do setor sucroenergético no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. In: Bernardes, J. A.; Castillo; R. (Org.). *Espaço geográfico e competitividade: regionalização do setor sucroenergético no Brasil*. 1ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, v. 1, p. 61-90.

Santos, M. A totalidade do diabo. Como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: Santos, M. *Economia Espacial: Críticas e Alternativas*. Cap. 7. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2003 [1979].

Santos, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

Santos, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

Santos, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986 [1978].

Santos, M. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Santos, M. Uma ordem espacial: a economia política do território. *GeoINova*, Lisboa, n. 3, p. 33-48, 2001. Disponível em: <https://geoinova.fcsh.unl.pt/revistas/files/n3-2.pdf>. Acesso em 08 ago. 2025.

Santos, M. O retorno do território. In: Santos, M.; Souza, M. A. A.; Silveira, M. L. (org.). *Território: Globalização e fragmentação*. 5ª. Ed., São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002 [primeira edição 1994].

Santos, M. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004 [1975].

Santos, M.; Silveira, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Santos, M. *Testamento intelectual* (Milton Santos entrevistado por Jesus de Paula Assis, colaboração de Maria Encarnação Sposito). São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Silva, L. R. S. *O BNDES e a sustentação do setor sucroenergético no Brasil: implicações territoriais no contexto neoliberal e de financeirização*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.328>, acesso em 05 ago. 2025.

Silva, L. R. *Agronegócio globalizado e uso do território no contexto de financeirização: o Grupo Cosan e o setor sucroenergético brasileiro*. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5313>, acesso em 05 ago. 2025.

Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Território, agronegócio e *startups*: as *agtechs* no ecossistema de inovação de Uberlândia, Minas Gerais. *Geousp*. 29 (2), 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2025.233513.pt>.

Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Uso do território e valorização financeira: O Grupos Cosan no setor sucroenergético brasileiro. *Sociedade & Natureza*, v. 35, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/SN-v35-2023-68172>, acesso em 14 ago. 2025.

Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. O BNDES e a sustentação recente do setor sucroenergético brasileiro (2002-2015). *Geosul*, v. 34, p. 276-300, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n71p276>, acesso em 14 ago. 2025.

Silva, L. R.; Pereira, M. F. V. Os financiamentos do BNDES à logística do setor sucroenergético (2002-2015): concentração e reforço do uso corporativo do território no Brasil. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*. v. 12, p. 335-356, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17127/got/2017.12.015>, acesso em 14 ago. 2025.

Silva, P. H. da; Pereira, M. F. V. Cadastro Ambiental Rural (CAR): Digitalização da terra e os limites para a gestão ambiental em Uberlândia-MG. *Estudos Geográficos (UNESP)*, v. 22, p. 322-343, 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/18369>, acesso em 21 ago. 2025.

Silveira, M. L. *Um país, uma região*. Fim de século e modernidades na Argentina. São Paulo: FAPESP/Laboplan-USP, 1999a.

Silveira, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Território*. Rio de Janeiro, ano IV, n.6. p.21-28, 1999b.

Silveira, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *Geosp* n.19, São Paulo, p.81-91, 2006.

Silveira, M. L. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. *Ciência Geográfica*. Vol. XV (1), p. 04-12, 2011.

Souza, G. V. A. de. *A elaboração da viabilidade territorial para o agronegócio na região do Matobipa*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.325>, acesso em 05 ago. 2025.

Souza, G. V. A.; Pereira, M. F. V. *MATOPIBA: a Inteligência Territorial Estratégica (ITE) e a regionalização como ferramenta*. REVISTA NERA (UNESP), v. 44, p. 22-45, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i47.6264>, acesso em 14 ago. 2025.

Souza, S. G. de. *Assentamentos rurais e circuitos curtos de comercialização de alimentos: Experiências e significados territoriais no Norte de Minas Gerais*. 2024. Tese (Doutorado em Geografia). IG/UFU, Uberlândia, 2014. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.5014>, acesso em 05 ago. 2025.

Srnicek, N. *Capitalismo de plataformas*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

Stacciarini, J. H. S. *O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro (MG): Crescimento econômico e manutenção das desigualdades sociais em municípios especializados*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.604>, acesso em 05 ago. 2025.

Stacciarini, J. H. S.; Pereira, M. F. V. O setor sucroenergético no Triângulo Mineiro: crescimento econômico e manutenção das desigualdades sociais nas “cidades da cana”. *Ateliê*

Geográfico, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 55–74, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/46969>. Acesso em: 26 ago. 2025.

Svampa, M. “Consenso de los Commodities” y lenguajes de valoración en América Latina. *Nueva Sociedad*, v. 244, p.30-46, 2013. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/consenso-de-los-commodities-y-lenguajes-de-valoracion-en-america-latina/>, acesso em 15 ago. 2025.

Teixeira, M. E. S. *Efeitos da expansão do setor sucroenergético sobre a pecuária bovina - uma avaliação na região de Ituiutaba-MG*. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.137>, acesso em 05 ago. 2025.

Teixeira, M. E. S. *Inserção e instabilidade do capital internacional no setor sucroenergético brasileiro: Uso corporativo e estratégias territoriais do grupo BP Bunge Bioenergia*. 2024. Tese (Doutorado em Geografia). IG-UFU, Uberlândia, 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.108>, acesso em 05 ago. 2025.

Teixeira, M. E. S.; Pereira, M. F. V. Expressões do processo de digitalização no setor sucroenergético brasileiro: uma avaliação a partir do grupo BP Bunge Bioenergia. *Revista da ANPEGE*, 21(45). 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5418/ra2025.v21i45.19494>, acesso em 31 out. 2025.

Teixeira, M. E. S.; Pereira, M. F. V. A produção sucroenergética na MRG de Ituiutaba, Minas Gerais. *Campo.Território*, v. 18, p. 98-119, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCT184967388>, acesso em 14 ago. 2025.

Teixeira, M. E. S.; Pereira, M. F. V. Expansão recente do setor sucroenergético e implicações territoriais na pecuária bovina: Uma avaliação na região de Ituiutaba (MG). *Estudos Geográficos (UNESP)*, v. 19, p. 249-267, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/estgeo.v19i3.16283>, acesso em 14 ago. 2025.

Vian, H. C. *Território e Educação a Distância: Financeirização e digitalização do ensino superior privado no Brasil*. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.662>, acesso em 05 ago. 2025.

Weber, M. *Ciência e Política: duas vocações*. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2002 [1919].

Wilson, E. O. *Cartas a um jovem cientista*. Companhia das Letras: São Paulo, 2015.